



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO – PROPADM
MESTRADO EM ADMINISTRAÇÃO

DAVID NUNES DA CUNHA

**A ECOINOVAÇÃO EM EMPREENDIMENTOS DE TURISMO SUSTENTÁVEL:
ESTUDO DE MÚLTIPLOS CASOS NO ENTORNO DO RIACHO DO TALHADO**

São Cristóvão/SE

2020

DAVID NUNES DA CUNHA

**A ECOINOVAÇÃO EM EMPREENDIMENTOS DE TURISMO SUSTENTÁVEL:
ESTUDO DE MÚLTIPLOS CASOS NO ENTORNO DO RIACHO DO TALHADO**

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal de Sergipe.

Orientadora: Profa. Dr^a. Veruschka Vieira Franca.

São Cristóvão/SE

2020

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA PROFESSOR ALBERTO CARVALHO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

C972e Cunha, David Nunes da.
A ecoinovação em empreendimentos de turismo sustentável:
estudo de múltiplos casos no entorno do riacho do talhado / David
Nunes da Cunha; orientadora Veruschka Vieira Franca. – São
Cristóvão, SE, 2020.
110 f.; il.

Dissertação (Mestrado em Administração) – Universidade
Federal de Sergipe, 2020.

1.Ecoinovação. 2. Sustentabilidade. 3. Turismo. 4. Turismo
sustentável. I. Franca, Veruschka Vieira. II. Título.

CDU 005.591.6:338.484



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO
MESTRADO EM ADMINISTRAÇÃO

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

MESTRANDO: DAVID NUNES DA CUNHA

TÍTULO DA DISSERTAÇÃO: A ECOINOVAÇÃO EM EMPREENDIMENTOS DE TURISMO SUSTENTÁVEL: O ESTUDO DE MÚLTIPLOS CASOS NO ENTORNO DO RIACHO DO TALHADO

DATA DA DEFESA: 07/02/2020 **HORA:** 09:00

EXAMINADORES:

- Profa. Dr^a. Veruschka Vieira Franca (Presidente - Orientadora)
- Profa. Dr^a. Maria Conceição Melo Silva Luft (Examinador Interno)
- Profa. Dr^a. Jennifer Caroline Soares (Examinador Externo ao Programa)

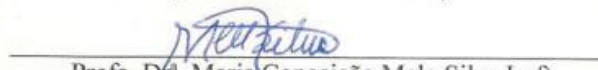
PARECER:

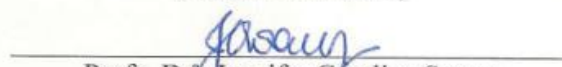
Depois de avaliarmos o Projeto de dissertação e realizados os ritos acadêmicos da defesa, em que o candidato apresentou em sessão pública seu trabalho de pesquisa e respondeu às nossas observações críticas, nós os examinadores, atribuímos, em sessão privada, o seguinte conceito:


☒ APROVADO
☐ REPROVADO

Assinaturas:


Prof. Dr^a Veruschka Vieira Franca
(Presidente - Orientadora)


Prof. Dr^a. Maria Conceição Melo Silva Luft
(Examinador Interno)


Prof. Dr^a Jennifer Caroline Soares
(Examinador Externo ao Programa)


David Nunes da Cunha (Discente)

São Cristóvão, 07 de fevereiro de 2020

Dedico este trabalho à minha esposa, Juliana Kelly, e à minha filha, Maria Isabela, por me fazerem entender o significado das palavras “família” e “amor”. Aos meus pais, Josué e Maria de Lourdes (rocha e doçura), pela presença constante em minha vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha esposa, Juliana Kelly, e à minha filha, Maria Isabela, pela inspiração, pelo apoio e pelo amor.

Aos meus pais, Josué Antônio e Maria de Lourdes, por sempre acreditarem em mim, mesmo quando nem eu mesmo acreditava.

Aos meus familiares: Taiza, Janaina, Jailson, Cristiana, Antônio, Jaiza, Aldemário e Ivânia, pelo apoio, pela presença, pelo exemplo e pelos ensinamentos.

Ao amigo de graduação Ricardo Ferreira.

Aos meus amigos do trabalho e da vida: Agnaldo José, Jérsica Florindo, Jailson Rodrigues e Ronaldo dos Santos, pelo incentivo durante o mestrado.

À Professora Veruscka Franca, pela paciência, pela generosidade, pelo apoio e pela orientação.

Aos professores do PROPADM, pela imensa contribuição na construção de novos saberes que carregarei sempre comigo. Especialmente a professora Aline França, pela acolhida em momento de dificuldade.

Aos professores Emílio Filho, Joubert Lessa, Paulo da Cruz, Nivalto Tenório, Sheyla Farias e Fernando Pinto.

Ao imortal Antônio Carlos Gomes Belchior Fontenelle Fernandes que inspira minhas reflexões e reflete meus anseios desde 1995.

Aos amigos e companheiros de turma que compartilharam experiências e vivências que tanto agregaram na minha vida pessoal e profissional, em particular a Margareth Costa, companheira de orientação, artigos e publicações.

Aos empreendedores e guerreiros do sertão alagoano: Francisco José, Raimundo Nonato e Eliseu Gomes, pela presteza com a qual colaboraram para a realização desta pesquisa e pelo relevante papel que exercem na cidade de Delmiro Gouveia.

Finalmente, agradeço a todos aqueles que de alguma maneira me possibilitaram alcançar o fim dessa jornada.

*“Minha dor é perceber
Que apesar de termos feito
Tudo, tudo, tudo, tudo o que fizemos
Ainda somos os mesmos e vivemos
Ainda somos os mesmos e vivemos
Como nossos pais”.*

(Belchior)

RESUMO

As inovações permitem a sobrevivência e a reinvenção das práticas e condutas das organizações, fazendo com que elas atendam às demandas apresentadas por seus clientes ou usuários de serviços. A ecoinovação se constitui como uma modalidade de inovação que tem como objetivo trazer um novo patamar na busca de soluções que interfiram de maneira positiva na relação com o meio ambiente, sendo um dos caminhos que podem conduzir à sustentabilidade ambiental. Nessa perspectiva, os empreendimentos com preocupação ambiental começam a enxergar na ecoinovação uma oportunidade de agregar valor e atrair novos clientes. O estudo objetivou identificar as ecoinovações e os principais determinantes de ecoinovação nos empreendimentos que apresentam indícios de turismo sustentável no entorno do Riacho do Talhado, na Cidade de Delmiro Gouveia, Alagoas. Para o alcance desse objetivo, foram realizados estudos de múltiplos casos em três empreendimentos de turismo sustentável, considerando-se a localização geográfica e a relevância do turismo quanto à geração de emprego, renda, suas diversas interações e os impactos sociais. Inicialmente, foram verificados os segmentos de turismo que são praticadas e foi realizado o enquadramento dos empreendimentos nos princípios técnicos propostos pelo Conselho Brasileiro de Turismo Sustentável – CBTS; posteriormente, foram apontadas as práticas de ecoinovação, com a adaptação de um modelo de *checklist* utilizado para identificar a presença de ecoinovações, proposto por Cândido e Brito (2019), e também foram identificadas as dimensões, as tipologias e os tipos de agentes de ecoinovação, para só então diagnosticar, a partir de um modelo proposto por Aloise (2015), os principais determinantes de ecoinovações nos empreendimentos pesquisados. A coleta de dados ocorreu por meio de e realização de duas entrevistas semiestruturadas com os proprietários, sendo utilizada abordagem qualitativa; o estudo foi classificado como descritivo e exploratório, e o método foi dedutivo, com análise de conteúdo. Houve emprego de evidências, dados secundários e documentais. Os resultados apontaram para o fato de que as organizações pesquisadas atendem aos princípios do CBTS, são ecoinovadores e seus fatores determinantes são similares, apesar de focarem suas ações em diferentes segmentos de turismo.

Palavras-chave: Ecoinovação. Sustentabilidade. Turismo. Turismo Sustentável.

ABSTRACT

Innovations allow the survival and reinvention of organizations' practices and conduct, making them meet the demands presented by their customers or service users. Eco-innovation is an innovation modality that aims to bring a new level to the search for solutions that positively interfere in the relationship with the environment, being one of the ways that can lead to environmental sustainability. In this perspective, enterprises with environmental concerns are beginning to see eco-innovation as an opportunity to add value and attract new customers. The study aimed to identify eco-innovations and the main determinants of eco-innovation in enterprises that show signs of sustainable tourism in the surroundings of Riacho do Talhado, in the city of Delmiro Gouveia, Alagoas. To achieve this objective, multiple case studies were carried out in three sustainable tourism enterprises, considering the geographic location and the relevance of tourism in terms of job creation, income, its various interactions and social impacts. Initially, the tourism segments that are practiced were checked and the enterprises were framed according to the technical principles proposed by the Brazilian Council for Sustainable Tourism - CBTS; subsequently, eco-innovation practices were pointed out, with the adaptation of a checklist model used to identify the presence of eco-innovations, proposed by Cândido and Brito (2019), and the dimensions, typologies and types of eco-innovation agents were also identified. , only then to diagnose, based on a model proposed by Aloise (2015), the main determinants of eco-innovations in the researched enterprises. Data collection took place through and conducting two semi-structured interviews with the owners, using a qualitative approach; the study was classified as descriptive and exploratory, and the method was deductive, with content analysis. Evidence, secondary and documentary data were used. The results pointed to the fact that the organizations surveyed comply with the CBTS principles, are eco-innovators and their determining factors are similar, despite focusing their actions on different segments of tourism.

Keywords: Eco-innovation. Sustainability. Tourism. Sustainable Tourism.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – Modelo conceitual de avaliação a partir dos determinantes da Eco inovação.....	34
Figura 02 – Protocolo do Estudo de Caso.....	52
Figura 03 – Mapa do Turismo de Alagoas.....	54
Figura 04 – Foto da Formação Rochosa que dá nome ao Riacho do Talhado.....	57
Figura 05 – Coletânea de Fotos da Pousada Mirante do Talhado.....	58
Figura 06 – Coletânea de Fotos da Pousada Verde Canyon de Luz.....	65
Figura 07 – Coletânea de Fotos da Pousada e Restaurante Ecológico Castanho.....	72

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 – Conceitos de Eco inovação.....	24
Quadro 02 – Tipologia de eco inovação segundo Rennings.....	26
Quadro 03 – Tipologia de eco inovação segundo Cheng, Yang e Sheu.....	26
Quadro 04 – Dimensões e tipos de eco inovações aplicáveis à atividade turística.....	27
Quadro 05 – Classificação de eco inovações.....	28
Quadro 06 – Fatores determinantes das eco inovações baseados na bibliografia.....	30
Quadro 07 – Fatores determinantes e condições para o desenvolvimento/adoção da eco inovação segundo Rennings.....	31
Quadro 08 – Determinantes da eco inovação.....	32
Quadro 09 – Segmentação do turismo no Brasil.....	37
Quadro 10 – Constructos e categorias Analíticas.....	51
Quadro 11 – Tipologias de eco inovação na Pousada Mirante do Talhado de acordo com diferentes autores.....	62
Quadro 12 – Tipologias de eco inovação na Pousada Verde Canyon de Luz de acordo com diferentes autores.....	69
Quadro 13 – Tipologias de eco inovação na Pousada e Restaurante Ecológico Castanho de acordo com diferentes autores.....	76
Quadro 14 – Comparativo das categorias analíticas do constructo Turismo Sustentável.....	78
Quadro 15 – Comparativo das categorias analíticas do constructo Eco inovação.....	81

LISTA DE SIGLAS

CBTS	Conselho Brasileiro do Turismo Sustentável
CEPAL	Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
EMBRATUR	Instituto Brasileiro de Turismo
ISSO	International Organization for Standardization
ICMBio	Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade
MMA	Ministério do Meio Ambiente
MEI	Measuring Eco-Innovation
MONA	Monumento Natural
MTUR	Ministério do Turismo
OCDE	Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico
ODS	Objetivos de Desenvolvimento Sustentável
OMT	Organização Mundial de Turismo
ONU	Organização das Nações Unidas
PIB	Produto Interno Bruto
PNUMA	Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente
SEBRAE	Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
SENAC	Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial
SETUR/AL	Secretaria de Estado de Turismo de Alagoas
UCs	Unidades de Conservação
UNSD	Comissão Estatística das Nações Unidas
WTTC	Conselho Mundial de Viagens e Turismo

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
1.1 Problema de Pesquisa	16
1.2 Objetivos da Pesquisa	16
1.2.1 <i>Objetivo Geral</i>	16
1.2.2 <i>Objetivos Específicos</i>	17
1.3 Justificativa	17
2 REFERENCIAL TEÓRICO	20
2.1 Sustentabilidade	20
2.2 Eco inovação	24
2.3 Turismo	35
2.3.1 <i>Turismo Sustentável</i>	39
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	45
3.1 Questões de Pesquisa	45
3.2 Caracterização do Estudo	45
3.3 Método de pesquisa	47
3.4 Critérios para a Escolha dos Casos	48
3.5 Critérios de Validade/Confiabilidade	49
3.6 Método de análise dos dados e definição das categorias analíticas	50
3.7 Protocolo do Estudo de Caso	52
4 APRESENTAÇÃO DOS CASOS	53
4.1 Contextualização do ambiente: organizações pesquisadas	53
4.1.1 <i>A cidade de Delmiro Gouveia</i>	53
4.1.2 <i>O Rio São Francisco</i>	55
4.1.2.1 <i>O Monumento Natural do Rio São Francisco</i>	55
4.1.3 <i>O Riacho do Talhado</i>	56
4.2 Caso 1 – Pousada Mirante do Talhado	57
4.2.1 <i>Turismo Sustentável na Pousada Mirante do Talhado</i>	59
4.2.2 <i>Eco inovação na Pousada Mirante do Talhado</i>	61
4.3 Caso 2 – Pousada Verde Canyon de Luz	64
4.3.1 <i>Turismo Sustentável na Pousada Verde Canyon de Luz</i>	66
4.3.2 <i>Eco inovação na Pousada Verde Canyon de Luz</i>	68
4.4 Caso 3 – Pousada e Restaurante Ecológico Castanho	71

4.4.1 Turismo Sustentável na Pousada e Restaurante Ecológico Castanho.....	72
4.4.2 Eco inovação na Pousada e Restaurante Ecológico Castanho.....	75
5 ANÁLISE COMPARATIVA DOS CASOS.....	78
5.1 Análise comparativa do constructo turismo sustentável a partir das suas categorias analíticas.....	78
5.2 Análise comparativa do constructo eco inovação a partir das suas categorias analíticas.....	80
6 CONCLUSÕES.....	83
6.1 Recomendações para pesquisas futuras.....	85
REFERÊNCIAS.....	86
APÊNDICE A – Roteiro da entrevista semiestruturada realizada para caracterização das empresas instaladas no Riacho do Talhado e constatação do turismo sustentável.....	99
APÊNDICE B – Roteiro da entrevista semiestruturada para identificação das práticas de eco inovação e dos seus determinantes nas empresas instaladas no entorno do Riacho do Talhado.....	104
ANEXO A – Checklist das principais eco inovações adotadas nas empresas pesquisadas.....	108

1 INTRODUÇÃO

O turismo moderno é marcado pela evolução dos meios de transporte, que possibilitaram maiores deslocamentos, interligando continentes e diminuindo as barreiras físicas. Estudos diversos, como os de Magalhães (2002) apontam que as décadas de 1960 e 1970 foram marcadas pela massificação turística, quando os voos *charters* e os mais variados pacotes turísticos conduziram milhares de pessoas de todas as partes do mundo a destinos até então inacessíveis.

O turismo apresenta um caráter multidisciplinar em consequência das diferentes relações que são tecidas no contexto das diferentes atividades turísticas, considerando também que ele não é uma atividade recente e que, na atual conjuntura econômica do Brasil, é inegável que tem exercido um papel de destaque na geração de emprego e renda, uma vez que o Conselho Mundial de Viagens e Turismo (2018) aponta que ele é responsável pela movimentação de US\$ 152,5 bilhões o equivale a 8,1% do PIB brasileiro.

Para Borges e Silva (2016), o estudo do turismo tem se realizado considerando-se diferentes áreas do conhecimento, dando margem a várias interpretações da atividade turística, como, por exemplo, os economistas, que o estudam como atividade geradora de benefícios econômicos, enquanto os sociólogos o pesquisam como uma atividade que envolve a interação social e a troca cultural entre os indivíduos.

O turismo, como qualquer atividade humana, gera uma série de impactos que podem prejudicar o meio ambiente onde se consolida; nesse sentido, Ruschmann (1997) ratifica que os impactos do turismo se referem à gama de modificações ou à sequência de eventos provocados pelo processo de desenvolvimento turístico nas localidades receptoras. Nesse cenário, a ecoinovação tem sido apontada como uma aliada na redução dos impactos ambientais e na construção do turismo sustentável.

Estudiosos da ecoinovação, dentre os quais Rennings (1998), apontam que a inovação para a sustentabilidade, ou ecoinovação, pode ser desenvolvida por empresas ou por organizações sem fins lucrativos, e sua natureza pode ser tecnológica, social ou institucional, demonstrando o alcance que a inovação pode ter. A ecoinovação é uma modalidade de inovação, também denominada de inovação para a sustentabilidade, que tem características específicas que, segundo Berkhout e Green (2002), devem ser observadas desde a gestão dos relacionamentos entre as empresas envolvidas na atividade produtiva até a fase de disponibilização para o consumo.

Com o objetivo de otimizar os diversos recursos, a ecoinovação tem sido apresentada como uma nova abordagem a ser explorada e disseminada em virtude dos seus aspectos ambientais, sociais e econômicos, devendo ser considerado o proposto por Carrillo-Hermosilla, Del-Río e Könnölä (2010), que a descreveram como o resultado de uma drástica redução do impacto ambiental e de mudanças radicais e sistêmicas em produtos, serviços e processos, que proporcionam maiores benefícios ambientais a médio e longo prazos.

Com maior ênfase a partir da década de 1990, acadêmicos de áreas distintas têm se debruçado sobre a sustentabilidade, considerando-se sua importância e contemporaneidade, em razão do cenário de degradação ambiental e da escassez de alguns recursos que são essenciais à sobrevivência humana. Tal preocupação tem se estendido ao turismo, dando origem ao turismo sustentável, que apresenta grande número de estudos e publicações na área.

O turismo sustentável é definido pela Organização Mundial de Turismo – OMT (2003) como aquele que relaciona as necessidades dos turistas com as das gerações receptoras, protegendo e fortalecendo oportunidades para o futuro; tem se mostrado um divisor de águas ao focar na preservação ambiental como maneira de atrair turistas que se identificam com essa abordagem e representa um nicho de mercado a ser explorado.

Diversas organizações adotam práticas de turismo sustentável, porém há poucos estudos relacionando ecoinovação e turismo sustentável. Sendo assim, o foco desta pesquisa será traçar uma relação entre as duas temáticas, demonstrando a relevância e a abrangência da temática numa localidade denominada de Riacho do Talhado, que tem esse nome devido à formação rochosa, originada pela passagem de água pelos paredões dos cânions do São Francisco que estão localizados em partes na cidade de Delmiro Gouveia, inseridos no Monumento Natural do Rio São Francisco, que é uma unidade de conservação de proteção integral da natureza no ambiente de caatinga com área de 26.736,30 hectares, compreendendo municípios dos estados de Alagoas, Bahia e Sergipe, sendo propício para práticas de ecoinovação e de turismo sustentável.

Esta pesquisa teve por objetivo identificar as ecoinovações e os seus principais determinantes em empreendimentos que atendessem aos princípios técnicos sobre turismo sustentável do CBTS no entorno do Riacho do Talhado localizado às margens do município de Delmiro Gouveia, no estado de Alagoas, tendo como foco o turismo sustentável, a sustentabilidade ambiental e a ecoinovação. Para tanto, foram estudados múltiplos casos, utilizando-se do modelo que versa sobre turismo sustentável do Conselho Brasileiro de Turismo Sustentável. Para levantar os dados sobre ecoinovação, foram considerados escritos

teóricos sobre ecoinovação em um conjunto de perspectivas e visões diferentes acerca da temática.

O texto da pesquisa foi dividido em capítulos na busca de organizar os tópicos e facilitar a compreensão do estudo. Inicialmente, o primeiro foi dedicado à fundamentação teórica, apresentando autores de relevância sobre ecoinovação e turismo sustentável. Posteriormente, foram apresentados os procedimentos metodológicos utilizados e os instrumentos de coleta de dados; na sequência, foi realizada a caracterização do espaço de pesquisa, e, por fim, foram apresentados os resultados, a análise comparativa dos casos e as conclusões da pesquisa.

1.1 Problema de Pesquisa

Considerando as informações apresentadas, a amplitude dos temas abordados e em virtude da relevância das contribuições que o estudo pode trazer para a região, foi definido o seguinte problema de pesquisa: **Quais as ecoinovações e os principais fatores determinantes presentes nos empreendimentos que atendam aos princípios técnicos do CBTS a respeito de turismo sustentável no entorno do Riacho do Talhado?**

1.2 Objetivos da Pesquisa

Nota-se que o intenso crescimento do setor turístico fez com que, ao longo das últimas décadas, ele fosse enquadrado como uma das áreas econômicas com maior potencial de geração de riqueza, desenvolvimento econômico, competitividade e importância estratégica. Além disso, a ecoinovação e o turismo sustentável, quando juntos, podem trazer ganhos para qualquer empresa e para a região onde estejam inseridos. Em face do exposto, esta seção detalhará os objetivos e permitirá conhecer os caminhos trilhados para o desenvolvimento deste trabalho.

1.2.1 Objetivo Geral

Identificar as ecoinovações e os principais fatores determinantes nos empreendimentos que atendem aos princípios técnicos do CBTS sobre turismo sustentável no entorno do Riacho do Talhado.

1.2.2 Objetivos Específicos

- Identificar os segmentos de turismo que são praticadas nos empreendimentos selecionados;
- Verificar o enquadramento dos empreendimentos aos princípios técnicos sobre turismo sustentável propostos pela Conselho Brasileiro do Turismo Sustentável (CBTS);
- Identificar se há práticas de ecoinovações e quais suas dimensões;
- Apontar as tipologias de ecoinovação e os tipos de agentes ecoinovadores que estão presentes nos empreendimentos pesquisados;
- Diagnosticar determinantes de ecoinovação em cada um dos empreendimentos pesquisados.

1.3 Justificativa

Um dos elementos motivadores da pesquisa reside no fato de que o turismo, em alguns casos, é considerado a mais importante fonte de riqueza de uma região, devido à estimulação de setores econômicos, assim potencializando o desenvolvimento de uma dada localidade (RODRIGUES, 1999; BENI, 2002; BRAGA, 2007).

Autores como Ribeiro et al. (2017) argumentaram que a atividade turística no Brasil contribui para a redução das desigualdades regionais. Partindo dessa premissa, é inegável a importância da pesquisa para a localidade onde será realizada, pois a relevância do estudo transcende o próprio ambiente acadêmico ao diagnosticar potencialidades turísticas em uma região em que as dinâmicas sociais e econômicas podem girar em torno das temáticas estudadas, e os seus resultados poderão trazer um novo patamar com os ganhos obtidos na imagem das organizações como aquelas onde estão presentes as práticas de ecoinovação e que contribuem para construção do turismo sustentável.

O Rio São Francisco tem um significado na vida cotidiana de todo sertão alagoano e do Nordeste, sua contribuição para a geração de divisas é indiscutível, além de que a área onde estão localizados os empreendimentos é tombada como Monumento Natural do São Francisco (MONA do Rio São Francisco), o que garante uma série de cuidados com o meio ambiente e a sustentabilidade, com práticas que num primeiro momento remetem ao turismo sustentável.

O entorno do Riacho do Talhado tem despontado como um atrativo turístico nacional em virtude da presença dos cânions do São Francisco e da visibilidade nacional alcançada depois da gravação de duas telenovelas que divulgaram a região, além de ser um contraponto

ao turismo de praia e lazer que mais se destaca no estado de Alagoas, conforme mapa de turismo desenvolvido pela Secretaria de Estado de Turismo de Alagoas.

A busca pela sustentabilidade tem ganhado maior destaque com a disseminação da sua relevância, através do uso da internet e das redes sociais. Já no tocante ao “turismo sustentável”, o ano de 2017 foi o definido pela Organização das Nações Unidas o ano Internacional do Turismo Sustentável para o Desenvolvimento em reconhecimento ao grande potencial da atividade turística, sendo que a ecoinovação é uma ferramenta importante na consolidação de ambientes sustentáveis.

No cenário nacional a ênfase no turismo sustentável é apresentada no Plano Nacional de Turismo 2018-2022 onde constam as diretrizes e estratégias para a implementação da Política Nacional de Turismo. As diretrizes do plano são: fortalecimento da regionalização, melhoria da qualidade e competitividade, incentivo à inovação e promoção da sustentabilidade, ratificando a contemporaneidade da pesquisa.

Abordando a questão da ecoinovação, autores como Hart e Milstein (2004) explicaram que as empresas podem criar valor sustentável através de novas tecnologias, redução da poluição e de resíduos; Heloani (2005) ratificou que, em alguns casos, o tema sustentabilidade já é razão de sobrevivência de algumas empresas, que, caso não se adaptem às novas tendências, podem deixar de existir por, simplesmente, não se orientarem pelas expectativas do mercado.

A Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico – OCDE (2010) esclarece que a Ecoinovação será um fator-chave dos esforços do setor para enfrentar a mudança climática e realizar “crescimento verde” na era pós-Quito. Ressalte-se que a ecoinovação exige mais rápida introdução de tecnologias de ponta e uma aplicação mais sistêmica de soluções disponíveis, inclusive as não tecnológicas.

Os autores Carrillo-Hermosilla, Del-Río e Könnölä (2010) confirmaram que as ecoinovações têm grande potencial para criar novos negócios, com oportunidades de novos mercados, e contribuir para a transformação de uma sociedade sustentável, ou seja, as ecoinovações podem ser facilitadoras do turismo sustentável; já Schiederig, Tietze e Herstatt (2012) explicitaram que a ecoinovação é a criação de produtos inovadores com preços competitivos, processos, sistemas e procedimentos que possam suprir as condições humanas e proporcionar maior qualidade de vida às pessoas, com o uso mínimo dos recursos de materiais e energia e redução de substâncias tóxicas.

Dessa maneira, justificam-se pesquisas que busquem a interpretação desses fenômenos através da interdisciplinaridade de conceitos e teorias que possibilitem a leitura

da realidade criada nos espaços a partir do desenvolvimento do fenômeno turístico sustentável e tracem sua relação com a ecoinovação, pois, como aponta Farias (2014), a eficiência na utilização dos recursos de um destino turístico, objetivando o desenvolvimento sustentável, depende de mudanças que, em grande parte, estão intimamente relacionadas ao desenvolvimento e à adoção de ecoinovações.

A relevância do estudo também reside nos ganhos advindos da identificação das práticas de turismo sustentável e da utilização de ecoinovações por parte dos empreendimentos, considerando que a ecoinovação, como preconizado em estudos e teorias, surgiu como um direcionamento para o alcance do desenvolvimento sustentável.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

O referencial teórico permitiu agregar conhecimentos necessários à compreensão das temáticas levantadas. Nele foram apresentados conceitos de diversos autores a respeito de ecoinovação, sustentabilidade, turismo, turismo sustentável, em suas diversas nuances e perspectivas, de forma estruturada, buscando-se facilitar o entendimento da problemática e contribuir para o alcance dos objetivos propostos.

2.1 Sustentabilidade

A preocupação com a sustentabilidade tem como marco a década de 1980, com a publicação, no ano de 1987, do *Relatório Brundtland*, denominada “Nosso futuro comum”, da Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento das Nações Unidas (1988), que originou um dos conceitos mais conhecidos sobre desenvolvimento sustentável, conforme abaixo:

[...] um processo de transformação no qual a exploração dos recursos, a direção dos investimentos, a orientação do desenvolvimento tecnológico e a mudança institucional se harmonizam e reforçam o potencial presente e futuro, a fim de atender às necessidades e às aspirações humanas (COMISSÃO MUNDIAL SOBRE MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO, 1988, p. 49).

Os escritos de Ko (2005) defenderam que o enquadramento do que é sustentabilidade não é universal, estático, ou descritivo, uma vez que pode ser influenciado por contextos sociais, econômicos e ambientais; já os autores Silva, Reis e Amâncio (2014) apresentam que a “sustentabilidade” não possui um conceito aceito e consolidado. Na mesma linha, Gibberd (2015) enxergou que, apesar da existência de uma ampla gama de definições para sustentabilidade e desenvolvimento sustentável, não há consenso sobre o que é sustentável de forma clara, e Tribe (2015) contribuiu na busca de um conceito, ao caracterizar o desenvolvimento sustentável como o nível de desenvolvimento no qual a capacidade de carga do destino não é excedida e se sustenta a longo prazo, evitando alterações consideráveis ou irreversíveis.

Reforçando o conceito proposto pela Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, os autores Lange, Busch e Delgado-Ceballos (2012) detalharam que a sustentabilidade pode ser definida como uma abordagem de negócio que considera, de forma

equilibrada e holística, os aspectos econômicos, sociais e ambientais, criando, a longo prazo, benefícios às gerações futuras e às partes interessadas.

Ainda na temática desenvolvimento sustentável, Munck *et al.* (2013) o definiram como uma complexidade de exigências sociais concebidas a fim de manter o desenvolvimento econômico ao longo de gerações, visando promover o uso responsável e eficiente dos recursos naturais, a proteção do meio ambiente e o progresso social, baseado nos princípios dos direitos humanos.

Na consecução prática, Richards e Hall (2000) afirmaram que a sustentabilidade requer continuidade/melhoria social, cultural e econômica das comunidades humanas, bem como renovação ambiental. Contribuindo Gibson *et al.* (2005) identificaram que a sustentabilidade é um desafio para o pensamento e para a prática convencional, em que se aborda o bem-estar em curto e longos prazos, cobrindo todas as questões centrais da tomada de decisão com o reconhecimento de suas ligações e interdependências, especialmente entre os seres humanos e as bases biofísicas para a vida.

Posteriormente, Aligleri (2011) relacionou sustentabilidade com um paradigma que possibilita a continuidade da vida, assegurando a manutenção da civilização humana ao longo das gerações, e a definiu como a harmonização da eficiência econômica, equidade social e prudência ecológica, implicando a compatibilização dos modelos de produção e gestão das instituições sociais com o sistema de organização e conservação da natureza. Para Starik e Kanashiro (2013), são valores que podem estar inseridos na teoria da sustentabilidade: sobrevivência, resiliência, eficiência, proteção, preservação e conservação, além de outros valores adicionais, também importantes, como: inovação, evolução, aprendizagem, colaboração, tenacidade, durabilidade, adaptabilidade, racionalidade, empatia, responsabilidade, justiça, reflexão e espiritualidade, entre outros.

Como continuação das discussões iniciadas em 1987 a respeito da sustentabilidade e que tiveram continuidade com a Rio 92 e a Rio + 20, no ano de 2015 os estados membros da ONU criaram um documento denominado de *Transformando o Nosso Mundo: A Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável*. Nele foram apresentados 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), compostos por 169 metas, para erradicar a pobreza e promover vida digna para todos, dentro dos limites do planeta.

Quanto ao turismo sustentável a ONU (2015) aponta na agenda 2030 como objetivos: promover o turismo sustentável, combater a escassez de água e a poluição da água, fortalecer a cooperação sobre a desertificação, as tempestades de poeira, a degradação dos solos e a seca e promover a resiliência e a redução do risco de desastres; até 2030, elaborar e

implementar políticas para promover o turismo sustentável, que gera empregos e promove a cultura e os produtos locais e desenvolver e implementar ferramentas para monitorar os impactos do desenvolvimento sustentável para o turismo sustentável, que gera empregos, promove a cultura e os produtos locais.

Já do ponto de vista ilustrativo, um dos modelos mais disseminados perante a sociedade para exemplificar a sustentabilidade é o *Triple Bottom Line*, criado na década de 1990 por John Elkington, que consiste num tripé composto pelos aspectos social, ambiental e econômico. Para Savitz (2006), o *Triple Bottom Line* permite às organizações criarem ambiente favorável à sustentabilidade corporativa, podendo agregar valor aos negócios através da redução de riscos, da otimização operacional (a partir da redução de custos, resíduos e desperdícios, aumentando a produtividade, facilitando o acesso ao capital e reduzindo *turnover*, por exemplo) e da promoção do crescimento (através da abertura de novos mercados, aumentando a fidelidade dos clientes, criando novas parcerias e melhorando a reputação e a imagem). Segundo Mattioda e Canciglieri Júnior (2012), o *Triple Bottom Line* é uma ferramenta para apoiar a integração dos objetivos da sustentabilidade na agenda de negócios, equilibrando objetivos econômicos tradicionais com preocupações sociais e ambientais, criando, assim, uma nova dimensão de desempenho corporativo.

A relevância do *Triple Bottom Line* para a imagem das organizações que almejam a sustentabilidade é tão considerável que Silvius *et al.* (2012) sugeriram que o *Bottom Line*, ou seja, a última linha do relatório financeiro da empresa, não seja apenas considerado como o lucro que ela obteve, mas também contemple os resultados sociais e ambientais que ela causou.

Embora muitos avanços tenham ocorrido na aplicação da sustentabilidade nas empresas (BARBIERI *et al.*, 2010; BENGTSSON; ÅGERFALK, 2011; BOONS; LÜDEKE-FREUND, 2013; EDGEMAN; ESKILDSEN, 2012; GAZIULUSOY; BOYLE; MCDOWALL, 2013; HART, 1997; HART; MILSTEIN, 2004; KLEINDORFER; SINGHAL; WASSENHOVE, 2005; NIDUMOLU; PRAHALAD; RANGASWAMI, 2009; PORTER; VAN DER LINDE, 1995), para Hart e Milstein (2004), grande parte dos executivos ainda a considera “um mal necessário”, devido a regulações, custos e responsabilidades dispendiosas.

Sabe-se da importância de uma empresa ser sustentável, pois, para Hart e Milsten (2004), isso contribui para gerar benefícios econômicos, sociais e ambientais conhecidos como os três pilares da sustentabilidade. Para tanto, as empresas precisam reformular produtos, tecnologias, processos e muitas vezes modelos de negócios que transformam o

cenário competitivo. Savitz e Weber (2007), na busca de conceituar uma organização sustentável, afirmaram que a organização é sustentável quando gera lucro para os acionistas, protege o meio ambiente e melhora a vida das pessoas com quem mantém interações. Dillas (2009) informou que os empreendimentos que têm a sustentabilidade incorporada em sua essência e em sua atuação, e que se preocupam em gerir os impactos causados por suas atividades, produtos e serviços, têm conseguido avanços expressivos em visibilidade e resultados financeiros positivos.

A sustentabilidade tem como foco contribuir para que a gestão das empresas se torne ambiental, social e economicamente sustentável. Os estudiosos Coelho, Coelho e Godoi (2013) propagaram a ideia de que sustentabilidade não envolve apenas política e procedimentos, mas uma cultura, uma atitude, além de envolver o esforço de toda a sociedade e do Governo, bem como de organizações, comunidade e indivíduos, com ações economicamente viáveis, ambientalmente sustentáveis e socialmente responsáveis.

Para Savitz e Weber (2007), o novo modelo de negócio focado na sustentabilidade pode gerar benefícios intangíveis quando se trata de posicionamento da marca e imagem da empresa, por meio dos novos produtos e serviços e da abertura de mercado. Já Coelho, Coelho e Godoi (2013) afirmaram que as organizações procuram, dentro de suas ações estratégicas, manter um diálogo constante e transparente com a sociedade, garantir a legitimidade, o crescimento e sua perpetuação, além de adotar posturas socialmente corretas, ambientalmente sustentáveis e economicamente viáveis.

Em particular, a associação entre a sustentabilidade e o desempenho organizacional vem sendo abordada por diversos estudos, constituindo objeto atual e relevante, tendo em vista a preocupação e a necessidade das organizações em atender a ambos, porém Amui *et al.* (2016) identificaram que o desenvolvimento da capacidade da empresa em praticar os conceitos da sustentabilidade de forma dinâmica e integrada com as estratégias da organização ainda necessita ser explorado.

Há uma série de fatores que podem contribuir com a sustentabilidade, dentre os quais a inovação é um meio importante (HANSEN; GROSSE-DUNKER; REICHWALD, 2009; SCHALTEGGER; WAGNER, 2011; KLEWITZ; HANSEN, 2014) e, em particular, a ecoinovação, pois, para Carrillo-Hermosilla, Del-Río e Könnölä (2010), esta pode ser uma ferramenta inicial e relevante para conduzir a empresa a uma trajetória de inovação mais ampla, tendo como principal fator a redução do seu impacto ambiental. Nesse sentido, Klewitz, Zeyen e Hansen (2012) e Halila e Rundquist (2011) ressaltaram que a inovação

ecoeficiente pode ser um ponto de inflexão para as empresas iniciarem o processo de aprendizagem para sustentabilidade.

De maneira inversa, a sustentabilidade pode gerar inovações, pois autores como Nidumolu, Prahalad e Rangaswami (2009), Wals e Schwarzin (2012) e Silveira (2013) concordaram que a busca da sustentabilidade deve gerar indiscutivelmente inovações organizacionais. Assim, as empresas precisam reformular produtos, tecnologias, processos e muitas vezes modelos de negócios que transformam o cenário competitivo.

Para Hansen, Grosse-Dunker e Reichwald (2009), a partir de uma perspectiva de negócios, há um consenso de que os desafios da sustentabilidade potencializam inovações e oportunidades de negócios. De maneira complementar, Desai (2012) apontou que o enfoque da inovação com a sustentabilidade visa a promover e satisfazer as necessidades das gerações atuais, mas sem comprometer as gerações futuras, logo a ecoinovação apresenta-se como um tipo de inovação capaz de contribuir para o alcance da sustentabilidade em ambientes e contextos diferenciados, ou seja, em diferentes organizações de portes distintos.

2.2 Ecoinovação

Para Carrilo-Hermosilla et al. (2010), construir uma definição do que é ecoinovação não é uma tarefa fácil, ainda que várias tentativas tenham sido feitas na literatura, e acrescentam que o termo ecoinovação tem sido cada vez mais utilizado nas áreas de gestão ambiental e política empresarial, contudo em diferentes contextos e com diferentes conotações. Segundo Xavier *et al.* (2017), os termos ecoinovação, inovação ambiental, inovação verde e inovação sustentável têm sido utilizados nos trabalhos científicos para identificar as inovações que contribuem para um ambiente sustentável por meio do desenvolvimento de melhorias ecológicas. Visando a uma melhor organização dos conceitos, o quadro 01, a seguir, apresenta em ordem cronológica uma gama de autores que escreveram sobre o assunto.

Quadro 01 – Conceitos de Ecoinovação.

(continua)

AUTORES	CONCEITUAÇÃO
James (1997)	A ecoinovação é considerada como novo produto ou processo que agrega valor ao negócio e ao cliente, diminuindo significativamente os impactos ambientais.
Rennings (1998)	Define a ecoinovação como todas as medidas de atores relevantes que desenvolvem e aplicam novas ideias, comportamentos, produtos e processos, que contribuam para a redução do impacto ambiental ou para atingir objetivos ecológicos específicos.

Hupes <i>et al.</i> (2005)	Enxergam que a ecoinovação é um processo para a melhoria da sustentabilidade que aperfeiçoa a qualidade ambiental e melhora o desempenho econômico, que, de forma sincronizada, precisa melhorar a ecoeficiência, contudo os resultados das ecoinovações são fruto das reais intenções com que foram adotadas, se por iniciativa própria ou somente para cumprir as exigências legais.
OECD (2009)	Representa uma inovação que resulta em uma redução do impacto ambiental, não importa se esse efeito é intencional ou não. O âmbito da ecoinovação pode ir além dos limites convencionais das empresas em inovar e envolver um regime social mais amplo, que provoca alterações das normas socioculturais e das estruturas institucionais.
Angelo, Jabbour e Galina (2012)	Definem a ecoinovação como a implementação de inovações ambientais e mudanças organizacionais com foco no meio-ambiente, com implicações no produto, nos processos de fabricação e na comercialização.
Nakata e Viswanathan (2012)	Conceituam inovação sustentável ou ecoinovação como aquela inovação que garante os recursos para as gerações futuras.
Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL) – 2017	A inovação verde ou ecoinovação é descrita, em termos gerais, como a introdução de um novo – ou significativamente melhorado – produto, processo e/ou método de comercialização e de organização em diversos âmbitos das empresas para gerar benefícios econômicos e reduzir o impacto ambiental.

Fonte: Elaborado pelo autor (2019).

Considerando os conceitos apresentados no quadro 01, conclui-se que a ecoinovação almeja prioritariamente a redução dos impactos ambientais, sejam eles ligados ao produto, ao processo ou ao método de comercialização. A pesquisa adotou para fins de orientação o modelo proposto pela OCDE (2009), no qual a ecoinovação representa uma inovação que resulta em uma redução do impacto ambiental, não importa se esse efeito é intencional ou não, considerando ainda que o âmbito da ecoinovação pode ir além dos limites convencionais das empresas em inovar e envolver um regime social mais amplo, que provoca alterações das normas socioculturais e das estruturas institucionais.

As ecoinovações apresentam uma série de tipologias, dimensões, agentes ecoinovadores e classificações que serão descritas para possibilitar um maior contato teórico com a temática.

2.2.1 Tipologias, dimensões, agentes ecoinovadores e classificação das ecoinovações

Numa busca conceitual acerca do tema, diagnosticou-se que a ecoinovação está atrelada a diferentes dimensões: tecnológica, organizacional, institucional e social, e cada uma dessas dimensões apresenta características que definem como a ecoinovação é caracterizada em cada uma delas. Nessa seara, Rennings (1998) propôs um quadro, denominado tipologia de ecoinovação, que é apresentado na sequência.

Quadro 02 – Tipologia de ecoinovação segundo Rennings.

TIPOS	CARACTERÍSTICAS
Tecnológica	As ecoinovações podem ser distinguidas como tecnologias curativas ou preventivas. As tecnologias curativas reparam prejuízos ambientais, enquanto as tecnologias preventivas tentam evitar esses prejuízos. As tecnologias preventivas podem ser adicionadas ou integradas ao processo produtivo. As tecnologias preventivas adicionadas ao processo produtivo correspondem aos métodos que visam a minimizar os impactos ambientais decorrentes das operações produtivas e do consumo do produto. As tecnologias preventivas integradas ao processo produtivo são mais eficientes porque tratam das causas do dano ambiental presentes no processo produtivo ou decorrentes do consumo.
Organizacional	As ecoinovações consistem em mudanças organizacionais que objetivam incorporar no sistema de gestão das empresas as preocupações ambientais, a exemplo do desenvolvimento de eco-auditorias e novos serviços que melhorem o desempenho ambiental das empresas.
Institucional	As ecoinovações podem corresponder à institucionalização de novas formas de tomar decisões em resposta aos problemas ambientais, incorporando, por exemplo, a ponderação científica e a participação pública.
Social	As ecoinovações podem ser frequentemente associadas a mudanças no estilo de vida e no comportamento de consumo para um padrão mais sustentável. É importante observar que qualquer inovação de sucesso, independentemente de sua natureza tecnológica, organizacional ou institucional, tem de se integrar aos valores das pessoas e aos estilos de vida.

Fonte: Rennings (1998).

De maneira similar àquela que ocorre com a inovação no âmbito geral, a ecoinovação pode se dar em produtos, processos ou na organização. Nesse ínterim, Aloise (2017) contribuiu ao adaptar o modelo de Cheng, Yang e Sheu (2014), como demonstrado no quadro 03.

Quadro 03 – Tipologia de ecoinovação segundo Cheng, Yang e Sheu.

(continua)

TIPOS	CARACTERÍSTICAS
Ecoinovação de produtos	Produtos novos ou significativamente melhorados, cujas características apresentem melhorias nos seus componentes técnicos e nos materiais (PUJARI, 2006), resultantes de ecotecnologias avançadas e do encurtamento do ciclo de vida do produto (CARRILO-HERMOSILLA; DEL-RÍO; KÖNÖLLA, 2010). O impacto ambiental de ecoprodutos decorre mais de sua utilização do que da sua produção, como a emissão de CO ₂ dos combustíveis dos carros ou como o seu descarte, como os metais pesados de baterias. A análise do ciclo de vida dos produtos a partir da sua criação, uso e descarte quando aplicado a ecoprodutos possibilita ganhos ambientais (CHRISTENSEN, 2011), como geração de energia eólica, redução no consumo de energia, menor impacto do produto descartado.
Ecoinovação de processos	Novos elementos introduzidos nos sistemas de produção para se gerar ecoprodutos, modificando processos e sistemas operacionais que possibilitam a redução dos custos unitários e a produção de produtos novos ou significativamente melhorados, com menor impacto ambiental (NEGNY et al., 2012). Melhorias nos processos de produção existentes ou inclusão de novos processos que reduzam impacto ambiental (RENNINGS, 1998).

Eco inovação organizacional	Relaciona-se a melhorias nos processos de gestão através de novas práticas e métodos ambientalmente amigáveis, possibilitando melhorias no desempenho da organização, ao apoiar mudanças, redução de custos administrativos e de estocagem, melhorias no ambiente de trabalho (CRUZ; PEDROSO; ESTIVALETE, 2006). Embora diretamente não reduzam impactos ambientais, facilitam a implantação de ecoprocesso e ecoprodutos (MURPHY; GOULDSON, 2000). Programas ambientais internos como os de treinamento, desenvolvimento de produtos, técnicas de aprendizagem e grupos de melhorias ambientais também fazem parte de atividades de eco inovação organizacional (KEMP; ARUNDEL, 1998), bem como todos os esforços administrativos de renovação de rotinas, procedimentos, mecanismos e sistemas para se produzirem inovações ambientais (CRUZ; PEDROSO, ESTIVALETE, 2006).
------------------------------------	---

Fonte: Aloise (2017).

Aprofundando o entendimento sobre eco inovação, o *measuring eco-innovation* (MEI), da OCDE, esclarece que há três tipos de agentes eco inovadores:

- a) **ecoinovadores estratégicos** – agentes ativos nos setores de equipamentos e serviços que desenvolvem eco inovações para venda;
- b) **ecoadotadores estratégicos** – implementam eco inovações intencionalmente;
- c) **ecoinovadores passivos** – implementam inovações de produto, organizacionais, de processo, que resultam em benefícios ambientais, sem estratégia específica relativa a impactos ambientais.

Já Carrillo-Hermosilla, Del-Río e Könnölä (2010) discorrem que as eco inovações resultam em inovações ambientais quando integram empresas, governo e sociedade para pensar em novas ideias e desenvolver estratégias proativas com ênfase na mudança de comportamento dos atores e nas alterações nos produtos, serviços e processos.

Diante da necessidade da aplicabilidade das dimensões e dos tipos de eco inovações presentes na atividade turística, os autores Cândido e Brito (2019) também propuseram o disposto no quadro 04, detalhando a relação, as dimensões e a identificação dos tipos de eco inovações que poderiam ser ligados ao turismo.

Quadro 04 – Dimensões e tipos de eco inovações aplicáveis à atividade turística.

(continua)

DIMENSÃO	CARACTERÍSTICAS
Dimensão Design	Utilização de tecnologias de: controle de poluição; controle de ruídos; equipamentos de gerenciamento de resíduos; e produção limpa. Utilização de ferramenta de monitoramento ambiental; de materiais secundários; de fontes de energia alternativas; de tecnologias verdes; e de resíduos como <i>inputs</i> para novos processos. Aumento de eficiência (ecoeficiência); redução do volume de resíduos gerados; redesenho do processo produtivo; utilização; incorporação de princípios presentes no ecossistema natural; e mudança na visão do sistema produtivo.

Dimensão Usuário	Desenvolvimento de novos produtos/serviços; modificação de produto/serviço existente; mecanismos de identificação de usuários (ou grupos de usuários) líderes; identificação de mudanças requeridas no comportamento dos usuários; e introdução da ecoinovação no mercado consumidor.
Dimensão Produto e Serviço	Mudanças na forma de entrega de produtos e serviços aos clientes; na percepção da relação do consumidor; na cadeia de valor; e em processos de prestação de produtos/serviços.
Dimensão Governança	Criação de nova solução institucional para resolver conflitos sobre recursos ambientais; regulamentação de usos de recursos autorizados; mecanismos de monitoramento de uso de recursos naturais; forma de relacionamento entre organizações e governo; forma de relacionamentos entre a organização e outros stakeholders.
Dimensão Organizacional	Desenvolvimento de ecoauditorias; de novos serviços que melhorem o desempenho ambiental das empresas; e Certificação ambiental de produtos/serviços.

Fonte: Cândido e Brito (2019).

Os estudos de Cândido e Brito (2019) ratificaram a premissa de que o processo de adoção de ecoinovações contribui para a sustentabilidade da atividade turística, como disposto por Menezes, Cunha e Cunha (2013), ao afirmarem que as ecoinovações podem ser aplicadas aos empreendimentos de turismo, tendo elaborado uma classificação baseada em quatro categorias (lixo, produtos e serviços ambientalmente responsáveis, energia e água) e proposto, a partir de cada uma dessas categorias, tipos específicos de ecoinovações. Cândido e Brito (2019), por sua vez, ampliaram a classificação inicial dos autores, incluindo mais dimensões e tipos de ecoinovações. O modelo apresentado no quadro 05 serve para verificar a existência ou não de ecoinovações adotadas associadas à atividade turística de um destino.

Quadro 05 – Classificação de ecoinovações.

(continua)

CATEGORIAS	ECOINOVAÇÕES
Energia	Economia de energia por meio do uso de dispositivos de presença que permitem acender ou apagar luzes; Uso de economizadores de energia nas unidades habitacionais (sistema do cartão ou chave elétrica); Troca das lâmpadas por tecnologia LED; Acompanhamento e avaliação mensal do consumo energético; Adoção de “telhados verdes” com o intuito de ajudar na redução da temperatura ambiente e na economia de energia, evitando ar-condicionado; Aproveitamento da luz natural do sol para iluminação diurna; Aproveitamento de luz solar para aquecimento da água ou geração de energia; Geração de energia elétrica por fonte eólica; Oferecimento de serviços de recarga de celular (baterias de recarga) com eletricidade gerada de forma renovável; Otimização dos fluxos de ar e dos sistemas de ventilação naturais em detrimento dos sistemas convencionais elétricos de climatização dos ambientes; Troca de computadores desktop por modelos laptop; Troca de aparelhos de tv por modelos com tecnologias que consomem menos energia; Troca de aparelhos de ar-condicionado por modelos mais novos que utilizam a tecnologia <i>inverter</i> ; Substituição de frigobares, geladeiras, micro-ondas, forno elétrico com mais de 10 anos por modelos novos e econômicos; Uso de sistema que permita modificar a intensidade da luz no ambiente (<i>dimmer</i>).
Recursos hídricos	Fonte de Uso: Lavagem do enxoval em lavanderias industriais; Uso de redutores de vazão da água nas torneiras e duchas; Uso de torneiras automáticas; Instalação de cisternas para captação e armazenamento de

	<p>água da chuva; Conscientização dos hóspedes para a não lavagem diária do enxoval; Uso de lavagem a seco; Substituição de válvulas por caixas acopladas em banheiros, economizando água.</p> <p>Destinação: Uso de uma rede de tratamento de efluentes, diminuindo seu poder de poluição; Reaproveitamento de águas de limpeza e de maquinários para fins diversos.</p>
Resíduos	<p>Resíduos Sólidos: A empresa realiza a coleta seletiva de lixo, dando uma destinação específica aos resíduos; Reciclagem das sobras de sabonete; Instalação de um ponto de coleta de pilhas e baterias.</p> <p>Resíduos orgânicos: Redução do desperdício de alimentos por meio da cobrança de taxa por desperdício; Reaproveitamento do lixo orgânico para compostagem, produção de combustível ou outra aplicação.</p>
Transportes	Uso de aplicativos que mostrem meios de transporte sustentáveis com sistema de recompensas para o cliente; Ônibus movidos a combustíveis menos poluentes (biogás, hidrogênio, eletricidade); Planejamento de itinerários para redução de uso de transportes e deslocamentos pouco eficientes; Plano de manutenção e substituição da frota por unidades mais novas e mais econômicas; Substituição de combustíveis fósseis por misturas com biocombustíveis.
Construção	Construção ou reforma do prédio com a preocupação ambiental, facilitando a captação e o aproveitamento de água da chuva, melhor ventilação, iluminação; instalação de piso frio no ambiente, mantendo a habitação mais fresca; Preocupação constante com a manutenção das instalações do negócio, evitando desperdícios de recursos por mau funcionamento da estrutura física; Uso de tijolos de jornal e gesso nas construções ou outro material ecológico; Instalação de paredes verdes.
Marketing	A empresa fornece manuais e campanhas para ajudar parceiros a melhorar seu desempenho ambiental, divulgando suas iniciativas; Preferência de consumo de insumos locais; A empresa promove divulgação de suas atividades sustentáveis para seus clientes.
Conscientização dos colaboradores	Conscientização dos colaboradores a partir de campanhas, treinamentos e outros cursos de capacitação em gestão ambiental; Parcerias com instituições educacionais para realização de cursos ou palestras sobre gestão ambiental e ecológica.
Produtos e Serviços	Uso de alimentos de produção própria nos cardápios de restaurantes; Uso de aplicativo para smartphones para a comunicação e execução de procedimentos de compra; Site institucional com opções de compra e reserva, <i>check-in</i> e <i>check-out</i> ; Tablet na recepção para comunicar a fatura e o uso de nota fiscal eletrônica; Disponibilização de <i>amenities</i> biodegradáveis; Instalação de <i>dispensers</i> para shampoo e sabonete nos ambientes; Uso de garrafas e embalagens retornáveis; Utensílios fabricados com reaproveitamento de materiais que seriam descartados (porta-retratos, porta-objetos, bolsas etc.); Novas modalidades de hospedagem baseadas no tempo de uso das dependências ou serviços do hotel; Estímulo à plantação de mudas e sementes pelos clientes de restaurantes; Implantação do lápis semente; Uso de detergentes e sabões biodegradáveis ou reciclados.
Práticas sustentáveis	Decoração com obras de artistas locais; Participação em programas ambientais de reflorestamento envolvendo clientes; Parcerias com fornecedores para práticas sustentáveis; Exigência de normatizações e de selos de standardização que comprovem condutas sustentáveis dos terceirizados e parceiros das empresas.

Fonte: Cândido e Brito (2019).

O quadro 05 permite que a identificação da ecoinovação nos empreendimentos que operam com o turismo seja compreendida de maneira mais didática, ao detalhar as categorias

presentes no ramo da atividade e discorrer sobre o que é ecoinovação em cada uma delas, permitindo a replicação da pesquisa desenvolvida por ambos.

Arundel e Kemp (2009) definiram ecoinovações como as inovações com destaque para o desenvolvimento sustentável em todo o percurso do ciclo de vida e que por consequência reduz os riscos ambientais, a poluição e os demais efeitos negativos na utilização dos recursos, em comparação com as demais alternativas existentes. Os mesmos autores defenderam a ideia de que as ecoinovações são determinadas como as inovações que buscam o desenvolvimento sustentável, abrangendo todo o percurso do ciclo de vida dos produtos, com foco na redução de riscos ambientais, na diminuição da poluição e dos demais impactos negativos aos recursos do meio ambiente; identificando que as ecoinovações são determinadas por fatores descritos na literatura como “determinantes de ecoinovação”.

2.2.1 Determinantes de ecoinovação

A ecoinovação é construída por fatores determinantes que são estudados por um elevado número de autores, como confirmado por Aloise, Nodari e Dorion (2015), que, ao realizarem estudo e analisarem a bibliografia a respeito dos fatores determinantes, consolidaram o quadro 06, no qual são apresentadas as categorias dos fatores determinantes, as discriminações e os principais autores.

Quadro 06 – Fatores determinantes das ecoinovações baseados na bibliografia.

(continua)

CATEGORIZAÇÃO DOS FATORES DETERMINANTES	DISCRIMINAÇÃO	AUTORES
Mercadológicos	Participação de mercado (Market share) Concorrência Competitividade Imagem da empresa Demanda por produtos verdes/pressão de mercado Busca de novos mercados Benefícios ao consumidor Expectativas do Mercado	Rennings, 1998; Triguero et al., 2013; Bernauer et al., 2006; Horbach, 2008; Kesidou e Demirel, 2012; Triguero et al., 2013; Horbach et al., 2012

Tecnológicos e de produção	Qualidade do produto Eficiência dos materiais Movimentação do produto Eficiência energética Capacidades tecnológicas (inclui capital humano e conhecimento) Pesquisa e desenvolvimento Cooperação (concorrentes, fornecedores, clientes) Mecanismos de transferência do conhecimento Redes de relacionamento (institutos de pesquisa, universidades) Acesso a conhecimento e informações externas	Rennings, 1998; Horbach, 2008; Horbach et al., 2012; Triguero et al., 2013; Cuerva et al., 2014
Organizacionais e de gestão	Capacidades “verdes” Inovatividade Responsabilidade Social corporativa Sistema de gestão ambiental Capacidades gerenciais	Bernauer et al., 2006; Horbach et al., 2012; Kesidou e Demirel, 2012; Cuerva et al., 2014; Triguero et al., 2013
Econômicos	Custos da mão-de-obra Tamanho da firma Ganhos de escala Preço dos insumos (materiais e energia) Restrições Financeiras Conscientização ambiental Preferências por produtos sustentáveis	Rennings, 1998; Bernauer et al., 2006; Horbach, 2008; Triguero et al., 2013; Cuerva et al., 2014
Políticos e Institucionais	Políticas de incentivo e subsídios Estrutura institucional Redes de inovação	Horbach, 2008; Triguero et al., 2013; Cuerva et al., 2014
Regulatórios	Legislação ambiental vigente Padrões de segurança e saúde ocupacional Rigor da legislação vigente Expectativas e previsibilidade da legislação futura Apropriação e proteção às inovações (marcas e patentes)	Rennings, 1998; Triguero et al., 2013; Bernauer et al., 2006; Kesidou e Demirel, 2012; Horbach, 2008; Horbach et al., 2012

Fonte: Aloise, Nodari e Dorion (2015).

Nota-se que, do estudo realizado por Aloise, Nodari e Dorion (2015), sobressaíram autores de relevância e com maior leque de abordagens sobre determinantes da ecoinovação, dentre eles Rennings (1998), que, buscando facilitar a compreensão do tema, elaborou uma série de abordagens que permitiram elaborar o quadro 07, o qual demonstra de maneira mais detalhada os determinantes da ecoinovação.

Quadro 07 – Fatores determinantes e condições para o desenvolvimento/adoção da ecoinovação segundo Rennings.

(continua)

FATORES DETERMINANTES DA ECOINOVAÇÃO	CONDIÇÕES
Desenvolvimento tecnológico	Quando a ecoinovação objetiva maior eficiência no uso de energia, no uso dos materiais, na qualidade do produto, ou seja, visa a otimizar os recursos produtivos através da elevação de sua produtividade. Esse tipo de ecoinovação pode ser desenvolvido pelos fornecedores de tecnologia da atividade produtiva ou pelas próprias empresas produtoras, sendo incorporadas aos processos de produção à medida que essas empresas

	renovam ou ampliam sua capacidade produtiva.
Regulamentação	Quando a atividade visa a atender a legislação ambiental estabelecida, incorporar padrões de segurança e saúde ocupacional para os trabalhadores das empresas, ou ainda objetiva preparar a empresa para mudanças esperadas na regulamentação da atividade produtiva.
Mercado consumidor	A ecoinovação visa a atender demandas de consumidores que valorizam aspectos ecológicos incorporados aos produtos. Essas inovações voltadas para a preservação ambiental, quando orientam as estratégias competitivas das empresas, podem assegurar a entrada em novos mercados ou ampliar a parcela de mercados já atendidos, podem contribuir para a redução de custos e podem também melhorar a imagem das empresas e auxiliar no desenvolvimento de práticas socioambientais.

Fonte: Rennings (1998).

Das proposições apresentadas por Rennings (1998) e Aloise, Nodari e Dorion (2015), percebe-se que, ao enfatizar os determinantes da ecoinovação, ficou explícita a existência de categorias e fatores que podem ser impulsionados pelo desenvolvimento tecnológico, pelo mercado ou pela regulamentação. Nesses cenários, são consideradas a escassez de recursos que alimentam a busca pela eficiência e otimização de materiais e, em particular, a preocupação com energias renováveis; também cumprem papel relevante as regulamentações traduzidas em leis e normas ambientais que permeiam toda a atividade produtiva; contudo, o fator determinante de mais valia é o mercado consumidor, que demanda produtos que estejam ligados à preservação ambiental. Nas empresas, os determinantes de ecoinovação são identificados de maneiras diferentes por vários autores, de tal forma que Jacomossi *et al.* (2015) apresentam de maneira sucinta o esboçado no quadro 08, a seguir, no qual são identificados os fatores determinantes para a ecoinovação nas empresas, tentando organizar as visões distintas.

Quadro 08 – Determinantes da ecoinovação.

(continua)

AUTOR E ANO	FATORES DETERMINANTES PARA A ECOINOVAÇÃO NAS EMPRESAS
Ramus e Steger (2000)	1. Atuação dos supervisores; 2. Pressões regulatórias e dos stakeholders para promover a ecoiniciativa.
Siebenhüner e Arnold (2007)	Relacionam estilos de liderança como padrão de comportamento do gerente com seus colaboradores para determinar o processo de aprendizagem para a sustentabilidade na empresa.
Carrilo-Hermosilla, Del-Río e Könölä (2010)	Existência de dimensões-chave que orientam a ecoinovação nas empresas: 1. Projetos (a fim de reduzir os impactos sobre a sociedade e o ecossistema); 2. Desenvolvimento do usuário dos produtos (orientação para o consumo e aceitação do usuário); 3. Governança (relação com partes interessadas e importância da colaboração público-privada ao abordar a ecoinovação).

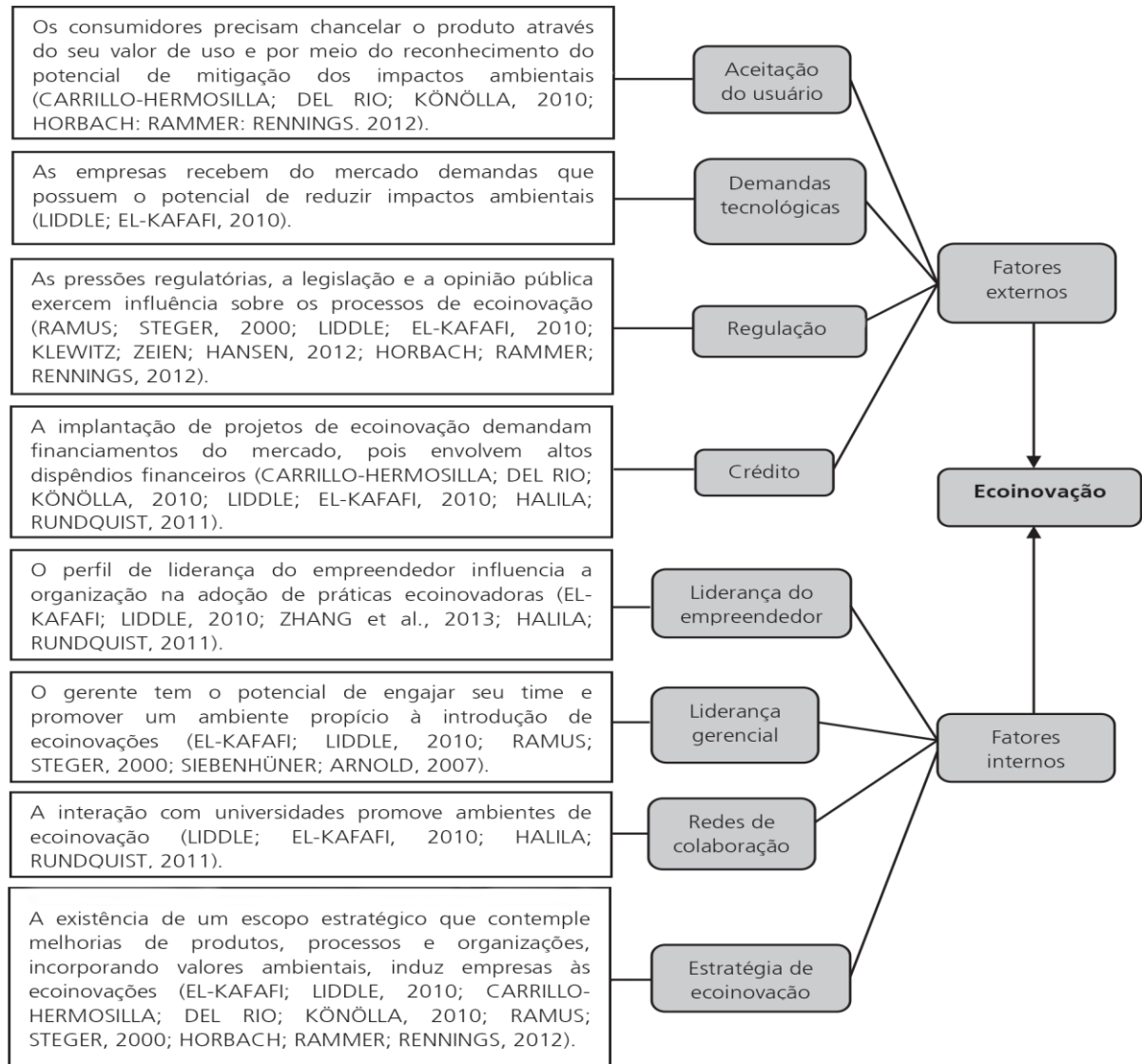
Liddle e El-Kafafi (2010)	Fatores que influenciam as empresas na adoção de inovações sustentáveis: 1. Tecnologia; 2. Influências do mercado para a adoção de ecoinovações; 3. Intervenção e regulamentação políticas; 4. Sistema Nacional de Inovação; 5. Fundos de investimento.
El-Kafafi e Liddle (2010)	Fatores que influenciam as empresas na adoção de inovações sustentáveis: 1. Realizar inovação sustentável como parte da visão da empresa; 2. Desenvolver estratégias que envolvam sustentabilidade; 3. Criação de um órgão de administração para a questão da sustentabilidade; 4. Delegar poder às pessoas; 5. Integrar redes; 6. Alinhar os sistemas de negócios com a visão de sustentabilidade; 7. Forças econômicas, sociais e ecológicas que contribuam para a difusão de um modelo de negócio que promova a sustentabilidade.
Halila e Rundquist (2011)	1. Características individuais: persistência e nível educacional do inovador; 2. O acesso ao capital e à rede de parcerias, principalmente nas fases iniciais do processo de inovação, em que o foco está em resolver problemas tecnológicos; 3. Rede de competências: referem-se às competências necessárias para o desenvolvimento da inovação, porém na ecoinovação são mais relacionadas às soluções tecnológicas, sendo que outros inovadores utilizam mais suas competências para a busca de financiamento e comercialização.
Klewitz, Zeyen e Hansen (2012)	A importância de identificar os papéis dos intermediários (parceiros): 1. A abordagem proativa por um órgão público é um fator essencial para o impulso das ecoinovações nas pequenas empresas; 2. Diferentes tipos de intermediários (públicos e privado) com diferentes níveis de suportes e redes.
Angelo, Jabbour e Galina (2012)	1. A inovação ambiental tem uma relação bilateral com o nível de proatividade da empresa para as práticas de gestão ambiental; 2. Educação ambiental para os funcionários das empresas; 3. Compreensão da relevância das questões ambientais pelos gerentes.
Zhang et al. (2013)	1. Características do empreendedor; 2. Necessidade de estabelecer uma perspectiva sistêmica; 3. Alinhamento entre tático e operacional.
Ford, Steen e Verreyne (2014)	A pressão regulatória influencia o processo de desenvolvimento de ecoinovações.
Horbach, Rammer e Rennings (2012)	Determinantes da ecoinovação são organizados em quatro grupos: fatores específicos da firma; tecnologia; mercado e regulação.
Sierzchula et al. (2014)	O estudo aponta para a necessidade de haver subsídios de preços em produtos ecoinovativos para a população, a fim de incentivar a sua usabilidade.

Fonte: Adaptado de Jacomossi et al. (2015).

O quadro apresentado permite identificar que há um número considerável de determinantes que colaboram no sentido de destacar a importância desses elementos na consolidação da ecoinovação nos contextos organizacionais e revela a riqueza da literatura ao destacar inúmeros autores que discorreram sobre a temática. Por sua vez, Jacomossi et al.

(2015), com base em escritos anteriores, construíram um modelo conceitual que visa a avaliar os fatores determinantes da ecoinovação, conforme Figura 01.

Figura 01 – Modelo conceitual de avaliação a partir dos determinantes da Ecoinovação.



Fonte: Jacomossi *et al.* (2015).

A avaliação dos determinantes, como proposta por Jacomossi *et al.* (2015) e apresentada na figura 01, demonstra a ecoinovação sendo moldada através de fatores externos e internos. Estabelecendo elo com estudos bibliográficos de outros autores, identificando requisitos a serem percorridos para determinar a ecoinovação, tal modelo pode ser adaptado aos mais diferentes contextos organizacionais, inclusive os que operam o turismo sustentável.

Para Kesidou e Demirel (2012), a ecoinovação é construída por direcionadores que são delineados por: fatores da demanda, como responsabilidade social corporativa, alinhando as práticas de negócio com as expectativas sociais e as exigências dos consumidores;

capacidades organizacionais relacionadas à existência de um sistema de gestão ambiental; e rigor das regulamentações ambientais.

Por sua vez, Ding e Jianmu (2015) identificaram duas categorias de direcionadores, a dos direcionadores institucionais e com partes interessadas (*stakeholders*) e a dos direcionadores organizacionais. Aloise, Nodari e Dorion (2015) ratificaram que para a primeira categoria estão a conformidade com as exigências regulatórias, a satisfação dos consumidores, o fornecimento de materiais e produtos ecoamigáveis pelos fornecedores e a competitividade e os direcionadores organizacionais. Como direcionadores organizacionais, os autores mencionam a experiência com P&D, as vantagens tecnológicas, a participação em redes de relacionamento, a propriedade de equipamentos especializados ou outros ativos fixos e o adequado nível de capital de giro.

As ecoinovações e seus determinantes podem consolidar atividades e agregar valor aos produtos e serviços nos empreendimentos onde estejam presentes, dessa forma elas podem ser um diferencial em empreendimentos turísticos, além de contribuir significativamente com as práticas de turismo sustentável ao fornecer novas processos, tecnologias e produtos voltados para minimização dos impactos ambientais.

2.3 Turismo

Traçando uma linha evolutiva do conceito de turismo e sua amplitude, encontra-se um incontável número de escritos que apontam a relevância da área e sua imensidão conceitual. Nesta seara estudos como o de Cooper *et al* (2001) discorreram que têm sido criadas definições para contemplar as necessidades e situações específicas no âmbito do turismo. Adiante Burkart e Medlick (1992) vislumbraram que a dificuldade em definir o conceito tem implicações ao nível da quantificação do fenômeno, da produção de legislação e elaboração de procedimentos administrativos, da identificação de oportunidades de negócio para o setor privado e do estudo do próprio fenômeno.

Buscando um entendimento foram realizadas diversas contribuições de autores como De La Torre (1992), para quem o turismo é um fenômeno social que consiste no deslocamento voluntário e temporário de indivíduos ou grupos de pessoas, que fundamentalmente, por motivos de recreação, descanso, cultura ou saúde, saem do seu local de residência habitual para outro, no qual não exercem nenhuma atividade lucrativa nem remunerada, gerando múltiplas inter-relações de importância social, econômicas e culturais que disseminou que o turismo pode ser definido como um fenômeno social baseado no

deslocamento de forma voluntária e temporária de pessoas que buscam recreação, descanso, saúde ou cultura, gerando inúmeras relações sociais, econômicas e culturais; Cooper *et al.* (2001) apresentaram os conceitos da Organização Mundial do Turismo (OMT) e da Comissão Estatística das Nações Unidas (UNSD), que definem o turismo como atividade de quem viaja ou permanece em lugar que não seu ambiente normal por não mais do que um ano consecutivo, em razão, entre outras, de lazer ou trabalho.

Estudioso da temática, Oliveira (2005) conceituou o turismo como o conjunto de resultados de caráter econômico, financeiro, político, social e cultural produzidos numa localidade, decorrentes do relacionamento entre os visitantes com os locais visitados durante a presença temporária de pessoas que se deslocam de seu local habitual de residência para outros de forma espontânea sem fins lucrativos; Cruz (2002), por sua vez, enxergou que o turismo, além de uma atividade econômica, é também uma prática social que envolve o deslocamento de pessoas pelo território e que tem o espaço geográfico como principal elemento de consumo; já Ignarra (2003) apontou que a questão turística está relacionada com as viagens, a visita a um local diverso do da residência das pessoas; e Medeiros (2011) enfatizou que o turismo é uma atividade humana e comercial que movimenta milhares de sujeitos por todo o globo terrestre, deslocando indivíduos que viajam para locais distantes, interagindo com realidades distintas.

Conceitos mais recentes ampliam e complementam os tradicionais, dentre eles se encontra o proposto por Carneiro (2014), que definiu o turismo como uma experiência motivacional que exige deslocamento físico e relações de hospitalidade, proporcionando assim um fenômeno econômico de dimensões sociais e culturais expressados em um dado território, em um dado tempo e com repercussões ambientais e socioculturais, sejam elas positivas ou negativas.

Já a Organização Mundial do Turismo – OMT (2014) explanou que o turismo é um deslocamento para fora do local de residência por período superior a 24 horas e inferior a 60 dias, motivado por razões não-econômicas; por fim, o Ministério do Turismo – MTUR (2016) estabeleceu que o turismo se caracteriza pelo deslocamento e pela estadia de pessoas, ou grupos de pessoas, para lugares diferentes do seu habitual, num período inferior a um ano.

Há de maneira em geral, dificuldades em conceituar turismo, uma vez que ele não é uma atividade única quanto à sua segmentação e são inúmeros os conceitos difundidos; contudo buscando padronizá-los no cenário nacional, o Ministério do Turismo do Brasil no ano de 2010 apresentou e caracterizou os segmentos do turismo, conforme quadro 09.

Quadro 09 – Segmentação do turismo no Brasil.

TIPOLOGIAS DO TURISMO	
Turismo Social	É a forma de conduzir e praticar a atividade turística promovendo a igualdade de oportunidades, a equidade, a solidariedade e o exercício da cidadania na perspectiva da inclusão.
Ecoturismo	É um segmento da atividade turística que utiliza, de forma sustentável, o patrimônio natural e cultural, incentiva sua conservação e busca a formação de uma consciência ambientalista através da interpretação do ambiente, promovendo o bem-estar das populações.
Turismo Cultural	Compreende as atividades turísticas relacionadas à vivência do conjunto de elementos significativos do patrimônio histórico e cultural e dos eventos culturais, valorizando e promovendo os bens materiais e imateriais da cultura. De acordo com MTur (2010) ainda se enquadram nessa segmentação: Turismo Cívico: Ocorre em função de deslocamentos motivados pelo conhecimento de monumentos, fatos, observação ou participação em eventos cívicos, que representem a situação presente ou a memória política e histórica de determinados locais; Turismo Religioso: Configura-se pelas atividades turísticas decorrentes da busca espiritual e da prática religiosa em espaços e eventos relacionados às religiões institucionalizadas; Turismo Místico e Esotérico: Caracterizam-se pelas atividades turísticas decorrentes da busca da espiritualidade e do autoconhecimento em práticas, crenças e rituais considerados alternativos; e Turismo Étnico: Constitui-se das atividades turísticas decorrentes da vivência de experiências autênticas em contatos diretos com os modos de vida e a identidade de grupos étnicos.
Turismo de Estudos e Intercâmbio	Constitui-se da movimentação turística gerada por atividades e programas de aprendizagem e vivências para fins de qualificação, ampliação de conhecimento e de desenvolvimento pessoal e profissional.
Turismo de Esportes	Compreende as atividades turísticas decorrentes da prática, envolvimento ou observação de modalidades esportivas.
Turismo de Pesca	Compreende as atividades turísticas decorrentes da prática da pesca amadora.
Turismo Náutico	Caracteriza-se pela utilização de embarcações náuticas como finalidade da movimentação turística.
Turismo de Aventura	Compreende os movimentos turísticos decorrentes da prática de atividades de aventura de caráter recreativo e não competitivo.
Turismo de Sol e Praia	Constitui-se das atividades turísticas relacionadas à recreação, entretenimento ou descanso em praias, em função da presença conjunta de água, sol e calor.
Turismo de Negócios e Eventos	Compreende o conjunto de atividades turísticas decorrentes dos encontros de interesse profissional, associativo, institucional, de caráter comercial, promocional, técnico, científico e social.
Turismo Rural	É o conjunto de atividades turísticas desenvolvidas no meio rural, comprometido com a produção agropecuária, agregando valor a produtos e serviços, resgatando e promovendo o patrimônio cultural e natural da comunidade.
Turismo de Saúde	Constitui-se das atividades turísticas decorrentes da utilização de meios e serviços para fins médicos, terapêuticos e estéticos.

Fonte: Elaborado pelo autor com base nos conceitos do Ministério do Turismo (2020).

Historicamente, Trigo (2000) asseverou que a intensificação do turismo ocorreu com a sociedade pós-industrial (após a década de 1960), período de mudanças significativas no setor, como a expansão do transporte aéreo, o que fez potencializar o turismo de massa em esfera global. Na perspectiva de visão de Rejowski (2002) os fatores que contribuíram para o crescimento do turismo de massa, foram:

- Paz prolongada em zonas de estabilidade política no Mediterrâneo, centro da Europa, Estados Unidos;
- Consolidação do poder aquisitivo de amplas camadas da população em países ocidentais, e aumento do tempo livre com mais dias de férias;
- Maior interesse em conhecer outros povos e civilizações pela expansão da educação e da cultura;
- Desejo de evasão, descanso e recreação para ambientes próximos à natureza, em face de problemas decorrentes da industrialização e do crescimento populacional inseridos no processo de urbanização;
- Redução das jornadas de trabalho e criação de férias anuais remuneradas;
- Desenvolvimento da tecnologia principalmente dos transportes (trens, aviões, navios, carros) e;
- Incremento da publicidade e aplicação de técnicas de marketing, aumentando a motivação para as atividades de lazer, e dentre estas, o turismo. (REJOWSKI, 2002, p.85):

Para Gee e Fayos-Solá (2003) o turismo foi consolidado ao longo do século XX, caracterizada pelos grandes fluxos turísticos internacionais e domésticos, propiciado, entre outras coisas, pela ampliação da tecnologia de transportes, das telecomunicações e da construção civil, motivando o aumento das viagens, o advento do turismo de massa e a segmentação da atividade turística; já Para Choi e Sirakaya (2006), no século XX, a globalização do capitalismo, o movimento das populações e os avanços nos transportes e nas tecnologias de comunicação ajudaram a tornar o turismo um dos maiores setores econômicos do mundo.

Para Beni (2002), o turismo constitui-se, nos dias atuais, como um dos mais importantes instrumentos de geração de emprego e renda e rotatividade de fluxo de pessoas em todo o mundo e ainda apresenta o sistema turístico como uma rede de interações e inter-relações de dependência que o configuram e que devem ser analisadas e compreendidas de forma integral e holística. Adicionalmente, Oliveira (2005) apresenta o turismo como a atividade humana capaz de produzir resultados de caráter econômico-financeiro e sócio-político-cultural realizados numa localidade, decorrentes do relacionamento entre os visitantes com os lugares visitados durante a presença temporária de pessoas que se deslocam de seu local habitual de residência para outros, de forma espontânea, sem fins lucrativos.

De acordo com a OMT (2015), o turismo é um setor em rápido crescimento em escala mundial, que gera emprego e receitas fiscais e estimula o investimento em infraestrutura, capital humano e inovação tecnológica, ou seja, o turismo gera, inegavelmente, um incontável número de impactos, entre eles os econômicos.

Outro conceito relevante a respeito do turismo e que colabora para a compreensão do fenômeno é o de produto turístico, que para Cooper *et al* (2001) é o conjunto de bens e serviços consumido pelos visitantes em um determinado destino, complementando Beni

(2002) o apresentou como “um conjunto de bens e serviços produzido em diversas unidades econômicas” destinados a satisfazer as necessidades do consumidor final, já MTUR (2007) o definiu como o conjunto de atrativos, equipamentos e serviços turísticos acrescidos de facilidades, localizado em um ou mais municípios e ofertado de forma organizada por um determinado preço; já de acordo com Ignarra (2011), ele consiste no conjunto de elementos formadores da oferta turística e pode ser dividido em quatro grupos: a) atrativos turísticos; b) serviços turísticos; c) serviços públicos; e d) infraestrutura básica.

Para Lage e Milone (2000), o principal objetivo do produto turístico é atender aos desejos e às necessidades da demanda de viajantes, que aumenta numa proporção maior que a dos recursos econômicos existentes.

Com um novo patamar nas relações e interações entre consumidores e prestadores de serviços, há uma crescente preocupação com os impactos ambientais gerados pela oferta dos produtos turísticos, sendo que a não adesão às exigências de determinados grupos sociais pode causar o fim da atividade como um todo. Por outro lado, os investimentos em práticas que remetam à sustentabilidade podem ser tidos como um diferencial competitivo, inclusive na região pesquisada ao fortalecer a imagem dos empreendimentos frente a comunidade local e a um mercado em crescente expansão, haja vista a importância e preocupação cada vez maior para com a preservação ambiental e é neste cenário que tem sido apontado o turismo sustentável como uma alternativa para aqueles que buscam gerar menores impactos aos destinos turísticos.

2.3.1 Turismo Sustentável

O turismo sustentável é uma temática que envolve estudos e debates contemporâneos, exemplo disso é o fato de que, de acordo com a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (2017), a Organização das Nações Unidas (ONU) proclamou 2017 como o ano internacional do turismo sustentável para o desenvolvimento, como forma de reconhecimento sobre a importância do turismo para a economia.

Estudos como o de Kanni (2002) identificaram que as pesquisas sobre turismo sustentável começaram nos anos 1960, mas somente na década de 1990 é que a atividade turística passou a ser difundida e reforçada pela divulgação da Agenda 21, no ano de 1996, pela OMT, pelo Conselho Mundial de Viagens e Turismo e pelo Conselho da Terra.

Na vertente conceitual, um dos conceitos mais conhecidos sobre turismo sustentável foi elaborado pela OMT (Organização Mundial do Turismo), em 1995, que o apresenta como:

Aquele ecologicamente suportável em longo prazo, economicamente viável, assim como ética e socialmente equitativo para as comunidades locais. Exige integração ao meio ambiente natural, cultural e humano, respeitando o frágil equilíbrio que caracteriza muitas destinações turísticas, em particular pequenas ilhas e áreas ambientalmente sensíveis (OMT, 1995).

Há um elevado número de pesquisas que visam a correlacionar a ideia da sustentabilidade ao turismo sustentável, e, para consolidar uma linha geral a respeito, a Organização Mundial de Turismo (2003) conceituou turismo sustentável como aquele que relaciona as necessidades dos turistas com as das gerações receptoras, protegendo e fortalecendo oportunidades para o futuro.

Na perspectiva de Beni (2002), o turismo sustentável é compreendido como maximização e otimização da distribuição dos benefícios do desenvolvimento econômico baseado no estabelecimento e na consolidação das condições de segurança a partir das quais serão oferecidos os serviços turísticos. A World Travel and Tourism Council (2012) definiu turismo sustentável como ecologicamente suportável em longo prazo, viável economicamente e socialmente responsável para as comunidades e seus moradores, e isso a partir da integração do ambiente natural, humano e cultural; já para o Ministério do Turismo (2016), o turismo sustentável é a atividade que satisfaz às necessidades dos visitantes e às necessidades socioeconômicas das regiões receptoras, enquanto os aspectos culturais, a integridade dos ambientes naturais e a diversidade biológica são necessariamente mantidos para o futuro.

Segundo Swarbrooke (2000), o turismo sustentável apresenta-se sob diversas formas, de maneira a satisfazer às necessidades dos turistas e das comunidades locais, sem comprometer a capacidade das futuras gerações de satisfazerem às suas próprias necessidades. Paralelamente, Gastal e Moesch (2004) defenderam que o conceito de sustentabilidade no turismo deve contemplar quatro desafios-chave: uma compreensão melhor de como os turistas avaliam e usam os ambientes naturais; o aumento e os impactos da dependência de comunidades em relação ao turismo; a identificação dos impactos sociais e ambientais do turismo; e a implementação de sistemas para administrar esses impactos.

A atividade turística, do ponto de vista ambiental, gera, como qualquer outra atividade, impactos que repercutem negativamente no meio ambiente que circunda a realização das suas ações; tal afirmativa é ratificada por César-Dachary (1996) quando asseverou que o turismo é uma atividade econômica complexa que possui amplas relações com as questões ambientais, as quais podem ser classificadas em termos dos seus efeitos físicos, biológicos e socioeconômicos, além de seus efeitos reais e potenciais. Ruschmann

(1997) enxergou que os danos ambientais, decorrentes do desenvolvimento descontrolado da atividade turística, provocam a poluição do ar, da água e sonora. Já Dias (2005) afirmou que o turismo enquanto “indústria sem chaminés” é um mito e hoje se compreende que ele pode ser tão prejudicial quanto as indústrias de transformação mais poluidoras, com um agravante: seus efeitos podem ocorrer num espaço de tempo mais curto.

No entanto, o turismo não apresenta somente malefícios, e nessa linha um conjunto de autores compartilha de uma visão segundo a qual o turismo apresenta benefícios e malefícios para o meio ambiente, entre os quais se destacam: Swarbrooke (2000), que diagnosticou que muitos dos impactos gerados pelas atividades turísticas não são perceptíveis no curto prazo, mas, sim, no médio e longo prazos e podem ser irreversíveis; Masina (2002), por sua vez, esclareceu que toda atividade turística provoca tanto benefícios quanto malefícios de caráter sociocultural, sendo os pontos positivos decorrentes da relação do turista com o local visitado e os pontos negativos derivados da má utilização dos equipamentos e recursos turísticos disponibilizados; e Dias (2005), que vislumbrou que os impactos negativos de caráter ambiental, no turismo, são inúmeros caso não exista um planejamento prévio voltado para minimiza-los no local que receberá determinado fluxo de turistas.

Para Dalla’agnol (2012), embora o turismo possa gerar impactos positivos significativos nas cidades e regiões receptoras, quando mal planejado e gerido, pode gerar externalidades negativas ao núcleo receptor e refletir seus impactos para além do destino visitado.

Inegavelmente, observa-se que o turismo pode ser um caminho de mão dupla ao trazer malefícios e benefícios para uma determinada localidade, todavia é necessário esclarecer possíveis impactos ambientais gerados. Como contraponto aos efeitos e impactos negativos do turismo, surge o turismo sustentável, que, para Saarinen (2006), tem suas origens relacionadas com o interesse acadêmico sobre os impactos negativos do turismo no início dos anos 1960 e as pesquisas relacionadas à capacidade de carga, todavia Körössy (2008) esclareceu que ele, o turismo sustentável, se sedimentou em 1995, nas Ilhas Canárias (Lanzarote, Espanha), quando foi celebrada a Conferência Mundial de Turismo Sustentável, durante a qual foi elaborada a Carta do Turismo Sustentável (*Charter for Sustainable Tourism*).

O direcionamento correto das ações da atividade turística sob a égide da sustentabilidade pode trazer redução dos impactos ambientais, pois, como corrobora Frangialli (1999), à medida que se procede a um adequado desenvolvimento do turismo, este

poderá reduzir ao mínimo seus efeitos negativos para o meio ambiente e aumentar consideravelmente seus efeitos benéficos. Nesse cenário, a OMT (2003) discorreu que:

O turismo, sob as bases da ‘sustentabilidade’, apresenta maior potencial para a maximização dos benefícios, sejam eles econômicos, sociais ou ambientais. É capaz de promover a qualidade de vida das populações locais, oferecer maior qualidade das experiências turísticas ao visitante e levar à proteção do ambiente visitado, garantindo a manutenção do patrimônio ambiental para as comunidades locais e visitantes que dele dependem intimamente.

Para Medlik (1996), o termo turismo sustentável provém do conceito de desenvolvimento sustentável, e Seabra (2012) apresentou o turismo por meio de uma visão sustentável, na qual se busca a sustentabilidade ecológica, a partir da conservação e do uso racional dos recursos naturais, e a sustentabilidade social e cultural, por meio do fortalecimento e da valorização da identidade da comunidade, bem como a sustentabilidade econômica, com o desenvolvimento eficaz da economia de modo a assegurar recursos para as gerações futuras, e a sustentabilidade política, que possibilita a formação da cidadania dos indivíduos. Munck et al. (2013) conceberam o pensamento de que o desenvolvimento sustentável se baseia na preservação dos recursos naturais, ou seja, busca os mesmos objetivos da sustentabilidade e é complementado pela busca de um equilíbrio social, cultural e econômico.

Para Beni (2002), o turismo sustentável deve garantir e assegurar os componentes dos diferenciais turísticos e o mecanismo racional de exploração dos recursos ambientais naturais, histórico-culturais e temático-artificiais, por meio de um processo preservacionista estratégico de desenvolvimento interativo e articulado, especialmente delimitado e localizado. E o MTUR (2016) apontou que a sustentabilidade no turismo consiste num processo contínuo e requer constante previsão de tendências e monitoramento dos impactos para a introdução de medidas preventivas ou corretivas quando necessário, de forma que respeite o potencial e o limite natural da localidade a ser desenvolvida turisticamente.

No que concerne à sustentabilidade aplicada ao turismo, o Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (2005) descreveu que ela tem como finalidade garantir a resposta às necessidades dos visitantes, da indústria, do ambiente e das comunidades locais, procurando maximizar os benefícios socioeconômicos e ambientais, atuais e futuros resultantes da atividade, bem como minimizar os impactos negativos e alea associados. Já o Ministério do Turismo (2007) estabeleceu quatro dimensões para tratar da “sustentabilidade turística”: o aspecto ambiental, o econômico, o sociocultural e o político-institucional.

Com a finalidade de aumentar a compreensão e a fundamentação do turismo sustentável, o Conselho Brasileiro para o Turismo Sustentável (CBTS) elaborou 7 (sete) princípios técnicos que validam o turismo sustentável, os quais serão utilizados na análise dos casos deste estudo. São eles:

1. Respeitar a legislação vigente: o turismo deve respeitar a legislação vigente no País, em todos os níveis, e as convenções internacionais de que o Brasil é signatário;

2. Garantir os direitos das populações locais: o turismo deve buscar promover mecanismos e ações de responsabilidade social, ambiental e de equidade econômica, inclusive a defesa dos direitos humanos de uso da terra, mantendo ou ampliando, a médio e longo prazos, a dignidade dos trabalhadores e comunidades envolvidas;

3. Conservar o meio ambiente natural e sua diversidade: em todas as fases de implementação e operação, o turismo deve adotar práticas de mínimo impacto sobre o ambiente natural, monitorando e litigando efetivamente os impactos, de forma a contribuir para a manutenção das dinâmicas e processos naturais e seus aspectos paisagísticos, físicos e biológicos, considerando o contexto social e econômico existente;

4. Considerar o patrimônio cultural e os valores locais: o turismo deve reconhecer e respeitar o patrimônio histórico e cultural das regiões e localidades receptoras a ser planejado, implementado e gerenciado em harmonia com as tradições e valores culturais, colaborando para o seu desenvolvimento;

5. Estimular o desenvolvimento social e econômico dos destinos turísticos: o turismo deve contribuir para o fortalecimento das economias locais, a qualificação das pessoas, a geração crescente de trabalho, emprego e renda e o fomento da capacidade local de desenvolver empreendimentos turísticos;

6. Garantir a qualidade dos produtos, processos e atitudes: o turismo deve avaliar a satisfação do turista e verificar a adoção de padrões de higiene, segurança, informação, educação ambiental e atendimento estabelecidos, documentados, divulgados e reconhecidos;

7. Estabelecer o planejamento e a gestão responsáveis: o turismo deve estabelecer procedimentos éticos de negócios visando engajar a responsabilidade social, econômica e ambiental de todos os integrantes da atividade, incrementando o comprometimento do seu pessoal, fornecedores e turistas em assuntos de sustentabilidade, desde a elaboração de sua missão, objetivos, estratégias, metas, planos e processos de gestão (CONSELHO BRASILEIRO DE TURISMO SUSTENTÁVEL, 2017, p. 28).

A OMT (2001) defendeu que o conceito de sustentabilidade deve estar ligado a três fatos importantes: a qualidade de vida local, a continuidade da utilização dos recursos naturais e o equilíbrio que deve existir entre a exploração desses recursos e sua preservação. Sendo assim, alguns objetivos podem ser traçados para que o turismo sustentável possa servir de modelo de desenvolvimento econômico, como, por exemplo:

Melhorar a qualidade de vida da população local, das pessoas que vivem e trabalham no local turístico; prover experiência de melhor qualidade para o visitante; manter a qualidade do meio ambiente da qual depende a população local e os visitantes; a efetivação de aumento dos níveis de rentabilidade econômica da atividade turística para os residentes locais; assegurar a obtenção de lucros pelos empresários turísticos (OMT, 2001, p. 246).

A OMT (2003) elaborou um conjunto de indicadores que avaliam as informações sobre o desenvolvimento sustentável do turismo em uma comunidade: bem-estar das comunidades receptoras; conservação do patrimônio cultural; participação comunitária no turismo; satisfação dos turistas; saúde e segurança; aproveitamento dos benefícios econômicos do turismo; proteção dos recursos naturais; gestão dos recursos naturais escassos; limitação do impacto ambiental do turismo; controle das atividades turísticas; organização e controle do lugar de destino; projeto de produtos e serviços e sustentabilidade de operações e serviços turísticos. O PNUMA (2005) ratificou que o desenvolvimento da sustentabilidade em turismo é um processo contínuo, exigindo constante monitorização e introdução de medidas preventivas e/ou corretivas, quando necessário.

Por fim, os conceitos destacados demonstram que há preocupação do turismo sustentável com a maneira como as pessoas se relacionam com os ambientes, ratificando o pensamento de Rodrigues *et al.* (2014), no qual o turismo sustentável considera os atuais e futuros impactos econômicos, sociais e ambientais, atendendo às necessidades dos visitantes, da indústria, do meio ambiente e das comunidades de acolhimento.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este capítulo foi estruturado de maneira a demonstrar os procedimentos metodológicos utilizados, considerando os objetivos que foram elaborados anteriormente e o problema da pesquisa. Serão apresentados conceitos, abordagens, métodos, instrumentos de coleta de dados e critérios adotados nos estudos de casos.

3.1 Questões de pesquisa

Ao discorrer sobre questões de pesquisa, Stake (2005) vislumbrou que os pesquisadores do estudo de caso precisam de um conjunto de duas ou três questões afiadas ou ter elaborado questões temáticas (questões de investigação) que ajudarão a estruturar a observação, as entrevistas e a análise de documentos. Diante disso e objetivando aprofundar a problemática da pesquisa com questionamentos que tragam respostas necessárias ao alcance dos objetivos, os estudos de casos têm como questões de pesquisa as seguintes indagações:

- Quais os segmentos de turismo que são praticadas pelos empreendimentos pesquisados?
- Os empreendimentos estudados atendem aos técnicos princípios do CBTS quanto às práticas de turismo sustentável?
- Há presença de ecoinovações nos empreendimentos do entorno do Riacho do Talhado? Quais suas dimensões?
- Quais as tipologias de ecoinovação e os tipos de agentes ecoinovadores estão presentes nos empreendimentos pesquisados?
- Quais os principais determinantes de ecoinovações nos empreendimentos?

3.2 Caracterização do Estudo

Um dos caminhos iniciais para o desenvolvimento de pesquisa é a escolha da melhor abordagem a ser desenvolvida, podendo quanto à abordagem ser qualitativa, quantitativa ou até mesmo a junção das duas modalidades.

Para Lopes *et al.* (2006), a delimitação é necessária para que se possa tratar do tema com maior profundidade, e, para Beuren *et al.* (2004), concebem-se, através da pesquisa qualitativa, análises mais profundas em relação ao fenômeno que está sendo estudado.

Diante disso, este estudo quanto ao tipo de pesquisa foi definido como qualitativo, pois abordou modelos teóricos que permitiram analisar de maneira detalhada os fenômenos estudados e ajudou a elucidar os problemas da pesquisa.

Para Flick (2009), pesquisa qualitativa envolve um caráter interpretativo e de abordagem naturalística diante do mundo, ou seja, os pesquisadores estudam as coisas em seus contextos naturais, procurando compreender e/ou interpretar os fenômenos em termos dos sentidos que as pessoas lhe atribuem; tais definições foram adotadas e ratificadas na pesquisa com a ida ao campo e pelo fato do estudo ter sido realizado durante as atividades dos empreendimentos.

Quanto à finalidade, a pesquisa foi exploratória considerando a ausência de estudos que envolvessem o entorno do Riacho do Talhado sob as perspectivas abordadas. A pesquisa também foi enquadrada como descritiva uma vez que consistiu na análise de características dos empreendimentos e na análise de informações, fatos e documentos, ratificando o proposto por Lakatos e Marconi (2007) para quem esse tipo de pesquisa em investigações de pesquisa empírica cuja principal finalidade é o delineamento ou a análise das características de fatos ou fenômenos, a avaliação de programas ou o isolamento de variáveis principais ou chave,

Ademais, com relação às tipologias de métodos científicos, Pita e Pertegás (2002) esclareceram que os métodos indutivos são geralmente associados com a pesquisa qualitativa, enquanto o método dedutivo é frequentemente associado com a pesquisa quantitativa. Também Lakatos e Marconi (2010) apresentaram vários deles, como: dedutivo, indutivo, hipotético-dedutivo, dialético, e nove outros específicos das ciências sociais, e Cano (2012), por sua vez, sugeriu que classicamente são vistos como de apenas dois tipos – o indutivo e o dedutivo.

A pesquisa utilizou o método dedutivo, considerando o disposto por Lakatos e Marconi, ao afirmarem que:

O método dedutivo é aquele que permite que o pesquisador ponha uma hipótese a si mesmo a respeito de uma série de acontecimentos, que ele supõe ocorrer também em um caso específico, e que, pela experimentação controlada, permite que os resultados sejam generalizados sob a forma de leis e teorias. Nesse caso, as generalizações não são probalísticas, são necessárias. Segundo a lógica, a princípio mental que caracteriza a dedução é que o pensamento se move de uma condição geral para a particular (LAKATOS; MARCONI, 2010, p. 53).

Considerando o pensamento de Prodanov e Freitas (2013), para quem o método dedutivo baseia-se na construção de conclusões a partir de princípios considerados

verdadeiros, o método dedutivo foi amplamente utilizado em virtude da utilização de teorias que foram elaboradas na fase inicial da pesquisa e trouxeram dados validados acerca de uma realidade conceitual de amplitude generalista empregada em casos específicos e que validaram tais teorias.

3.3 Método de pesquisa

A pesquisa adotou como estratégia o estudo de múltiplos casos, considerando o proposto por Eisendhart (1989), para quem esse tipo de estudo é uma estratégia de pesquisa que se foca em compreender a dinâmica apresentada dentro de contextos específicos. Por sua vez, Yin (2015) ressaltou que o estudo de caso como estratégia de pesquisa compreende um método que abrange tudo – tratando da lógica de planejamento, das técnicas de coleta de dados e das abordagens específicas à análise deles. Além de que o uso do estudo de caso é adequado quando se pretende investigar o como e o porquê de um conjunto de eventos contemporâneos, como, por exemplo, o turismo sustentável e a ecoinovação; sendo assim, justificou-se a escolha por esse método.

Outra questão que justificou a escolha de estudos de casos se deu em virtude de a pesquisa procurar testar, expandir e generalizar teorias, e, como Eisendhart (1989) ratificou, o estudo de caso pode descrever um fenômeno, testar uma teoria ou gerar uma teoria, no caso em tela, buscou-se a descrição dos fenômenos ligados a ecoinovação e o turismo sustentável.

Foram considerados os escritos de Yin (2015), que asseverou que os estudos de casos costumam ser mais convincentes; Stake (2005) chamou atenção para o fato de que uma pesquisa com múltiplos casos requer um procedimento mais apurado e mais tempo para a coleta e a análise dos dados, visto que será necessário replicar as mesmas questões em todos os casos.

Para consolidar o estudo, foram realizados três estudos de casos, em diferentes empreendimentos. Quanto às coletas de dados, foram empregadas duas entrevistas semiestruturadas (Apêndices A e B) e o levantamento de dados, constantes no Anexo A. A aplicação ocorreu em momentos distintos: no primeiro, foram levantados dados sobre turismo sustentável e, no segundo, sobre ecoinovação. A escolha por esse modelo de entrevista considerou a maleabilidade da ferramenta, como propôs por Triviños (1987), para quem a entrevista semiestruturada tem como característica questionamentos básicos que são apoiados em teorias e hipóteses que se relacionam ao tema da pesquisa.

Para Marton (1986), apesar de ter um roteiro de perguntas previamente elaborado, o entrevistador deve ter a flexibilidade de modificar o curso da conversa, caso seja necessário e interessante; para Manzini (1990), a entrevista semiestruturada está focalizada em um assunto sobre o qual se confecciona um roteiro com perguntas principais, complementadas por outras questões inerentes às circunstâncias momentâneas à entrevista, sendo, por isso, relevante para o ambiente onde será realizado o estudo; e Flick (2009) afirmou que essa ferramenta de coleta de dados tem atraído interesse e passou a ser amplamente utilizada, uma vez que é mais provável que os pontos de vista dos sujeitos entrevistados sejam expressos em uma situação de entrevista com um planejamento aberto do que em uma entrevista padronizada ou em um questionário.

A pesquisa ocorreu nas empresas durante a realização das atividades diárias e, portanto, houve observação participante, pois, para Demo (1995), a conceituação de pesquisa participante é que ela é “metodologia alternativa”, sedimentada em uma avaliação qualitativa das manifestações sociais, comprometida com intervenções que contemplam o autodiagnostico (conhecimento, acumulação e sistematização dos dados), a construção de estratégia de enfrentamento prático dos problemas detectados e a organização política da comunidade como meio e fim, e Given (2008) informou que o método de coleta de dados na observação participante consiste na participação do pesquisador nas atividades cotidianas relacionadas a uma área da vida social, a fim de estudar aspectos de vida por meio da observação de eventos em seus contextos naturais.

Como resultado da observação participante foram detectadas, através das falas e da observação dos ambientes várias ecoinovações e indícios que apontaram o atendimento dos princípios técnicos dos CBTS no tocante ao turismo sustentável.

3.4 Critérios para a Escolha dos Casos

Para Stake (2005), o estudo de múltiplos casos se caracteriza pela investigação conjunta de casos para melhor compreender um fenômeno, fazendo isso de forma mais ampla. Para Verztman (2013), um estudo de caso é um método naturalístico e é uma forma de estudo que visa à descrição e à compreensão do singular, acreditando que se possa contribuir para a compreensão de uma realidade maior.

O estudo abordou empreendimentos que oferecessem serviços ou produtos turísticos e atendessem aos seguintes critérios: a) existissem formalmente há mais de dois anos; b)

atuassem no ramo de turismo; c) estivessem situadas no entorno do Riacho do Talhado e na cidade de Delmiro Gouveia; e d) apresentassem indícios de práticas de turismo sustentável.

Após levantamento, foram identificados quatro empreendimentos que atuavam no entorno do Riacho do Talhado, sendo apenas três deles na cidade de Delmiro Gouveia. Buscou-se expandir a pesquisa até o quarto empreendimento localizado no Município de Olho D'Água do Casado, em Alagoas, porém o proprietário não concordou em participar da pesquisa.

A limitação do estudo pode ser identificada nesse critério, uma vez que a pesquisa poderia ser expandida para outros municípios, inclusive de outros estados que compõem o MONA do Rio São Francisco, possibilitando, assim, maior replicação dos casos e um número maior de análises comparativas dos casos, porém um estudo dessa natureza demandaria um volume considerável de recursos financeiros e logísticos.

3.5 Critérios de Validade/Confiabilidade

Para Benbasat, Goldstein e Mead (1987), o estudo de caso é um método de pesquisa que investiga um fenômeno contemporâneo em seu ambiente natural, adotando múltiplas fontes de evidência sobre uma ou poucas entidades, sem o uso de manipulação ou controle. Yin (2015) informou que as evidências resultantes de estudos de casos múltiplos são consideradas mais convincentes e que o resultado global do estudo é mais robusto, fato que confere credibilidade ao estudo que foi desenvolvido.

Visando ao pleno atendimento dos critérios de validade e confiabilidade, Yin (2015) ratificou em seu estudo que a validade do constructo se refere ao estabelecimento de “medidas operacionais corretas para os conceitos que estão sob estudo”. Nessa perspectiva, optou-se aqui pela utilização de dois construtos: turismo sustentável e ecoinovação, e isso como forma de verificá-los, operacionalmente, com o suporte de modelos teóricos e categorias analíticas.

A pesquisa foi fundamentada em conceitos e teorias consolidadas, e os procedimentos adotados, visando a fortalecer a credibilidade da pesquisa, foram os seguintes: consulta a documentos das empresas, acesso a sites e redes sociais, uso de entrevistas semiestruturadas com processo de gravação em vídeo das visitas que foram realizadas “*in loco*”, o que garantiu a mais fiel transcrição das falas dos empreendedores, e análise dos conteúdos. Houve prática da observação participante, que facilitou a abordagem qualitativa ao permitir uma descrição detalhada dos achados nos empreendimentos, ratificando, assim, o proposto por Dubé e Paré

(2003), para quem a credibilidade dos resultados da pesquisa depende de uma descrição detalhada do contexto da pesquisa, abordando o local de condução da pesquisa, o período de tempo em que a pesquisa ocorreu, a coleta de dados em um ou mais momentos, a obtenção de adequado acesso, o tempo gasto pelo pesquisador no local, os dados coletados durante os eventos ou posteriormente.

Vale ressaltar, por ora, que o contexto da pesquisa estará na apresentação dos resultados. As entrevistas foram realizadas em datas acertadas com os empreendedores antecipadamente, entre os dias 20 de outubro e 12 de novembro de 2019, com duas visitas realizadas a cada localidade e duração média de uma hora e vinte minutos para cada entrevista. Além disso, o acesso às informações foi facilitado e adequado para coletar as informações desejadas.

3.6 Método de análise dos dados e definição das categorias analíticas

Segundo Yin (2015), a análise dos dados consiste em examinar, categorizar, classificar em tabelas, testar, ou, do contrário, recombina as evidências quantitativas e qualitativas para tratar as proposições iniciais de um estudo.

Para analisar os dados com vistas a serem alcançados os objetivos propostos, foram realizadas, logo depois da fase da coleta de dados, a transcrição das entrevistas e a análise de conteúdo, partindo, para tanto, da premissa de que, de acordo com Bardin, a análise de conteúdo é:

um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (2011, p. 47).

O modelo adotado para analisar o conteúdo foi o proposto por Bardin (2011), para quem a utilização da análise de conteúdo prevê três fases fundamentais: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados – a inferência e a interpretação; além de que as sínteses dos dados coletados em campo foram elencadas em categorias definidas que, ainda para o estudioso, podem obedecer ao conceito definido no referencial teórico ou serem fundamentadas nas verbalizações relativas aos temas, e ambos, título e definição, devem ser registrados nos quadros matriciais; porém, de maneira complementar, Bardin (2011) ratificou que as categorias podem ser criadas a priori ou a posteriori, isto é, a partir apenas da teoria

ou após a coleta de dados. Na pesquisa as categorias foram criadas a priori, considerando o contexto da pesquisa e o referencial teórico.

Considerando que Flick (2009) afirmou que o material também pode ser documentado por meio de fotos, filmes, áudios e outros, pois todas as formas de documentação têm relevância no processo de pesquisa, possibilitando uma “adequada” análise. Nas transcrições das entrevistas, foram separados trechos que trouxessem evidências que validassem as categorias analíticas apresentadas no quadro 10, trazido na sequência, e respondessem também aos objetivos e às questões da pesquisa.

Quadro 10 – Constructos e Categorias Analíticas.

Constructo: Turismo Sustentável	Categorias Analíticas
	Segmentos do Turismo
	Princípios do CBTS
Constructo: Eco inovação	Tipologias de Eco inovações
	Dimensões das Eco inovações
	Tipologias de agentes eco inovadores
	Determinantes de eco inovação

Fonte: Elaborado pelo autor.

A análise dos dados trouxe o enquadramento dos segmentos de turismo praticados pelos empreendimentos, e isso tomando como referência o disposto pelo Ministério do Turismo. Posteriormente, foram usados os princípios técnicos do CBTS com uso de transcrição e a análise dos conteúdos das falas oriundas da entrevista (Apêndice A).

As práticas de eco inovação foram verificadas com o uso de *checklist* adaptado do modelo proposto e presente no Anexo A, buscando-se identificar as principais eco inovações aplicadas ao *trade* turístico, de acordo com Cândido e Brito (2019). Os mesmos autores, através dos seus conceitos permitiram diagnosticar a dimensão com maior ênfase em cada um dos casos.

As tipologias de eco inovação foram descritas e amparadas pelos tipos expostos por Rennings (1998) e de Cheng, Yang e Sheu (2014). Para identificar o tipo de agente inovador, foi empregado o conceito do *measuring eco-innovation* (MEI), da OCDE. Já para analisar e definir os determinantes de eco inovação, foi considerado o modelo de autoria de Aloise, Nodari e Dorion (2015), em virtude da riqueza bibliográfica apresentada.

Notadamente, os rumos da análise foram definidos seguindo um roteiro pré-estabelecido e em conformidade com os construtos de tal forma que as informações coletadas no campo pudessem ser avaliadas na sequência determinada pelos questionários aplicados.

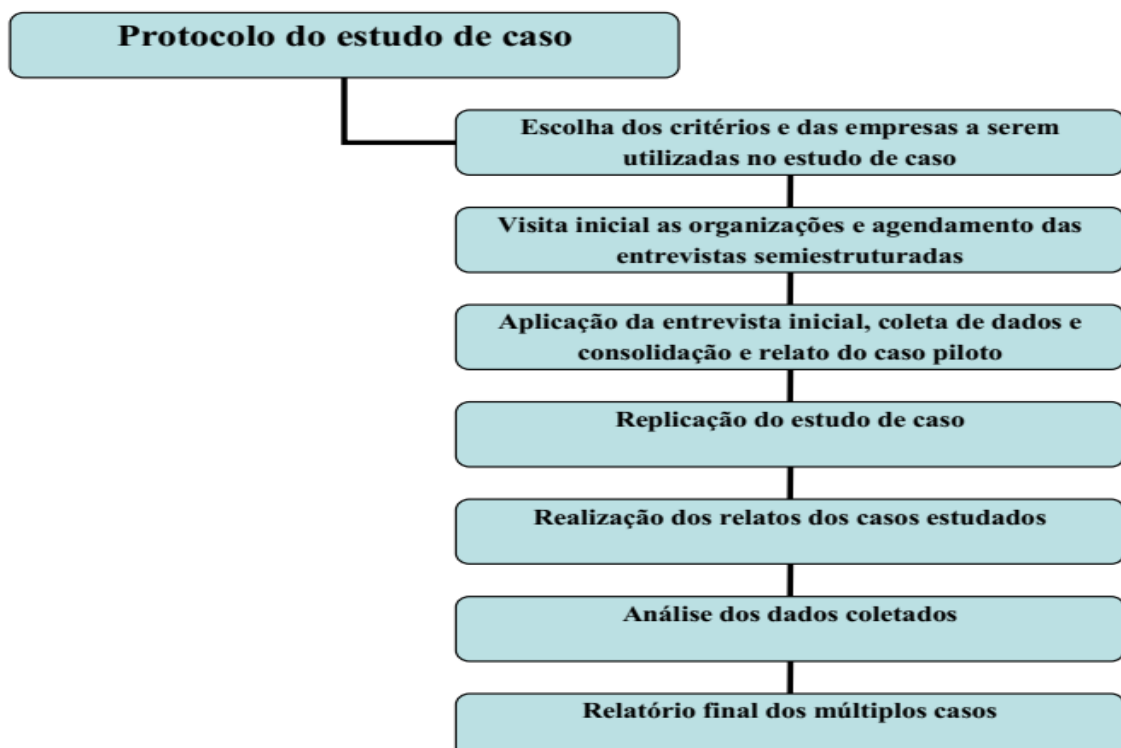
3.7 Protocolo do Estudo de Caso

Tomando como referencial a afirmação de Yin (2015) de que uma das chaves para se construir um Estudo de Casos múltiplos bem-sucedido é que este obedeça a uma lógica de replicação, e não só da amostragem, foi adotada uma sequência de ações que permitiu a conclusão dos estudos de múltiplos casos. Tal sequência deu origem a um protocolo do estudo, demonstrando os caminhos percorridos e que serão necessários caso se deseje a replicação deles.

Os estudos de casos múltiplos no que concerne ao planejamento da coleta de dados deverão ser antecidos pela elaboração de protocolos, e, nesse sentido, Yin (2015) também ressaltou que é necessário que tais estudos contenham não só os instrumentos para a coleta de dados, mas também os procedimentos e as regras gerais que devem ser seguidas na utilização dos instrumentos.

Yin (2015) ainda ratificou que o protocolo de estudo de caso é especialmente essencial para a utilização em projeto de casos múltiplos e como tática para se aumentar a confiabilidade da pesquisa, logo, buscando-se elencar os percursos e diante dos dados e considerações apresentados, foi construído o protocolo de estudo de caso, conforme a figura 02, a seguir.

Figura 02 – Protocolo do Estudo de Caso.



Fonte: Elaborada pelo autor (2020).

4 APRESENTAÇÃO DOS CASOS

O presente capítulo apresenta, em detalhes, os três casos que compuseram a pesquisa. Também foi enfatizado o perfil da região e o local onde estão inseridos os empreendimentos para, posteriormente, focar nos relatos dos entrevistados de cada um dos empreendimentos, de maneira a revelar os achados nas categorias analíticas do estudo e apresentar respostas aos questionamentos da pesquisa.

4.1 Contextualização do ambiente: organizações pesquisadas

4.1.1 A cidade de Delmiro Gouveia

Localizada no alto sertão alagoano, a cidade de Delmiro Gouveia, nome dado em homenagem ao cearense Delmiro Augusto da Cruz Gouveia, que, com sua chegada, no ano de 1903, ao povoado “Pedra”, que foi batizado com esse nome em virtude das grandes formações rochosas da localidade, transformou a paisagem social e humana de toda a região com seus empreendimentos e seu pioneirismo.

Os feitos de Delmiro Gouveia o colocaram na história do país como um visionário, um desbravador e um pioneiro, pois, para se ter ideia das suas façanhas, conseguiu, em 1913, fazer funcionar a usina hidroelétrica de Angiquinho, a segunda da América do Sul e a primeira do Nordeste, aproveitando-se do potencial da cachoeira de Paulo Afonso; instalou uma fábrica de linhas e foi um dos percussores da legislação trabalhista no Brasil ao ofertar vários benefícios aos colaboradores dos seus empreendimentos, como moradia, auxílio médico, água encanada, energia elétrica e educação, todos gratuitos. A vila da pedra, após as intervenções de Delmiro Gouveia, passou a possuir serviços de telefonia, telégrafo, tipografia e lavanderias, também possuiu capela, cinema e teatro, que eram um referencial de desenvolvimento até para os grandes centros urbanos.

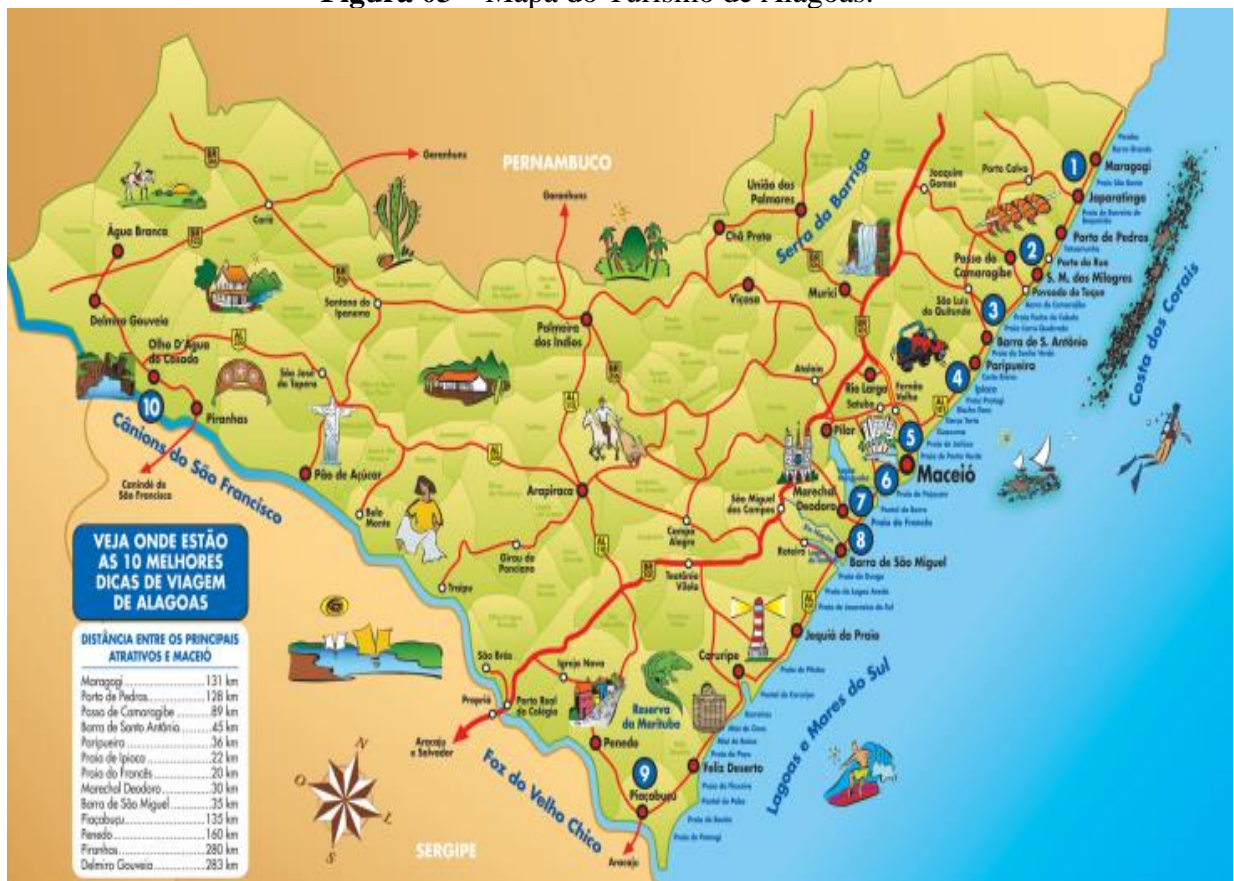
Com sua morte, no ano de 1917, o povoado Pedra, que pertencia ao município de Água Branca, foi posteriormente desmembrado pela Lei 1.623, de 16 de junho de 1952, criando a cidade de Delmiro Gouveia, que faz fronteira com três Estados: Bahia, Pernambuco e Sergipe, e, de acordo com o IBGE (2010), limita-se a norte por via terrestre com os municípios de Pariconha (AL) e Água Branca (AL); a sul por via terrestre e hídrica com Paulo Afonso (BA) e por via hídrica com Canindé do São Francisco (SE); a leste por via

terrestre e hídrica com Olho D'Água do Casado (AL), e a oeste por via terrestre e hídrica com o município de Jatobá (PE).

Com extensão de 608,491 km², predomina a vegetação de caatinga e o clima semiárido. A população estimada no ano de 2019 é de 52.016 pessoas, contudo, de acordo com o último Censo, no ano de 2010, era de 48.096 pessoas, e a densidade demográfica era de 79,13 hab./km².

Distante 283 km de Maceió e cortada pelo Rio São Francisco, a cidade é dotada de raras belezas naturais que a colocam como uma das dez melhores dicas de viagem de Alagoas, conforme figura 03.

Figura 03 – Mapa do Turismo de Alagoas.



Fonte: Secretaria de Estado do Turismo de Alagoas (2014).

Destacam-se atrativos históricos, culturais e ambientais, como a presença dos cânions com paredões em rocha que oscilam entre 30 e 40 metros de altura e que foram ressaltados após a formação do lago artificial da Hidroelétrica de Xingó.

Até pouco tempo atrás, a base econômica ainda estava fundamentada no entorno da produção têxtil, herança da Companhia Agro Fabril Mercantil, outrora fundada por Delmiro Gouveia, mas, com o encerramento das atividades da Fábrica da Pedra, em 2016, a economia

local se constitui pelo comércio, além da agricultura e da pecuária. Na área de educação, ressalta-se a presença do *Campus* do Sertão, da Universidade Federal de Alagoas, única instituição de ensino superior gratuita na localidade. As festas mais tradicionais são o carnaval, os festejos juninos e a festa da padroeira, a qual é realizada há mais de 100 anos no mês de outubro.

4.1.2 O Rio São Francisco

Descoberto no dia 04 de outubro de 1501, por Américo Vespúcio, que chegou à sua foz, o rio foi chamado de São Francisco em referência ao santo da igreja católica de mesmo nome e que é homenageado em festa litúrgica no mesmo dia do descobrimento. Os indígenas, primeiros moradores da região da foz, o chamavam de Opará, que significa “rio-mar”.

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, o Rio São Francisco tem uma extensão de 2.863 km, que se alastram por cerca de 507 municípios desde a sua nascente, no Parque Nacional da Serra da Canastra, até a sua foz, na cidade de Piaçabuçu, no Estado de Alagoas.

O “Velho Chico”, apelido carinhoso dado pelas comunidades ribeirinhas, é uma fonte de incontáveis benefícios, e sua relevância não se restringe apenas a fatores econômicos, mas também sociais e culturais, uma vez que cabe considerar o seu papel na geração de energia hidroelétrica, na pesca, na agricultura, no abastecimento de água, na cultura e na consolidação de práticas de turismo geradas a partir das belezas naturais ao longo de seu percurso.

O Rio está presente na vida cotidiana do homem nordestino, e suas lendas e suas histórias permeiam o imaginário popular, criando literatura, poesias e cantigas; recebe ainda títulos como os de Nilo brasileiro devido à fertilidade que oferece por onde passa, sendo também conhecido como rio da integração nacional por ligar duas regiões do país: Nordeste e Sudeste, além de estar ligado às “entradas e bandeiras”, no início da colonização nacional.

4.1.2.1 O Monumento Natural do Rio São Francisco

Criado em 05 de junho de 2009, em virtude de decreto presidencial, o Monumento Natural do Rio São Francisco (Mona do Rio São Francisco) é uma unidade de conservação do bioma caatinga e compreende uma área estimada em 26.715,09 hectares, nos Estados de Alagoas, Bahia e Sergipe, abrangendo cinco municípios: Delmiro Gouveia, Olho D’Água do Casado, Piranhas, Paulo Afonso e Canindé.

O decreto presidencial que criou o Mona do Rio São Francisco cita que seu objetivo é preservar ecossistemas naturais de grande relevância ecológica e beleza cênica, possibilitando a realização de pesquisas científicas e o desenvolvimento de atividades de educação ambiental, de recreação em contato com a natureza e de turismo ecológico. Ainda aponta que cabe ao Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade – Instituto Chico Mendes – administrar o Monumento Natural do Rio São Francisco.

De acordo com o próprio site, o Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade é uma autarquia em regime especial. Criado dia 28 de agosto de 2007, o ICMBio é vinculado ao Ministério do Meio Ambiente e integra o Sistema Nacional do Meio Ambiente, cabendo a ele executar as ações do Sistema Nacional de Unidades de Conservação, podendo propor, implantar, gerir, proteger, fiscalizar e monitorar as Unidades de Conservação (UCs), instituídas pela União. Cabe a ele ainda fomentar e executar programas de pesquisa, proteção, preservação e conservação da biodiversidade e exercer o poder de polícia ambiental para a proteção das Unidades de Conservação federais.

O Ministério do Meio Ambiente (MMA) apontou que o Mona do Rio São Francisco foi criado para conservar o bioma caatinga e atender à demanda de ecoturismo na região. A unidade integra o grupo de UCs de uso sustentável, o que permite aos moradores continuarem residindo desde que estejam dispostos a cumprir o que determinará o plano de manejo da unidade, no que se refere ao uso dos recursos naturais.

Nota-se que uma das preocupações do Mona do Rio São Francisco é o desenvolvimento do turismo ecológico pautado naturalmente em princípios da sustentabilidade que remetem de imediato a práticas de turismo sustentável, demonstrando que a área em que operam as empresas é caracterizada por uma série de exigências e políticas ambientais que direcionam as práticas de turismo e de exploração ambiental.

4.1.3 O Riacho do Talhado

O Riacho do Talhado está localizado na zona rural da cidade de Delmiro Gouveia e recebe esse nome devido à dissecação incisiva provocada pelo riacho, que moldou os paredões de tal forma que se assemelha a um trabalho artesanal, “talhado” na pedra, como é possível verificar na figura 04, a seguir.

Figura 04 – Foto da Formação Rochosa que dá nome ao Riacho do Talhado.



Fonte: Dados da Pesquisa (2019).

A região onde está localizado o Riacho do Talhado é cercada de atrativos turísticos, como a diversidade da vegetação, a história do local, a presença de sítios arqueológicos, a culinária, a oferta de trilhas e mergulhos, a possibilidade da prática de diversos esportes radicais, além dos passeios pela região dos cânions do Rio São Francisco.

Mesmo compondo o Monumento Natural do Rio São Francisco, a atividade turística acontece sob a tutela da iniciativa privada, contando com a presença de empresas já consolidadas, sendo fiscalizadas diretamente pelo ICMBio, pelo Instituto do Meio Ambiente de Alagoas e pela Secretaria Municipal de Meio Ambiente.

A região ganhou visibilidade em nível nacional no ano de 2011, após a gravação na localidade, pela Rede Globo de televisão, da novela *Cordel Encantado*, o que alavancou o número de visitantes, tocados pelas belas paisagens naturais.

4.2 Caso 1 – Pousada Mirante do Talhado

Com vista privilegiada de parte dos cânions do Rio São Francisco, a pousada Mirante do Talhado é um empreendimento fundado no ano de 2007 motivado pela baixa exploração do potencial turístico da localidade e o que a paisagem da localidade propiciava.

Desenvolvendo atividades no segmentos do turismo de aventura, esporte, lazer, pesca, turismo náutico, turismo cultural e ecoturismo, o empreendimento gera 6 (seis) empregos diretos (4 mulheres e 2 homens); não foram definidos missão, visão e valores, porém há uma vasta oferta de serviços turísticos, os quais vão desde simples alimentação, hospedagem em seus três chalés ou área de camping até a prática de esportes radicais, como psicoblock, rapel, tirolesa, canoagem, pesca esportiva, trilhas ecológicas, passeio de canoa, e atividades culturais, como a encenação de danças indígenas e a pega de boi no mato, realizadas em parceria com as comunidades locais. A figura 05 apresenta algumas dessas atividades sendo desenvolvidas e evidenciam o empreendimento.

Figura 05 – Coletânea de Fotos da Pousada Mirante do Talhado.



Fonte: Website do empreendimento (2019).

4.2.1 Turismo Sustentável na Pousada Mirante do Talhado

No tocante ao enquadramento do empreendimento foram encontrados relatos que permitem afirmar que há uma constante preocupação com a sustentabilidade ambiental por parte do empreendedor, conforme discorrido:

[...] muito mais que explorar o Rio São Francisco, é necessário garantir que nossos filhos e netos possam ter acesso às suas belezas e riquezas. Preservar a caatinga e suas espécies é essencial para o turismo na região.

Adiante, considerando os princípios do Conselho Brasileiro de Turismo Sustentável percebeu-se que há respeito a legislação vigente, fato que pode ser ratificado pela presença de vários órgãos reguladores, pelos alvarás e licenças expostos e visualizados durante a observação participante, além da fala do empreendedor.

[...]. No início do empreendimento, eu era leigo sobre o que necessitava para abrir o empreendimento, mas procurei o Instituto do Meio Ambiente de Alagoas, o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis e a Secretaria de Meio Ambiente do Município de Delmiro Gouveia, que me orientaram no que era preciso. Depois, com a chegada do ICMBio, as fiscalizações ambientais passaram a ser mais intensas, mas nunca tivemos problemas com isso, pois sempre respeitei o meio ambiente.

Em relação a garantia dos direitos das populações locais há um estreito relacionamento entre a população e o empreendedor ao ponto do mesmo considerar seus colaboradores que são todos da localidade como seu próprio núcleo familiar. Foi informado verbalmente e através dos controles na área trabalhista o atendimento ao que preconiza a legislação vigente.

[...]. Eu sou até suspeito para falar da minha relação com a população local. Ganhei outras famílias quando vim para cá. Todos que trabalham comigo são da localidade, trabalham com carteira assinada e tem todos os direitos pagos e garantidos.

A postura do proprietário do empreendimento em relação a conservação do meio ambiente natural e sua diversidade é perceptível em vários detalhes como a reutilização de garrafas plásticas para construção de espaço destinado à conversação e interação entre os hóspedes. Um outro princípio do CBTS que é atendido, é o que diz respeito a consideração do patrimônio cultural e os valores locais, pois há um resgate cultural envolvendo tradições locais e dos povos indígenas que residem no entorno.

[...]. Consegui junto com os moradores encenar a pega de boi no mato e reproduzir a dança indígena. As pessoas são respeitadas, nunca houve imposição ou desrespeito com o que elas pensam ou fazem, mesmo que considerasse errado, sempre dialoguei para buscar a preservação e despertar isso nos moradores do povoado.

Os relatos do empreendedor junto com a observação do pesquisador validam que o empreendimento respeita a legislação em vigência e possui as licenças e os alvarás que são necessários para o funcionamento no ramo; há uma relação muito próxima com os moradores da localidade, de maneira que os direitos da população local são respeitados, e há uma busca constante pela preservação do meio ambiente e sua diversidade, o que se reflete nas tentativas de minimização de quaisquer impactos ambientais.

O desenvolvimento social e econômico da localidade foi incentivado a partir da realização de ações de qualificação na área de turismo ofertadas em parceria com o SEBRAE; é incentivado, ainda, com a compra de produtos aos moradores locais, além do fato de que os colaboradores do empreendimento residem no entorno local.

[...]. Tinha pescadores que estavam parados e nos colocamos para trabalhar levando os turistas para fazerem passeios de barco e canoa, também realizamos as trilhas com os turistas por conhecerem a região na palma da mão.

[...]. O SEBRAE veio aqui e ofertou cursos para a comunidade, cursos voltados para o turismo.

[...]. Em parceria com a Secretaria de Agricultura do município, executamos projetos de agricultura familiar.

[...]. Compramos muitos produtos dos moradores locais: frutas, verduras e peixes.

A preocupação com a qualidade, os processos e as atitudes voltados para o turismo sustentável é uma constante, pois, mesmo sem ferramentas que permitam mensurar a percepção da qualidade e a satisfação por parte dos turistas, o empreendedor toma como parâmetro as experiências turísticas já vivenciadas pelos visitantes em outras regiões e os *feedbacks* fornecidos por eles através da conversação. Quanto às questões de higiene e segurança, além das fiscalizações, as pessoas que trabalham no ambiente foram capacitadas para tal, há sinalizações espalhadas pela localidade informando da necessidade de preservação da vegetação e da segurança como um todo.

[...]. Com os treinamentos ficamos mais atentos para a qualidade, que deve ser o mais importante para qualquer segmento, não adianta criar um produto que não tenha qualidade para disputar mercado. O turista, quando chega aqui, ele já vem de regiões com qualidade boa, com um serviço bom, por isso temos que buscar sempre a qualidade em tudo o que fazemos.

Formalmente, não há um planejamento específico que trate dos aspectos ambientais, como também não há documentados missão, metas e planos; contudo, percebe-se que as ações, do ponto de vista operacional, são orientadas para uma gestão responsável, de forma que toda a cadeia produtiva está ligada às questões voltadas à sustentabilidade, como descrito pelo empreendedor.

[...]. Tudo o que é feito aqui é pensando antes para não agredir o meio ambiente, a gente respeita a natureza como um todo, as construções são feitas para aproveitar o vento, a luz. Tudo que a gente planeja é para não arrancar nem uma planta, temos que pensar na sustentabilidade do empreendimento. O turista age para conservar a natureza quando chega aqui.

4.2.2 Ecoinovação na Pousada Mirante do Talhado

O empreendimento pode ser considerado como ecoadotador estratégico, pois várias ecoinovações foram adotadas de maneira intencional na busca de amenizar os impactos ambientais, como ressaltado pelo empreendedor:

[...]. Eu fiz um projeto de economia de energia elétrica. Busquei utilizar a energia solar como maneira de diminuir o consumo de energia elétrica, mas também como maneira de produzir uma energia mais limpa. As construções foram feitas buscando aproveitar a luz do sol e o vento para diminuir os impactos ambientais e os custos. As lâmpadas são de LED.

De maneira mais detalhada, no anexo A estão apresentadas as principais ecoinovações adotadas no empreendimento, de maneira a ratificar a adoção proposital de medidas que almejam a não agressão e a conservação do meio ambiente.

O empreendimento, além de apresentar as ecoinovações listadas, é referenciado por atitudes ecoinovadores no reaproveitamento de recursos e resíduos, além do controle dos insumos que são utilizados e da conscientização dos colaboradores quanto a essas questões. Os fornecedores, na sua grande maioria, são locais e compartilham da preocupação ambiental e dos cuidados com o entorno. Há um direcionamento da prática turística a um determinado público, como pode ser constatado abaixo.

[...]. O cliente que vem aqui vem com um objetivo de ver as belezas naturais da região, ele não busca um turismo comum. A gente então coloca isso em primeiro lugar. O que nós fazemos é para atender ao turista que procura um ambiente de harmonia, tranquilidade e cuidados com o meio ambiente.

As ecoinovações presentes no empreendimento permitiram o enquadramento nas tipologias de acordo com as teorias de Rennings (1998) e de Cheng, Yang e Sheu (2014), dando origem ao quadro 11.

Quadro 11 – Tipologias de ecoinovação na Pousada Mirante do Talhado de acordo com diferentes autores.

(continua)

Tipologias de acordo com Rennings	Caracterização
Tecnológica	Basicamente, é a ecoinovação mais presente no empreendimento, uma vez que há presença de ecoinovações tanto preventivas como curativas que permeiam todo o processo produtivo, exemplo disso são: uso de economizadores de energia nas unidades habitacionais, utilização de lâmpadas de LED, presença de aparelhos de tvs e equipamentos mais modernos à destinação dos resíduos, uso de cisternas, caixas acopladas nos banheiros, uso de lavanderias industriais, construção do prédio com preocupação ambiental, utilização de material ecológico nas construções, fabricação de utensílios com materiais que seriam descartados, geração e uso de energia solar e reaproveitamento de água.
Organizacional	Do ponto de vista organizacional, há preocupação ambiental presente no sistema de gestão da empresa, todavia não há a realização de ecoauditorias. Dentro dessa tipologia, foram identificadas as seguintes ecoinovações: reaproveitamento de águas de limpeza e maquinários para outros fins, coleta seletiva, site de compras, alimentos de produção própria nos cardápios, manutenção constante nas instalações, visando a evitar desperdícios de recursos naturais e diversos, além de serem realizados acompanhamento e avaliação mensal do consumo energético.
Institucional	Na institucionalização, há ecoinovações que foram implantadas como resposta a problemas ambientais, sem participação pública, mas amparadas por conhecimentos técnicos e científicos, dentre as quais: reaproveitamento do lixo orgânico para compostagem, instalação de cisternas de placas, utilização de ventilação natural e parcerias com instituições educacionais para realização de cursos e palestras sobre gestão ambiental e ecológica.
Social	Há uma relação muito próxima do empreendimento com os moradores da localidade; além do mais, na relação com os turistas, há uma abordagem educativa para um consumo mais sustentável, e estão presentes no empreendimento as seguintes ecoinovações sociais: divulgação das ações que abordam a sustentabilidade para seus clientes, conscientização dos colaboradores com relação às questões ambientais, utilização de insumos locais, decoração com obras de arte locais, parcerias com fornecedores de práticas sustentáveis.
Tipologias de acordo com Cheng, Yang e Sheu	Caracterização
Ecoinovação de produtos	Como a atividade é focada na prestação de serviços, as ecoinovações de produtos não são abordadas de maneira mais intensa no empreendimento, porém, no tocante às atrações turísticas como um todo, é perceptível a presença de ecoinovações que norteiam as atividades.
Ecoinovação de processos	A ecoinovação de processos é a mais trabalhada no empreendimento em virtude da busca de redução dos impactos ambientais. Os processos são amparados pela presença de grande número de ecoinovações adotadas, que vão desde a construção

	física dos espaços, passando pela utilização de máquinas e equipamentos de menor consumo até o reaproveitamento de água e resíduos.
Ecoinovação organizacional	O empreendimento possibilita aos seus colaboradores treinamentos em áreas que são essenciais a atividades em parceria com órgãos governamentais e instituições. Já nas questões ambientais, têm sido preponderantes as atuações das Universidades e escolas do entorno, que atuam na capacitação e disseminação de práticas ambientais. Há preocupação com a redução de custos e esforços para a produção de inovações ambientais.

Fonte: Elaborado pelo autor (2019).

Utilizando o pensamento de Rennings (1998), constata-se que a ecoinovação tecnológica é a mais facilmente identificável devido ao número de ações nesse tipo de ecoinovação, contudo também são apresentadas nos demais tipos, fato ratificado pelo número elevado de ecoinovações encontradas após o emprego do *Cheklis*t das ecoinovações no local.

Já nos conceitos de Cheng, Yang e Sheu (2014), destacou-se a ecoinovação de processos em razão da natureza da atividade (prestação de serviços), que não direciona para a ecoinovação de produtos em conformidade com os autores, além de que a ecoinovação organizacional aparece exercida com menos intensidade pelo empreendedor.

Ao analisar os conceitos teóricos propostos por Cândido e Brito (2019) sobre dimensões de ecoinovação aplicáveis na atividade turística, constatou-se que o foco das ecoinovações praticadas no empreendimento está atrelado à dimensão *design* em virtude das características apresentadas e que são condizentes com as levantadas na revisão teórica da pesquisa.

A pesquisa apontou que, na categorização dos fatores determinantes elencados por Aloise, Nodari e Dorion (2015), com base em inúmeros autores a respeito de ecoinovação, os quatro determinantes predominantes no empreendimento são os mercadológicos, organizacionais e de gestão, econômicos e regulatórios.

Nos determinantes mercadológicos, apresentaram-se ecoinovações orientadas para chamar e reter clientes, permitindo uma maior participação de mercado, serviços compatíveis com a concorrência, melhoria na imagem da empresa, busca de novos mercados, benefícios ao consumidor e expectativas do mercado. Nos discriminados como tecnológicos e de produção, destacam-se apenas a busca de qualidade do produto, a eficiência de materiais e a eficiência energética.

Os determinantes organizacionais e de gestão são trabalhados no que diz respeito a capacidades “verdes”, inovatividade, responsabilidade social corporativa e capacidades gerenciais. Por seu turno, os econômicos possuem relevância, pois o empreendedor tenta

obter ganhos de escala, preços de insumos, além de trabalhar a conscientização ambiental com clientes e colaboradores e dar preferência a produtos sustentáveis e que sejam produzidos na localidade.

Os determinantes políticos e institucionais estão totalmente ausentes, porém os regulatórios são fortemente detectados em virtude da legislação ambiental vigente e do rigor para sua execução por órgãos de controle que atuam na região do empreendimento de maneira rotineira. Ademais, são amplamente buscados padrões de segurança e saúde ocupacional condizentes com o porte e o ramo de atuação.

4.3 Caso 2 – Pousada Verde Canyon de Luz

Localizada em meio a um projeto de reflorestamento realizado pelo proprietário, a Pousada Verde Canyon de Luz nasceu em 2009 como alojamento para centro terapêutico e assim permaneceu até meados de 2012, quando então, em virtude da gravação de uma telenovela na localidade, houve uma grande demanda de turistas que buscavam se hospedar no entorno do Riacho do Talhado, fazendo com que fosse ampliada a prestação de serviços para o ramo de hospedagem.

Atualmente, o empreendimento possui 24 (vinte e quatro) leitos e apresenta 3 (três) colaboradores fixos, duas mulheres e um homem, além da atuação do proprietário e da sua esposa; o número de colaboradores é ampliado em virtude da sazonalidade ou das demandas apresentadas.

A pousada já atuou nos segmentos de turismo de esporte, aventura e turismo náutico de maneira mais enfática, porém, atualmente, aborda apenas o ecoturismo com a realização de trilhas ecológicas e de maneira mais ostensiva, o turismo de saúde em razão dos serviços, que englobam uma série de terapias holísticas, como constelação familiar, frequência de brilho, *reiki*, barra de *acess*, além argiloterapia, massoterapia, naturologia e programas de reeducação e desintoxicação alimentar.

A proposta atual da pousada é promover o equilíbrio entre os turistas e o meio ambiente, criando um espaço harmonioso com o emprego de técnicas de relaxamento e energização. No espaço da pousada são proibidos o uso de equipamentos eletrônicos e o consumo de produtos industrializados.

O empreendimento possui uma relação muito próxima com a Universidade Federal de Alagoas e com as escolas públicas da cidade, que exploram o espaço para aulas de geologia, geografia, meio ambiente e atividades extracurriculares. Destaca-se ainda a relação

institucional do empreendimento com as organizações e os movimentos sociais do entorno, além de dever ser ressaltado o papel do empreendedor como liderança local à frente da Associação de Produtores Locais.

A figura 06, a seguir, apresenta uma coletânea de imagens que busca representar a paisagem, o caráter ambiental e as atividades que são realizadas na pousada.

Figura 06 – Coletânea de Fotos da Pousada Verde Canyon de Luz.



Fonte: Instagram do empreendimento (2019).

4.3.1 Turismo Sustentável na Pousada Verde Canyon de Luz

O momento anterior ao funcionamento do empreendimento já remetia a um cenário de sustentabilidade, pois na localidade havia sido implantada uma área de reflorestamento da vegetação de caatinga feita pelo empreendedor que dá significância ao nome da pousada, que, com sua origem, deu início a uma série de ações e direcionadores que confirmam uma atuação dentro dos princípios do CTBS, com respeito a legislação vigente:

[...]. Mesmo antes da instalação do centro terapêutico e em seguida da Pousada, já havia aqui um cenário de respeito com a preservação ambiental e como consequência o respeito a um conjunto de normas e legislação que regem o tipo de atividade instalada. Estamos em constante parceria com os órgãos de fiscalização nas esferas municipal, estadual e federal, de maneira a obedecer ao que é colocado por lei.

Os dados obtidos transparecem um empreendimento que já nasceu preocupado com a temática da sustentabilidade ambiental, pois no local havia sido realizado reflorestamento da área de caatinga, formando um espaço de preservação da vegetação e das espécies, ratificando o que propõe a Organização Mundial do Turismo (2001) ao relacionar o conceito de sustentabilidade à continuidade da utilização dos recursos naturais e ao equilíbrio que deve existir entre a exploração desses recursos e sua preservação, além de que o empreendimento interfere de maneira positiva na qualidade de vida local ao promover geração de emprego e renda e ofertar cursos e treinamentos que englobam, entre outras temáticas, a necessidade da relação harmoniosa com o meio ambiente. Um outro aspecto que deve ser considerado na contribuição com a qualidade de vida local é a atuação do empreendedor na Associação de Produtores Rurais, sendo ele uma das representações da coletividade frente aos poderes constituídos.

O enquadramento do empreendimento aos princípios da CBTS torna-se evidente, uma vez que se identificou pleno respeito à legislação local com as devidas licenças e os alvarás necessários ao tipo de empreendimento. Há ainda garantias dos direitos das populações locais demonstradas com as parcerias entre o empreendedor e os moradores do entorno.

[...]. A geração de empregos é um marco para garantir os direitos da população local. Dentro dos atendimentos da Pousada, há uma cota para atendimento aos moradores do local. Sou presidente da Associação Comunitária dos Produtores Rurais do Povoado Olho D'Aguinha, então estou à frente na busca das garantias dos direitos da população.

Há também uma política direcionada para conservação ambiental que tenta aproveitar os recursos naturais, como, por exemplo: vento, iluminação e rochas do local, de maneira a alterar minimamente a paisagem local, fatos confirmados na pesquisa participante e nos relatos do empreendedor.

[...]. O nome da própria pousada vem do fato de que a área onde ela foi construída ser um cinturão verde no meio da caatinga, fruto de um trabalho de reflorestamento que realizei mesmo antes da atividade. Não se retira absolutamente nada de vegetação daqui, somos obcecados pela preservação do meio ambiente e pela caatinga. Mesmo durante a construção do espaço da pousada, reutilizamos onde já havia algo construído e material de demolição, usamos arenito do local para que os impactos causados fossem praticamente nulos. Utilizamos fossa de evapotranspiração, que é uma das mais sustentáveis e modernas.

Os valores locais são respeitados pelo empreendedor e há uma relação muito próxima com a comunidade, o que acaba também contribuindo com o desenvolvimento social, uma vez que são ofertados cursos abertos para a população e os colaboradores residem nas proximidades do empreendimento.

[...]. Certamente que sim, os guias que realizam as trilhas conhecem a vegetação, e isso tem sido um diferencial na relação com os turistas, e valorizamos essa relação que eles possuem com o local. Outra questão que foi bastante valorizada diz respeito aos vaqueiros e pescadores da região, que foram incorporados às atividades do empreendimento.

[...]. A presença do empreendimento de certa maneira já promove desenvolvimento social e econômico para a localidade. Estamos no meio da caatinga, e um dos poucos geradores de emprego e renda é a pousada. Trouxemos cursos e capacitações na área do turismo, a minha relação pessoal com a comunidade e a atuação na Associação de Produtores Rurais são uma constante busca pelo desenvolvimento social e humano da localidade.

Diagnosticou-se que há, mesmo sem ênfase na documentação e divulgação, uma preocupação constante com a qualidade de processos, produtos e atitudes que permitem afirmar que são adotados padrões de higiene e segurança do trabalho que condizem com parâmetros adotados em empresas que trabalham no ramo de turismo.

[...]. A qualidade dos produtos é garantida através da preocupação constante durante todo o processo de estadia dos hóspedes. Nossa cozinha, por exemplo, é dotada do que há de mais indicado na produção de alimentos. Nossos alimentos são orgânicos, tratados com iodo. Nossos colaboradores têm cursos do SEBRAE e do SENAC voltados para manipulação de alimentos e segurança alimentar. As sobras de alimentos são direcionadas para adubo, e os resíduos são separados de forma seletiva e enviados para cooperativa de catadores de lixo. As garrafas de plástico se transformam em vassouras como maneira de não impactar o meio ambiente.

Já no tocante ao planejamento e à gestão responsáveis, notou-se a relação ética com a comunidade e com os colaboradores, e as ações são sempre voltadas para a sustentabilidade ambiental, que é amplamente divulgada aos turistas e valorizada na relação com os fornecedores.

[...]. O planejamento de todos os ambientes foi realizado para aproveitar os ventos, a luz solar, de maneira tal que a oferecer uma experiência mais salutar possível aos hóspedes da pousada e usuários dos serviços do centro terapêutico. A missão maior do espaço é promover um encontro com a natureza e com ela restabelecer o equilíbrio físico, emocional e espiritual, e para isso a não agressão à natureza e a minimização dos impactos ambientais são um norte para a gestão do negócio.

Não há definidos formalmente missão, objetivos, estratégias, metas e processos de gestão, porém há nitidamente explícitos o respeito para com a natureza e a busca de equilíbrio com o meio ambiente.

4.3.2 Ecoinovação na Pousada Verde Canyon de Luz

A Pousada Verde Canyon de Luz, de acordo com seu proprietário, surgiu com a missão de integrar o homem e a natureza na busca pelo equilíbrio físico, psíquico e emocional, com a utilização de terapias holísticas e naturais. Contudo, mesmo antes de atividade ser iniciada, já havia uma inclinação para a sustentabilidade por parte do empreendedor, com o reflorestamento de uma área considerável de caatinga, o que culminou no nome de Pousada Verde.

[...]. Há uma necessidade crescente de o homem moderno reencontrar o equilíbrio emocional e orgânico. O contato com o meio ambiente promove uma energização do corpo, da mente e da alma. E esse é o ponto central da pousada: preservar o meio ambiente, utilizar a natureza sem agredir, pensando nas gerações futuras.

A área da pousada é dotada de ecoinovações, pois, segundo o proprietário, houve, desde a construção dos espaços físicos, emprego de técnicas, ferramentas e métodos ecoinovadores, como, por exemplo: a utilização de pedras de arenito que são abundantes na localidade e a construção emprego de fossas de evapotranspiração que permitem o tratamento e o aproveitamento das águas de vasos sanitários. Também há aproveitamento das águas das chuvas com o emprego de cisternas de placas.

O cenário demonstrado anteriormente ressalta o compromisso do empreendedor com as ecoinovações e o fato de elas terem sido adotadas intencionalmente, enquadrando-o como ecoadotador estratégico. No anexo A estão identificadas as principais ecoinovações adotadas.

A extensa quantidade de ecoinovações listadas e identificadas pelo empreendedor e ratificadas na observação participante valida no empreendimento a utilização de diferentes tipologias de ecoinovação. Para que fosse realizado o correto diagnóstico em virtude das suas características e considerando as proposições metodológicas da pesquisa, foi elaborado o quadro 12.

Quadro 12 – Tipologias de ecoinovação na Pousada Verde Canyon de Luz de acordo com diferentes autores.

(continua)

Tipologias de acordo com Rennings	Caracterização
Tecnológica	Há uma quantidade considerável de ecoinovações tecnológicas, entre elas estão: uso de economizadores de energia nas unidades habitacionais, lâmpadas de LED, substituição de tvs (apenas para uso dos proprietários) e geladeiras por modelos com menos de 10 anos de uso, lavagem industrial de enxovais, cisternas para aproveitamento de água da chuva, uso de caixas acopladas; a construção foi realizada com preocupação ambiental; utilização de material ecológico nas construções, fabricação de utensílios com materiais que seriam descartados, geração e uso de energia solar, aproveitamento da luz natural para iluminação e reaproveitamento de água e fossa de evotranspiração.
Organizacional	Nesta tipologia, destacaram-se as seguintes ecoinovações: reaproveitamento de águas de limpeza e maquinários para outros fins, coleta seletiva, site de reserva para hospedagem, alimentos de produção própria nos cardápios, manutenção constante nas instalações e avaliação mensal do consumo energético, utilização de ventilação natural.
Institucional	A tipologia institucional é referendada pela atuação do empreendedor como presidente da Associação de Produtores Rurais do local, merecendo atenção o fato de ele ser docente na Universidade de Alagoas e utilizar os espaços para ministração de aulas de solos.
Social	O empreendedor exerce um papel social de maneira ampla em virtude das suas diversas interações com os moradores locais, inclusive com a oferta gratuita de serviços que são pagos pelos demais usuários. Pela própria natureza dos serviços que são ofertados numa perspectiva holística e transcendental, existe um foco nas ecoinovações sociais, entre as quais destacam-se: divulgação das suas ações sustentáveis para seus clientes, conscientização dos colaboradores com relação às questões ambientais, preferência por insumos locais, decoração com obras de artes locais, parcerias com fornecedores de práticas sustentáveis.
Tipologias de acordo com Cheng, Yang e Sheu	Caracterização
Ecoinovação de produtos	Não há ecoinovação de produtos em larga escala em virtude das atividades realizadas no empreendimento. O foco central do negócio está em torno de terapias holísticas e trilhas ecológicas, contudo é inegável o cuidado com a geração de resíduos e sua destinação.
Ecoinovação de processos	Com maior número de ações, a ecoinovação de processos destaca-se pela busca do empreendimento em produzir através de processos uma série de reduções dos impactos ambientais,

	permitindo aos usuários usufruir de um local com forte apelo às temáticas sustentáveis.
Eco inovação organizacional	Mesmo sendo ecoinovadora em outros aspectos e apresentando um número nominal elevado de ecoinovações no tocante às de processo, o empreendimento também apresenta técnicas de aprendizagem e esforços administrativos de renovação de rotinas, procedimentos, mecanismos e sistemas para se produzirem inovações ambientais.

Fonte: Elaborado pelo autor (2019).

Analizando os resultados do *checklist* das ecoinovações no empreendimento, percebem-se facilmente a presença de ecoinovações de maneira massiva e a ausência de algumas delas, como, por exemplo: troca de aparelhos de Tv por modelos mais novos (apenas para uso dos proprietários), redução do desperdício de alimentos através da cobrança de taxa de desperdício e uso de embalagens não retornáveis, o que ocorre de maneira planejada pela ausência dos equipamentos e a não comercialização de alguns produtos industrializados, e isso como uma estratégia de colocar os turistas em constante contato com produtos naturais.

Traçando um paralelo com os teóricos da pesquisa, depreende-se que, na perspectiva de Rennings (1998), a ecoinovação tecnológica é a mais disseminada, acompanhada de perto pela social. Já no ponto vista de Cheng, Yang e Sheu (2014), a ecoinovação de processos é mais presente que as demais e aparece em maior número.

Quanto às dimensões de ecoinovação aplicáveis na atividade turística propostas por Cândido e Brito (2019), o empreendimento é focado na dimensão *design*.

Por fim, no que diz respeito aos determinantes de ecoinovação, propostos por Aloise, Nodari e Dorion (2015), os determinantes com maior incidência são: mercadológicos, organizacionais e de gestão, econômicos e regulatórios.

O mercadológico é o principal deles, pois as ecoinovações funcionam como um diferencial competitivo na atração de clientes. Nos determinantes tecnológicos e de produção, aparecem ações de qualidade, em particular na produção de alimentos, e há busca de eficiência energética. Nos determinantes organizacionais e de gestão, sobressaem a responsabilidade social e as capacidades gerenciais; por sua vez, os determinantes econômicos trazem possibilidades de ganhos de escala com negociação de preços de insumos com fornecedores locais que trabalham a temática da sustentabilidade em suas produções e também há divulgação das ações de conscientização ambiental dos colaboradores e visitantes que buscam no empreendimento essencialmente o contato com a natureza como aliada das práticas holísticas que permeiam o local.

Como não foram verificadas nas entrevistas e nem na observação participante questões relativas às políticas de incentivo e subsídios, à estrutura institucional e às redes de

inovação, é correto afirmar que inexistem fatores determinantes de natureza política e institucional.

Nitidamente, o determinante regulatório tem um papel preponderante no uso dasecoinovações, considerando-se a forte atuação dos órgãos reguladores que atuam no MONA do Rio São Francisco, fazendo com que sejam constantemente revistos padrões de segurança e saúde ocupacional em virtude do rigor da legislação e das exigências para operar o turismo na área da Unidade de Conservação, o que traz expectativas e previsibilidade do atendimento às legislações futuras. Vale ressaltar também que há ausência de apropriação e proteção às inovações, pois não existe uso de marcas ou patentes.

4.4 Caso 3 – Pousada e Restaurante Ecológico Castanho

A Pousada e Restaurante Ecológico Castanho é originada de uma fazenda que está em posse da mesma família desde 1937 e atualmente é a maior área de caatinga preservada do Estado de Alagoas, possuindo sob guarda elementos da fauna e da flora que estão em extinção e recebem proteção numa área de mil e quinhentos hectares constituintes do Monumento Natural do Rio São Francisco e localizada nas proximidades do Riacho do Talhado.

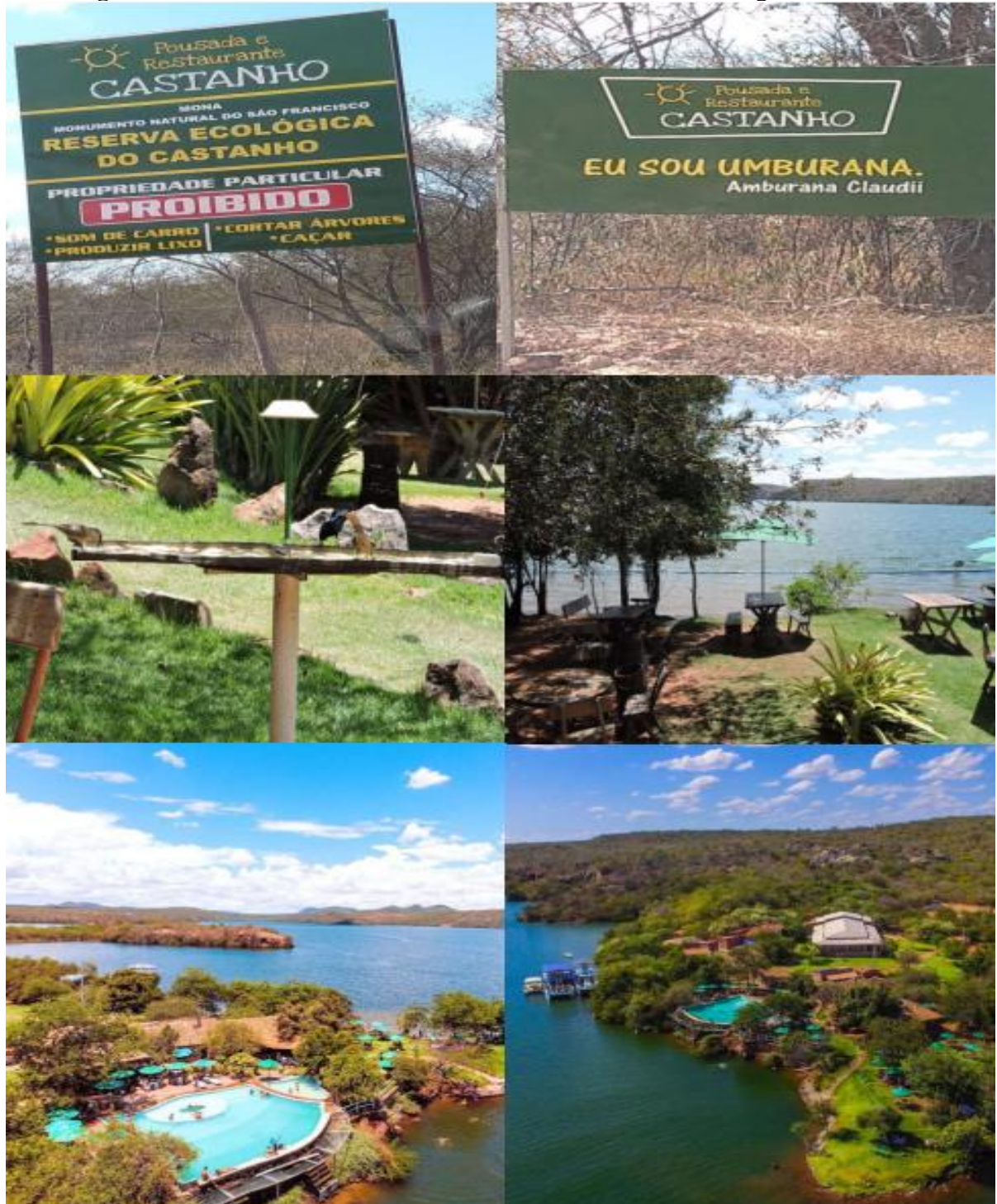
Tocado pela beleza do local, o proprietário e seus familiares optaram por não praticar a agricultura e não agredir o meio ambiente, sendo a prática do turismo sustentável uma saída para a conservação do local e a geração de emprego e renda para a localidade, uma vez que são gerados 45 (quarenta e seis) empregos numa cidade marcada pela ausência de grandes empregadores. São ofertados serviços como trilhas naturais, passeios de caiaque, de lancha e de catamarã.

Do ponto de vista da segmentação do turismo, no empreendimento são encontrados os seguintes segmentos: ecoturismo, turismo de esporte, turismo náutico, turismo de aventura além do turismo cultural, considerando o museu dos cânions do São Francisco, que apresenta de forma reduzida um pouco da vida cotidiana do homem ribeirinho e de como este se organizou ao longo dos tempos.

O empreendimento por ser o de maior porte tem sido uma porta de entrada para a região, fato facilitado pelo acesso direto ao rio, favorecendo os esportes náuticos.

A figura 07 apresenta fotos que ratificam a presença dos segmentos de turismo praticados e permitem uma rápida visualização dos espaços do empreendimento.

Figura 07 – Coletânea de Fotos da Pousada e Restaurante Ecológico Castanho.



Fonte: Elaborado pelo autor com imagens do facebook do empreendimento (2019).

4.4.1 Turismo Sustentável na Pousada e Restaurante Ecológico Castanho

O empreendimento até no próprio nome já remete às questões ligadas à ecologia e a preservação, observando que o espaço é considerado uma reserva ecológica de propriedade privada que abriga uma vasta área de preservação do bioma caatinga, inclusive com

elementos da fauna e da flora que se encontram em extinção, levando a indícios de que o turismo praticado é sustentável, sob a perspectiva dos princípios do CBTS, como explicitado nas falas do empreendedor e análise do conteúdo coletado durante as entrevistas.

Os relatos do empreendedor e as licenças e certificações que são exibidas na recepção do local apontam para um respeito à legislação específica para o ramo de turismo, ressaltando ainda a constante fiscalização à qual o estabelecimento é submetido pelo fato de estar localizado no MONA do Rio Francisco, o que reforça o enquadramento obrigatório a um conjunto de regras e leis que são respeitadas nas atividades cotidianas, conforme presenciado durante a coleta dos dados e na descrição do empreendedor.

[...]. Antes do início do empreendimento, foi mantido contato com o IMA, o IBAMA, respeitamos inclusive a legislação para utilização das redondezas das áreas de hidroelétricas. Estamos no MONA, e, em virtude da área preservada, podemos afirmar que somos o coração do MONA. Somos fiscalizados constante pelo ICMBIO e pela Marinha Brasileira. O respeito à legislação e ao meio ambiente é condição primária de nossas ações.

Há garantias dos direitos das populações locais que são demonstradas no cuidado com a terra, com a preservação das espécies e com as pessoas que trabalham ou residem no local.

[...]. Nós nos propomos a promover o resgate histórico do local, então não poderíamos esquecer do legado de Delmiro Gouveia, um dos precursores da Consolidação das Leis Trabalhistas no Brasil. Conseguiu fazer na Pedra em 1914 o que Getúlio Vargas só faria na década de 30. Nunca fomos multados ou tivemos nenhum problema quanto às garantias de direitos.

[...]. Quando se fala de sustentabilidade, não basta apenas preservar o meio ambiente, tem que se preocupar com o entorno.

O empreendimento abriga uma área significativa destinada à conservação do bioma caatinga, além de várias ações que almejam prioritariamente a conservação do meio ambiente e sua diversidade natural. Já no acesso há placas informando sobre a preservação ambiental e apresentando o visitante as plantas e espécies do local.

[...]. Os impactos são quase nulos. Há coleta seletiva, o óleo de cozinha é utilizado para fazer sabão biodegradável, que é utilizado na atividade, distribuído entre os visitantes, a quem damos a receita junto para confecção de sabão. As águas de lavagem de pratos, chamadas de águas cinzas, e também as águas negras são colocadas em um biodigestor e jogadas em um jardim filtrante.

No princípio do CBTS que versa sobre considerar o patrimônio local e os valores locais, o empreendedor montou o museu dos cânions do Rio São Francisco, no qual estão presentes achados geológicos, objetos e utensílios que resgatam o patrimônio cultural da região e o modo de vida local, demonstrando o pleno atendimento ao mesmo.

[...]. A missão do empreendimento é preservar o meio ambiente e resgatar a história do Rio São Francisco.

[...]. O Riacho do Talhado abriga muitos sítios arqueológicos e pinturas rupestres que ajudam a recontar a história local.

[...]. A atividade permite às pessoas que aqui trabalham conhecer outros “Brasis”, mas sem perder sua cultura, sua origem e suas tradições.

[...]. É fundamental resgatar a memória local, e temos um museu com esse objetivo, com a ideia de dar luzes à história que aqui se passou.

O estímulo ao desenvolvimento social e econômico ocorre primordialmente pela quantidade de turistas que são atraídos à cidade, fazendo com que haja fomento a outras atividades ligadas ao turismo. Parte das compras de insumos é realizada a moradores das proximidades, considerando sempre a origem e o manuseio daqueles. Já no tocante à qualificação das pessoas, esse tem sido um ponto bem trabalhado no empreendimento, que, através de parcerias com o SENAC, o SEBRAE e a Marinha Brasileira, ofertou cursos para camareiros, garçons, cozinheiros, também sobre manipulação e preparo de alimentos, além de habilitação para barcos e lanchas.

[...]. Há respeito e uma parceria com a população do entorno. Capacitamos o pessoal da cozinha com cursos do SENAC e SEBRAE. Curso para arrumadeira, cozinheira, garçom. Trouxemos a Marinha, que capacitou e habilitou as pessoas que trabalham no catamarã.

[...]. Parte dos materiais reciclados são separados pelos colaboradores, que revendem e ajudam na geração de renda complementar.

A qualidade dos produtos, processos e atitudes é validada basicamente pelos clientes que se utilizam de redes sociais e sites de avaliação para externarem suas avaliações a respeito da prestação de serviços. Percebeu-se uma preocupação com padrões de higiene e segurança não só dos colaboradores, como também dos visitantes, com disponibilização de salva-vidas nos barcos, lanchas e catamarã que realizam passeios, além de boias que delimitam o espaço para banho, piscinas com sinalização e salva-vidas nas proximidades.

[...]. A segurança é uma máxima que reflete na qualidade, temos sinalização, equipamentos de proteção individual, boias sinalizadoras, piscina rasa dentro do rio e guarda-vidas capacitados e prontos para atuarem se necessário.

[...]. Os colaboradores recebem cursos do SENAC e SEBRAE para manusear alimentos dentro do padrão de qualquer equipamento turístico, não deixando em nada a desejar.

[...]. A qualidade dos produtos e demais atividades é realizada pelos usuários em ferramentas como a TripAdvisor e nas redes sociais, que funcionam como um termômetro do que fazemos.

O empreendedor demonstrou responsabilidade social, bem como busca pela promoção do engajamento social, econômica e ambiental dos envolvidos nas atividades cotidianas, conforme relatado.

[...]. Todos os passos são direcionados para sustentabilidade: abolimos sachês, mel é comprado aos produtores locais. Evitamos materiais que não sejam reciclados, além de que quase tudo é servido em recipientes de vidro.
[...]. A gestão como tudo que é feito aqui tem um cuidado com a natureza, a preservação ambiental é quem define o que vamos fazer.

Os fornecedores são escolhidos preferencialmente na região, atentando para suas ações e os impactos ambientais, além de que todas as ações, planos e processos buscam a sustentabilidade ambiental, mesmo sem ter isso explicitado em planejamento estratégico.

4.4.2 Ecoinovação na Pousada e Restaurante Ecológico Castanho

A Pousada e Restaurante Ecológico Castanho é um ponto de equilíbrio entre a atividade turística e a preservação ambiental com foco na sustentabilidade e nas ecoinovações. Trata-se de um dos primeiros empreendimentos a abordar as belezas dos cânions que surgiu da necessidade do proprietário em manter uma área de preservação de caatinga e não destiná-la à agricultura e à pecuária, como transcrito a seguir:

[...]. Como você pode enxergar, uma beleza dessas. O Rio São Francisco caprichou nessa região. Seria uma falta de senso humano e ético destinar essa área à agricultura ou pecuária. Somos uma das maiores áreas de preservação ambiental particular de Alagoas. Há espécies aqui que estão praticamente extintas e que encontraram abrigo aqui.

Um dos pioneiros na utilização de energia solar, que durante um bom tempo foi a única modalidade de energia utilizada, a Pousada teve sua construção realizada praticamente com recursos reaproveitados e utilização de pedras da localidade. São encontradas ecoinovações pontuais que permitem reutilizar água para plantação de verduras e hortaliças utilizadas no preparo dos alimentos. Definido como ecoadotador estratégico, o empreendimento demonstra que as ecoinovações presentes foram empregadas basicamente visando a diminuir impactos ambientais e transformar isso numa atração aos que visitam o local.

A presença das ecoinovações apontadas no anexo A, valida o empreendimento como ecoinovador. Partindo dessa realidade e com o apoio de teóricos apresentados no referencial da pesquisa, como Rennings (1998) e Cheng, Yang e Sheu (2014), foi construído o quadro 13 para enquadrar as ecoinovações em tipologias propostas por tais autores.

Quadro 13 – Tipologias de ecoinovação na Pousada e Restaurante Ecológico Castanho de acordo com diferentes autores.

(continua)

Tipologias de acordo com Rennings	Caracterização
Tecnológica	Enquadradas como tecnológicas, o empreendimento apresenta as seguintes ecoinovações: uso de economizadores de energia nas unidades habitacionais, lâmpadas de LED, substituição de tvs e geladeiras por modelos com menos de 10 anos de uso, lavagem industrial de enxovais, uso de caixas acopladas, utilização de material ecológico nas construções, fabricação de utensílios com materiais que seriam descartados, geração e uso de energia solar, aproveitamento da luz natural para iluminação e reaproveitamento de água. Também se enquadram como tecnológicas as seguintes ecoinovações que são adotadas parcialmente: instalação de cisternas para armazenamento de água da chuva e uso de torneiras automáticas. Esta tipologia de ecoinovação é a mais presente e enfatizada no empreendimento.
Organizacional	As tipologias organizacionais que estão presentes no empreendimento são: reaproveitamento de águas de limpeza e maquinários para outros fins. A construção foi realizada com preocupação ambiental, reaproveitamento do lixo orgânico para compostagem, coleta seletiva com destinação específica dos resíduos, site de reserva para hospedagem, alimentos de produção própria nos cardápios, manutenção constante nas instalações e avaliação mensal do consumo energético.
Institucional	A relação com as instituições ao redor do empreendimento existe, porém, a tomada de decisão não está interligada com a participação pública, nem amparada por ponderação científica. Contudo, há uma série de ecoinovações do ponto de vista institucional, pois foram adotadas como maneira de responder a possíveis problemas ambientais.
Social	Desde o início do empreendimento, as ações trazem orientação para a sustentabilidade através do despertar nos turistas que visitam o local. Há durante todo o trajeto placas que orientam para a preservação da fauna e flora locais. O proprietário é inserido nas discussões sobre turismo e meio ambiente na cidade de Delmiro Gouveia, compondo inclusive o Conselho Municipal de turismo, criado no ano de 2019.
Tipologias de acordo com Cheng, Yang e Sheu	Caracterização
Ecoinovação de produtos	O ponto forte do empreendimento é a prestação de serviços, contudo há produtos que são entregues aos turistas. Há ecoprodutos que apresentam impactos ambientais reduzidos, considerando que existem preocupações com consumo de energia e destinação de resíduos.
Ecoinovação de processos	Certamente o tipo mais praticado no empreendimento, pois é notável a produção de produtos significativamente melhorados com menores impactos ambientais.
Ecoinovação organizacional	As ecoinovações organizacionais estão atreladas aos esforços administrativos do empreendedor para inserir técnicas de aprendizagem e renovação das rotinas na perseguição de inovações ambientais.

Fonte: Elaborado pelo autor (2019).

Os dados do *checklist* transparecem que o empreendimento é ecoinovador, sendo que, nas tipologias propostas por Rennings (1998), destaca-se a ecoinovação tecnológica, e, nas

tipologias de Cheng, Yang e Sheu (2014), prevalecem as ecoinovações de processos em consonância com os processos melhorados para gerar menores impactos ambientais.

A dimensão design, apresentada por Cândido e Brito (2019), é mais presente, pois há no empreendimento utilização de tecnologias para controle de poluição, equipamentos para gerenciamento de resíduos, fonte de energias alternativas, utilização de resíduos para criação de novos produtos e redesenho no processo produtivo que é voltado para preservação ambiental.

Tratando dos determinantes de ecoinovação na perspectiva de Aloise, Nodari e Dorion (2015), no empreendimento destacam-se os determinantes mercadológicos, organizacionais e de gestão, econômicos e regulatórios, uma vez que os demais, mesmo com presença de alguns dos itens discriminados, não são trabalhados de forma tão impactante quanto os três que se sobressaíram na pesquisa.

Nos mercadológicos, todos os determinantes foram discriminados; já nos tecnológicos e de produção apenas: qualidade do produto, eficiência de materiais, eficiência energética e cooperação. Por sua vez, nos determinantes organizacionais e de gestão, foram detectados: capacidades verdes, inovatividade e responsabilidade social corporativa.

Nos determinantes econômicos, foram identificados os custos da mão de obra, os ganhos de escala, os preços de insumo, além da conscientização ambiental e da preferência por produtos sustentáveis. Vale destacar que não foram encontrados determinantes políticos e institucionais.

Por fim, os determinantes regulatórios presentes no empreendimento são: legislação ambiental vigente, padrões de segurança e saúde ocupacional, rigor da legislação vigente e expectativas e previsibilidade da legislação futura.

5 ANÁLISE COMPARATIVA DOS CASOS

Este capítulo apresenta o relato da análise comparativa dos três casos estudados. Os comparativos foram realizados utilizando-se dos constructos e de suas categorias analíticas, os quais permitiram observar, de maneira detalhada, semelhanças e diferenças e só então tecer comparações.

5.1 Análise comparativa do constructo turismo sustentável a partir das suas categorias analíticas

O constructo turismo sustentável foi desenvolvido sobre duas categorias analíticas: segmentos do turismo e princípios do CBTS. Ao analisar as categorias do constructo é facilmente perceptível que os empreendimentos se complementam na oferta de produtos turísticos diferentes, mas que quando somados formam uma rede informal que objetiva materializar diferentes alternativas de turismo na região do Riacho do Talhado.

O único segmento de turismo comum aos estabelecimentos é o ecoturismo em consequência das características da localidade e das exigências para explorar o potencial turísticos. No cenário nacional e demonstrando a relevância deste segmento turístico, o ecoturismo foi definido pelo Ministério do Turismo nas Diretrizes para uma Política Nacional de Ecoturismo, como um segmento da atividade turística que utiliza, de forma sustentável, o patrimônio natural e cultural, incentiva sua conservação e busca a formação de uma consciência ambientalista por meio da interpretação do ambiente, promovendo o bem-estar das populações.

Como maneira de possibilitar um resumo e rápida apresentação sobre o comparativo das categorias analíticas do construto turismo sustentável foi elaborado o quadro 14 apresenta o apanhado das categorias analíticas do construto.

Quadro 14 – Comparativo das categorias analíticas do constructo Turismo Sustentável.
(continua)

CATEGORIAS ANALÍTICAS		
1. Segmentos de Turismo		
Pousada Mirante do Talhado	Pousada Verde Canyon de Luz	Pousada e Restaurante Ecológico Castanho
Ecoturismo, Turismo Cultural, Turismo de Esporte, Turismo de Pesca, Turismo Náutico, e Turismo de Aventura.	Ecoturismo e Turismo de saúde	Ecoturismo, Turismo Cultural, Turismo de Esporte, Turismo Náutico, Turismo de Aventura.
2. Princípios do CBTS		

Pousada Mirante do Talhado	Pousada Verde Canyon de Luz	Pousada e Restaurante Ecológico Castanho
Atende aos princípios do CBTS	Atende aos princípios do CBTS	Atende aos princípios do CBTS

Fonte: Elaborado pelo autor com dados da Pesquisa.

A Pousada Mirante do Talhado nos segmentos presentes o ecoturismo é detectado nas ações que buscam a sustentabilidade, já o segmento do turismo cultural está presente em ações como a pega de boi no mato e a representação de danças indígenas com a participação da população local; o turismo de esporte e de aventura estão representados no rapel, na tirolesa e no *psicoblock* que consiste na escada dos paredões do cânions somente com o uso das mãos, ou seja, sem nenhum outro equipamento de segurança. O turismo de pesca e náutico são explorados com o fornecimento de estrutura local e acesso ao Rio São Francisco.

A Pousada Verde Canyon de Luz foca apenas no ecoturismo com trabalhos direcionados a criação de consciência ambiental e de respeito ao meio ambiente, além de que há ações de turismo de saúde em virtude dos meios terapêuticos holísticos que lá são utilizados pelos hóspedes da pousada.

A Pousada e Restaurante Ecológico Castanho como as demais pousadas aborda o segmento do ecoturismo no que concerne a busca por uma consciência ambiental e a promoção do bem-estar da população local. O turismo cultural é influenciado diretamente pela presença do museu dos cânions no local onde é resgatada a história do homem sertanejo, suas tradições e raízes, além de trazer uma visão antropológica de como o homem se firmou às margens do Rio São Francisco, apontando para os achados dos vários sítios arqueológicos locais. Quanto aos segmentos de turismo de esporte, turismo náutico e turismo de aventura prevalecem os serviços ofertados que de certa maneira preenchem aos requisitos do Ministério do Turismo ao nomear tais segmentos, pois na pousada há passeios de catamarã, barco, canoa, lancha; bem como realização de trilhas com graus de dificuldades diferentes e que permitem aos turistas, aventurar-se em cenários distintos.

Na categoria analítica princípios do CBTS, foram discutidos os sete princípios técnicos para validação da prática de turismo sustentável sob a ótica do referido Conselho. A partir dela, percebeu-se que os empreendimentos atendiam a todos eles, porém cada um com ênfase diferenciada e com foco em diferentes princípios.

Diante dos dados coletados e nas visitas aos locais, observou-se que, na Pousada Mirante do Talhado, sobressaem o respeito pela legislação vigente, a conservação do meio ambiente natural e sua diversidade e o estímulo ao desenvolvimento social e econômico dos destinos turísticos; na Pousada Verde Canyon de Luz, os princípios mais destacados são: o

respeito pela legislação vigente, a garantia pelos direitos das populações locais, a conservação do meio ambiente natural e sua diversidade, o estímulo ao desenvolvimento social e econômico dos destinos turísticos e a garantia da qualidade dos produtos, processos e atitudes. Por último, na Pousada e Restaurante Ecológico Castanho, é dada mais atenção aos seguintes princípios: o respeito pela legislação vigente, a garantia pelos direitos das populações locais, a conservação do meio ambiente natural e sua diversidade, a consideração pelo patrimônio cultural e pelos valores locais, o estímulo ao desenvolvimento social e econômico dos destinos turísticos e a garantia da qualidade dos produtos, processos e atitudes. Nota-se que o estabelecimento do planejamento formal e documentado é ausente nos empreendimentos, porém há uma visão de futuro e metas estabelecidas pelos empreendedores, além de que existe em todos eles a gestão responsável e orientada à sustentabilidade.

5.2 Análise comparativa do constructo ecoinovação a partir das suas categorias analíticas

Considerando as categorias analíticas do constructo ecoinovação, foram destacadas as similaridades dos empreendimentos nas práticas e características ecoinovadoras.

Do ponto de vista teórico, diagnosticou-se que: nas tipologias enumeradas por Rennings (1998), os empreendimentos são ecoinovadores tecnológicos, pois as tecnologias empregadas almejam minimizar os impactos ambientais. Já dentro do modelo de tipologias de Cheng, Yang e Sheu (2014), os empreendimentos são todos ecoinovadores de processos devido às melhorias e à inclusão de processos para redução de impactos ambientais.

Quanto às dimensões de ecoinovações presentes na atividade turística na visão dos autores Cândido e Brito (2019), os empreendimentos focam na dimensão design, considerando as variáveis que constroem a dimensão.

Diante da necessidade da aplicabilidade das dimensões e de tipos de ecoinovações presentes na atividade turística, os autores Cândido e Brito (2019) também propuseram o disposto no quadro 04, com isso detalhando a relação, as dimensões e a identificação dos tipos de ecoinovações que poderiam ser ligados ao turismo.

O quadro 15, a seguir, consolida um quadro comparativo dos empreendimentos no tocante às categorias analíticas do constructo ecoinovação.

Quadro 15 – Comparativo das categorias analíticas do constructo EcoInovação.

CATEGORIAS ANALÍTICAS		
1. Tipologias de EcoInovações		
Pousada Mirante do Talhado	Pousada Verde Canyon de Luz	Pousada e Restaurante Ecológico Castanho
Ecoinovadora tecnológica; Ecoinovadora em processos	Ecoinovadora tecnológica; Ecoinovadora em processos	Ecoinovadora tecnológica; Ecoinovadora em processos
2. Dimensões das EcoInovações		
Pousada Mirante do Talhado	Pousada Verde Canyon de Luz	Pousada e Restaurante Ecológico Castanho
Dimensão <i>Design</i>	Dimensão <i>Design</i>	Dimensão <i>Design</i>
3. Tipologias de agentes ecoinovadores		
Pousada Mirante do Talhado	Pousada Verde Canyon de Luz	Pousada e Restaurante Ecológico Castanho
Ecoadotador estratégico	Ecoadotador estratégico	Ecoadotador estratégico
4. Determinantes de ecoinovação		
Pousada Mirante do Talhado	Pousada Verde Canyon de Luz	Pousada e Restaurante Ecológico Castanho
Mercadológicos, organizacionais e de gestão, econômicos e regulatórios	Mercadológicos, organizacionais e de gestão, econômicos e regulatórios	Mercadológicos, organizacionais e de gestão, econômicos e regulatórios

Fonte: Elaborado pelo autor com dados da Pesquisa.

Diagnosticou-se que a construção do turismo sustentável está ligada ao ecoturismo, tipologia praticada nos três empreendimentos. Adiante, percebeu-se, na análise dos princípios do CBTS, que a importância dada a cada um deles depende do perfil e do direcionamento adotado por cada empreendedor, o que não invalida o enquadramento técnico proposto pela CBTS.

No que diz respeito à ecoinovação, os empreendimentos são similares em vários aspectos: as tipologias são as mesmas, considerando-se inclusive abordagens de autores distintos; a dimensão comum a todos eles é a design; todos são ecoadotadores estratégicos; e os determinantes são os mesmos para todos, ou seja: são mercadológicos, organizacionais e de gestão, econômicos e regulatórios.

Desde a identificação das ecoinovações já se apresentava um quadro de congruências nas adoções pelos empreendedores, fato confirmado no tratamento dos dados coletados. A pesquisa apontou que os empreendimentos possuem várias ecoinovações em comum, as quais tendem a ser determinadas pelos mesmos fatores.

Diante das trinta e duas (32) ecoinovações pesquisadas nos empreendimentos, a Pousada Mirante do Talhado Riacho adotou vinte e seis (26) delas e não apresentou outras seis (6); a Pousada Verde Canyon de Luz tem cenário bem parecido, com vinte e cinco (25) ecoinovações presentes e sete (7) não adotadas, porém vale ressaltar que a não adoção da

troca de aparelhos de TV por modelos mais novos não ocorreu pela ausência do uso de aparelhos eletroeletrônicos na pousada em virtude do caráter terapêutico e naturalístico do empreendimento; já na Pousada e Restaurante Ecológico Castanho, foram identificadas vinte e cinco (25) ecoinovações presentes, seis (6) não adotadas e uma (1) adotada parcialmente.

Da observação comparativa entre os casos, embasada na estrutura analítica, conclui-se que as organizações que operam o turismo sustentável são propensas a serem ecoinovadoras, pois há no emprego das ecoinovações elementos que reforçam a essência do turismo sustentável.

6 CONCLUSÕES

O Riacho do Talhado apresenta um grande potencial turístico considerando as belezas naturais e a estrutura dos empreendimentos que lá estão instalados.

A observação participante realizada nas atividades diárias aliada as entrevistas semiestruturadas que almejavam responder às questões da pesquisa, permitiram concluir no que concerne aos princípios propostos pelo CBTS, que estes foram atendidos nas três pousadas analisadas.

Quanto a segmentação do turismo os empreendimentos focam no ecoturismo e em segmentos que de certa maneira, complementam-se para oferecer diferentes experiências ao turismo que visita à região.

O *checklist* de ecoinovações aplicadas ao turismo da autoria de Cândido e Brito (2019) e utilizado na pesquisa apontou a presença de várias ecoinovações em todos os empreendimentos trabalhados. Uma questão relevante com relação às dimensões das ecoinovações é que os três empreendimentos focam na dimensão *design*, pois eles têm como foco o controle de poluição; apresentam equipamentos de gerenciamento de resíduos; usam fontes de energias alternativas; há tecnologias verdes; utilizam-se de resíduos como *inputs* para novos processos; buscam aumento de eficiência (ecoeficiência); redução do volume de resíduos gerados; redesenho do processo produtivo; utilização; incorporação de princípios presentes no ecossistema natural; e mudança na visão do sistema produtivo.

Nos modelos utilizados para mensurar tipologias de ecoinovação, a Pousada Mirante do Talhado, na perspectiva teórica de Rennings (1998), tem em destaque a ecoinovação tecnológica e, nos conceitos de Cheng, Yang e Sheu (2014), como ecoinovadora em processos. A Pousada Verde Canyon juntamente com a Pousada e Restaurante Ecológico Castanho apresentam cenário semelhante ao relatado. Todos os empreendimentos no tocante à tipologia de agente ecoinovador se caracterizam como ecoadotadores estratégicos.

A Pousada Mirante do Talhado apresentou como principais determinantes: mercadológicos, organizacionais e de gestão, econômicos e regulatórios, os quais também são os principais determinantes nos outros dois casos pesquisados.

Do ponto de vista metodológico o objetivo central da pesquisa foi identificar as ecoinovações e os principais fatores determinantes nos empreendimentos atendessem aos princípios técnicos da CTBS. Com esse direcionamento, o primeiro passo foi verificar quais os segmentos turismo e se os empreendimentos se enquadravam como de turismo atendiam aos princípios do CBTS quanto ao turismo sustentável; posteriormente, foi verificada a

presença de ecoinovações, além de suas tipologias, suas dimensões, os tipos de agentes ecoinovadores e os determinantes de ecoinovação.

Durante o percurso da pesquisa, obteve-se acesso a um número elevado de publicações a respeito da sustentabilidade, do turismo sustentável e da ecoinovação como fenômenos separados. Não foi encontrado um modelo estatístico, nem um modelo teórico que pudesse mensurar ou validar conjuntamente as informações colhidas, reforçando a importância social e acadêmica da pesquisa realizada.

Nos três empreendimentos, foram encontradas várias similaridades no que concerne às práticas de turismo sustentável e ecoinovação, fato que se deve, em primeiro lugar, à localização geográfica deles no Monumento Natural do Rio São Francisco, que é constantemente fiscalizado, e há uma série de exigências regulatórias que direciona as atividades para a adoção de modelos de funcionamento e processos bem definidos e lineares.

Os resultados apontam que há por parte dos empreendedores, respeito à legislação vigente, fato confirmado pelos relatos, documentos visualizados nas visitas *in loco* e pelas próprias exigências para o funcionamento na área do MONA do São Francisco. A relação com a população local é baseada no respeito ao patrimônio cultural e aos valores locais, o que, consequentemente, leva à garantia dos direitos das populações, inclusive com proprietários atuando como representantes da comunidade local em conselhos e associações.

Há estímulo ao desenvolvimento social e econômico dos destinos turísticos impulsionados primeiramente pela geração de emprego e renda para os moradores locais, como também pelas capacitações e qualificações que são ofertadas aos moradores do entorno e que impactam na qualidade dos produtos, processos e atitudes. Não há planejamento formal que demonstre as ações voltadas à questão ambiental, porém, nos três empreendimentos, a gestão ambientalmente responsável é notadamente verificável.

Os resultados no âmbito da ecoinovação ratificam que todos os empreendimentos são ecoinovadores, alguns deles antes mesmo de entrarem em funcionamento, pois os empreendedores já adotavam ecoinovações em suas propriedades. Os principais determinantes de ecoinovação são comuns a todos, a saber: mercadológicos, organizacionais e de gestão, econômicos e regulatórios.

Sendo assim, os achados demonstram de maneira muito clara que os empreendimentos são de turismo sustentável, que há ecoinovações e que os principais determinantes são os mesmos para todos, ratificando a relevância das práticas de ecoinovação na construção do turismo sustentável.

6.1 Recomendações para pesquisas futuras

A pesquisa mostrou-se como uma possibilidade de elaboração de questionamentos que poderiam dar origem a novos estudos, de tal forma que sua relevância extrapola inclusive a área do entorno do Riacho do Talhado, uma vez que a delimitação geográfica da pesquisa limitou-se à cidade de Delmiro Gouveia, porém há de se considerar que o Monumento Natural do Rio São Francisco se estende por três Estados: Alagoas (Delmiro Gouveia, Olho D'Água do Casado e Piranhas), Bahia (Paulo Afonso) e Sergipe (Canindé), que poderiam compor novas pesquisas e direcionar inclusive ações governamentais.

Os estudos de casos têm como sua parte integrante a elaboração do protocolo do estudo, apresentado nesta pesquisa, o qual facilita sua replicação; logo, existe a possibilidade de expandir os estudos para outras áreas, inclusive comparando os resultados por municípios e Estados ou até então partindo dos modelos teóricos ampliar para áreas de pesquisa, como por exemplo, para o empreendedorismo, tentando analisar uma possível rede de cooperação entre os empreendimentos locais e de outras cidades que pudessem criar um mapa do turismo na região.

A constante preocupação com a sustentabilidade, a ecoinovação e a preservação ambiental ainda esbarram, quando voltadas ao universo do turismo sustentável, com o reduzido número de publicações que relacionem turismo sustentável e ecoinovação, surgindo daí a possibilidade de relacionar os dois fenômenos e os impactos mútuos que cada um exerce sobre o outro, inclusive com a utilização de métodos qualitativos.

Por fim, do ponto de vista dos estudos organizacionais, os empreendimentos do entorno do Riacho do Talhado consistem num laboratório para a geração de questionamentos que poderiam nortear a realização de novos estudos com ênfase no perfil empreendedor, na economia, na sociologia, no marketing, nas redes de cooperação, na gestão do turismo e na legislação ambiental.

REFERÊNCIAS

ALIGLERI, L. M. **A adoção de ferramentas de gestão para a sustentabilidade e a sua relação com os princípios ecológicos nas empresas**. Tese de Doutorado, Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, Universidade de São Paulo, 2011.

ALOISE, P. G.; NODARI, C. H.; DORION, E. C. H. Ecoinovações: um ensaio teórico sobre conceituação, determinantes e achados na literatura. **Interações - Revista Internacional de Desenvolvimento Local**, v. 17, n. 2, 2015. ISSN 1984-042X.

ALOISE, Pedro Gilberto. **Ecoinovações no polo industrial de Manaus**: direcionadores e fatores determinantes. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Caxias do Sul em associação ampla com a Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Administração, 2017.

AMUI, L. B. L.; JABBOUR, C. J. C.; JABBOUR, A. B. L. de S.; KANNAN, D. Sustainability as a dynamic organizational capability: a systematic review and a future agenda toward a sustainable transition. **Journal of Cleaner Production**, p. 1-15, 2016.

ANDERSEN, M. M. **Eco-Innovation Indicators**. Copenhagen: European Environment Agency, February 2006. Disponível em: <http://130.226.56.153/rispubl/art/2007_115_report.pdf>. Acesso em: 22 fev. 2019.

ARNOLD, M. G.; HOCKERTS, K. The greening dutchman: Philips' process of green flagging to drive sustainable innovations. **Business Strategy and the Environment**, v. 20, n. 6, p. 394-407, 2011.

ARUNDEL, A.; KEMP, R. Measuring eco-innovation. **UNU-MERIT Working Papers**, 2009. Disponível em: <<http://www.merit.unu.edu/publications/wppdf/2009/wp2009-017.pdf>>. Acesso em: 12 mar. 2019.

BALANZÁ, Isabel Mílio; NADAL, Mônica Cabo. **Marketing e comercialização de produtos turísticos**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

BALDERRAMAS, Helerson de Almeida. **Turismo Rural**: ecologia, lazer e desenvolvimento. Bauru: EDUSC, 2000.

BENI, M. C. **Análise estrutural do turismo**. São Paulo: Editora SENAC, 2002.

BARBIERI, J. C.; VASCONCELOS, I. F. G. de; ANDREASSI, T.; VASCONCELOS, F. C. de. Inovação e sustentabilidade: novos modelos e proposições. **RAE - Revista de Administração de Empresas**, v. 50, n. 2, p. 146-154, 2010.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BENBASAT, I.; GOLDSTEIN, D. K.; MEAD, M. The case research strategy in studies of information systems. **MIS Quarterly**, v. 11, n. 3, p. 369-386, Sept. 1987.

BENGTSSON, F.; ÅGERFALK, P. J. Information technology as a change actant in sustainability innovation: Insights from Uppsala. **The Journal of Strategic Information Systems**, v. 20, n. 1, p. 96-112, 2011.

BENI, M. C. **Análise Estrutural do Turismo**. São Paulo: Senac, 2002.

BERKHOUT, F.; GREEN, K. Managing innovation for sustainability: the challenge of integration and scale. **International Journal of Innovation Management**, v. 6, n. 3, p. 227-232, 2002.

BERNAUER, T.; ENGEL, S.; KAMMERER, D.; NOGAREDA, J. S. Explaining green innovation: ten years after porter's win-win proposition: how to study the effects of regulation on corporate environmental innovation?. **Politische Vierteljahresschrift**, v. 39, jun. 2006.

BEUREN, Ilse Maria; LONGARAY, André Andrade; RAUPP, Fabiano Maury; SOUSA, Marco Aurélio Batista; COLAUTO, Romualdo Douglas; PORTON, Rosimere Alves de Bona. **Como Elaborar Trabalhos Monográficos em Contabilidade: Teoria e Prática**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2004.

BECHKER, H. A. Observation by informants in institutional research. **Quality & Quantity**, v. 6, p. 157-169, 1972.

BOONS, F.; LÜDEKE-FREUND, F. Business models for sustainable innovation: state-of-the-art and steps towards a research agenda. **Journal of Cleaner Production**, v. 45, p. 9-19, 2013.

BORGES, A. L. M.; SILVA, G. B. Mário Carlos Beni: contribuição para o estudo do turismo. **Revista de Turismo Contemporâneo-RTC**, Natal, v. 4, Ed. Especial, p. 41-61, abr. 2016.

BOULLÓN, Roberto C. **Planejamento do espaço turístico**. Bauru-SP: EDUSP, 2002.

BRAGA, D. C. **Planejamento turístico: teoria e prática**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.

BRASIL. MINISTÉRIO DO TURISMO. **Plano Nacional de Turismo – 2018-2022: “Mais Emprego e Renda para o Brasil”**. Disponível em: <www.turismo.gov.br>. Acesso em 15 de janeiro de 2020.

BRASIL. MICT. **Diretrizes para uma Política Nacional do Ecoturismo**. Brasília: Ministério da Ind. Com. e Turismo – MICT; Ministério do Meio Ambiente, 1994.

CÂNDIDO, Gesinaldo; BRITO, Pedro. Contribuições de Eco inovações para a Sustentabilidade da Atividade Turística. **Revista Turismo em Análise**, v. 29, p. 236-254, 2019. 10.11606/issn.1984-4867.v29i2p236-254.

CANO, I. Nas trincheiras do método: o ensino da metodologia das ciências sociais no Brasil. **Sociologias**, ano 14, n. 31, p. 94-119, set./dez. 2012.

CARNEIRO, D. M. R. **Visitando o século XXI: inovações para a sustentabilidade em destinos turísticos brasileiros**. 350p. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento sustentável, Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

CBTS – Conselho Brasileiro de Turismo Sustentável. Conselho Nacional da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica. **Caderno de Certificação em Turismo Sustentável**. Norma Nacional para Meios de Hospedagem – Requisitos para a Sustentabilidade. Organização: Instituto de Hospitalidade, NIH-54, 2004.

CARRILLO-HERMOSILLA, J.; DEL RÍO, P.; KÖNNÖLÄ, T. Diversity of Eco-Innovations: Reflections from Selected Case Studies. **Journal of Cleaner Production**, v. 18, n. 10, p. 1073-1083, 2010.

CARVALHO, Luis Carlos Pereira de; VASCONCELLOS, Marco Antônio Sandoval de. **Introdução à economia do turismo**. São Paulo: Saraiva, 2006.

CEPAL. **Que é a ecoinovação e como se pode medi-la na América Latina e no Caribe?**. Disponível em: <<https://www.cepal.org/pt-br/noticias/que-es-la-ecoinnovacion-como-se-puede-medir-america-latina-caribe>>. Acesso em: 20 fev. 2019.

CÉSAR-DACHARY, A. Desarrollo sustentable, turismo y medio ambiente en el Caribe: Una opción válida?. **Estudios y Perspectivas en Turismo**, v. 5, p. 18-51, 1996.

CHEN, Ping-Chuan; HUNG, Shiu-Wan. Collaborative green innovation in emerging countries: a social capital perspective. **International Journal of Operations & Production Management**, v. 34, n. 3, p. 347-63, 2014.

CHENG, C. C. J.; YANG, C.-I.; SHEU, C. The link between eco-innovation and business performance: A Taiwanese industry context. **Journal of Cleaner Production**, v. 64, n. 1, p. 81-90, 2014.

CHOI, H. C.; SIRAKAYA, E. Sustainability indicators for managing community tourism. **Tourism management**, v. 27, p. 1274-1289, 2006.

COELHO, A. L. A. L.; COELHO, C.; GODOI, C. K. O discurso da sustentabilidade e sua inserção no contexto organizacional. **Revista Gestão & Conexões – Management and Connections Journal**, Vitória (ES), v. 2, n. 1, jan./jun. 2013.

COMISSÃO MUNDIAL SOBRE MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO (CMMAD). **Nosso futuro comum**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1988.

COOPER, Chris; FLETCHER, John; WANHILL, Stephen; GILBERT, David; SHEPHERD, Rebecca. **Turismo, princípios e práticas**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

CRUZ, R. **Política de Turismo e território**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2002.

DALLA'GNOL, S. Impactos do turismo X comunidade local. In: VII SEMINÁRIO DE PESQUISA EM TURISMO DO MERCOSUL, 2012, Caxias do Sul. **Anais...** Caxias do Sul: 2012, Universidade Caxias do Sul, Mestrado em Turismo. Disponível em:

<https://www.ucs.br/ucs/tplVSEminTur%20/eventos/seminarios_semintur/semin_tur_7/gt02/arquivo>. Acesso em: 11 maio 2019.

DALLAS, Nick. **Como tornar sua empresa ecologicamente responsável (Green Business Basics)**. Tradutor: Bernardo Araujo. 2009.

DEMO, Pedro. **Metodologia científica em Ciências Sociais**. São Paulo: Atlas, 1995.

DESAI, R. Teaching technologists sustainable innovation. **International Journal of Innovation Science**, v. 4, n. 1, p. 25-33, 2012.

DIAS, R. **Introdução ao turismo**. São Paulo: Atlas, 2005.

_____. **Eco Inovação: Caminho para o crescimento sustentável**. São Paulo: Atlas, 2014.

DIAS, Reinaldo; CASAR, Maurício. **Fundamentos do marketing turístico**. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2005.

DING, M.; JIANMU, Y. Eco-innovation determination based on structural equation modeling: identifying the mediation and moderation effect. **International Journal of Management Science and Business Administration**, v. 1, n. 3, p. 17-29, 2015.

DOSI, G. Technological Paradigms and Technological Trajectories. **Revista Brasileira de Inovação**, Rio de Janeiro, RJ, FINEP, v. 5, n. 1, jan./jun. 2006.

DRUCKER, P. F. **Inovação e o espírito empreendedor: prática e princípios**. São Paulo: Pioneira Thomson, 2003.

DUBÉ, L.; PARÉ, G. Rigor in information systems positivist case research: current practices, trends, and recommendations. **MIS Quarterly**, v. 27, n. 4, p. 597-635, dec. 2003.

EDGEMAN, R.; ESKILDSEN, J. Viral innovation: integration via sustainability and enterprise excellence. **Journal of Innovation and Best Business Practice**, v. 13, 2012.

EGGERS, W. D.; SINGH, S. K. **The public innovator's playbook: nurturing bold ideas in government**. Ash Institute, Harvard Kennedy School, 2009.

EISENHARDT, K. M. Building theories from case study research. **Academy of management**, v. 14, n. 4, out. 1989.

FANTIN, Carla. **Sistema de indicadores de sustentabilidade para o turismo: uma abordagem do artesanato de Antônio Prado – RS**. Dissertação de Mestrado. Universidade de Caxias do Sul. Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade. p. 95. 2018

FARIAS, A. **Contribuições de eco-inovações para a sustentabilidade da fruticultura de manga da região submédio São Francisco**. Tese de Doutorado, Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2014.

FARIAS, Adriana; MEDEIROS, Henderson Dantas Ramon; CÂNDIDO, Gesinaldo. Contribuições de eco-inovações para a gestão ambiental de atividades produtivas em um

empreendimento da construção civil. **Revista de Administração da UFSM**, v. 9, n. 102, 2015. 10.5902/1983465911319.

FERNÁNDEZ, S. P.; DÍAZ, S. P. Investigación cuantitativa y cualitativa. **Cad Aten Primaria**, v. 9, p. 76-78, 2002.

FLICK, U. **Métodos de Pesquisa**: introdução à pesquisa qualitativa. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FRANGIALLI, F. Discurso de mensagem. In: **Consideraciones sobre el turismo internacional**: discursos e documentos. Madrid: WTO, 1999.

FRANKFORT-NACHMIAS, Chava; NACHMIAS, David. **Research Methods in the Social Sciences**. 5. ed. New York: Worth Publishing, 1996.

FROEHLICH, Cristiane; DE MELLO, Daniela; ENGELMAN, Raquel. Inovação e Sustentabilidade: Um Olhar sobre a Produção Científica Publicada em Eventos da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração. **Revista Gestão e Desenvolvimento**, Novo Hamburgo, v. 14, n. 2, p. 19-32, may 2017. ISSN 2446-6875. Disponível em: <<https://periodicos.feevale.br/seer/index.php/revistagestaoedesenvolvimento/article/view/1101>>. Acesso em: 29 mar. 2019. Doi: <<https://doi.org/10.25112/rgd.v14i2.1101>>.

FULLANA, P.; AYUSO, S. **Turismo sostenible**. Barcelona: Rubes, 2002 (citado por: DIAS, R. **Turismo Sustentável e Meio Ambiente**. São Paulo: Atlas, 2003).

FUSSLER, C.; JAMES, P. **Driving Eco-Innovation**: A Breakthrough Discipline for Innovation and Sustainability. London: Pitman Publishing, 1996.

GALVÃO, H. M. **Influência da gestão socioambiental no desempenho da eco-inovação empresarial**. Tese (Doutorado em Administração) – Universidade de São Paulo, São Paulo 2014. Disponível em: <<https://goo.gl/kgsfJw>>. Acesso em: 22 fev. 2019.

GASTAL, S.; MOESCH, M. **Um outro turismo é possível**. São Paulo: Contexto, 2004.

GAZIULUSOY, A. İ.; BOYLE, C.; MCDOWALL, R. System innovation for sustainability: a systemic double-flow scenario method for companies. **Journal of Cleaner Production**, v. 45, p. 104-116, 2013.

GEE, Chuck Y e FAYOS-SOLÁ. **Turismo Internacional, uma perspectiva global**. Porto Alegre: Bookman, 2003.

GIBBERD, J. Measuring capability for sustainability: The Built Environment Sustainability Tool (BEST). **Building Research & Information**, v. 43, n. 1, p. 49-61, 2015.

GIBSON, R. B.; HASSAN, S.; HOLTZ, S.; TANSEY, J.; WHITELOW, G. **Sustainability Assessment**: Criteria and Processes. London: Earthscan, 2005.

GIVEN, L. M. **The Sage encyclopedia of qualitative research methods**. v. 1. California: SAGE Publications, 2008.

GONÇALVES, Hortência de Abreu. **Manual de metodologia da pesquisa científica**. 2. ed. São Paulo: Avercamp, 2014.

HALILA, F.; RUNDQUIST, J. The development and market success of eco-innovations: a comparative study of eco-innovations and “other” innovations in Sweden. **European Journal of Innovation Management**, v. 14, n. 3, p. 278-302, 2011.

HANSEN, E. G.; GROSSE-DUNKER, F.; REICHWALD, R. Sustainability innovation cube: a framework to evaluate sustainability-oriented innovations. **International Journal of Innovation Management**, v. 13, n. 4, p. 683-713, 2009.

HART, S. L. Beyond Greening: Strategies for a Sustainable World. **Havard Business Review**, v. 75, n. 1, p. 66-76, 1997.

HART, Stuart L.; MILSTEIN, Mark B. Criando Valor Sustentável. **Revista Eletrônica RAE Executivo**, São Paulo, n. 2, 2004.

HELOANI, R. Sustentabilidade e bons negócios. **RAE Executivo**, São Paulo, n. 1, 2005.

HOLANDA, A. Questões sobre pesquisa qualitativa e pesquisa fenomenológica. **Revista Análise Psicológica**, Ano XXIV, n. 3, p. 363-372, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/aps/v24n3/v24n3a10.pdf>>. Acesso em: 31 maio 2019.

HUPPES, G.; KLEIJN, R.; HUELE, R.; EKINS, P.; SHAW, B.; ESDERS, M.; SCHALTEGGER, S. **Measuring Eco-innovation**: Framework and Typology of Indicators Based on Causal Chain. 2008.

IGNARRA, L. R. **Fundamentos do Turismo**. 2. ed. São Paulo: Pioneira Thompson Learning, 2003.

JACOMOSSI, Rafael; DEMAJOROVIC, Jacques; BERNARDES, Roberto; SANTIAGO, Ana Lúcia. Fatores determinantes da ecoinovação: um estudo de caso a partir de uma indústria gráfica brasileira. **Gestão & Regionalidade**, [s. l.], v. 32, n. 94, mar. 2016. ISSN 2176-5308. Disponível em: <http://seer.uscs.edu.br/index.php/revista_gestao/article/view/3134>. Acesso em: 22 fev. 2019. Doi: <<http://dx.doi.org/10.13037/gr.vol32n94.3134>>.

KANNI, F. **Turismo sustentável** – contribuições para um desenvolvimento socioambiental. (Dissertação de Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

KEMP, R.; PEARSON, P. Final report MEI project about measuring eco-innovation. **UM Merit**, Maastricht, v. 10, 2007.

KESIDOU, E.; DEMIREL, P. On the drivers of ecoinnovations: empirical evidence from the UK. **Research Policy**, v. 41, p. 862-870, 2012.

KLEINDORFER, P. R.; SINGHAL, K.; WASSENHOVE, L. N. V. Sustainable Operations Management. **Production and Operations Management**, v. 14, n. 4, p. 482-492, 2005.

KLEWITZ, J.; ZEYEN, A.; HANSEN, E. G. Intermediaries driving eco-innovation in SMEs: a qualitative investigation. **European Journal of Innovation Management**, v. 15, n. 4, p. 442-467, 2012.

KO, T. Development of tourism sustainability assessment procedure: A conceptual approach. **Tourism Management**, v. 26, p. 431-445, 2005.

KÖRÖSSY, N. Do Turismo Predatório ao Turismo Sustentável: uma revisão sobre a origem e a consolidação do discurso da sustentabilidade na atividade turística. **Caderno Virtual de Turismo**, v. 8, n. 2 p. 56-68, 2008.

KERLINGER, F. N. **Metodologia da pesquisa em ciências sociais**: um tratamento conceitual. São Paulo. EPU-EDUSP, 1996.

LAGE, Beatriz Helena Gelas; MILONE, Paulo César. **Economia do turismo**. 4. ed. Campinas, SP: Papirus, 1999.

_____. **Turismo**: teoria e prática. São Paulo: Atlas, 2000.

LANGE, D. E.; BUSCH, T.; DELGADO-CEBALLOS, J. D. Sustaining Sustainability in organizations. **Journal of Business Ethics**, v. 110, n. 2, p. 151-156, 2012.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia científica**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

LIPSET, S. M.; TROW, M.; COLEMAN, J. **Union Democracy**: The Inside Politics of the International Typographical Union. New York: Free Press, 1956.

LOPES, Jorge et al. **O fazer do trabalho científico em ciências sociais aplicadas**. Recife: Universitária da UFPE, 2006.

MAÇANEIRO, M. B.; CUNHA, S. K. Eco inovação: um quadro de referências para pesquisas futuras. In: **Anais do XXVI Simpósio de Gestão da Inovação Tecnológica**. Vitória/ES, novembro/2010.

MAGALHÃES, Cláudia Freitas. **Diretrizes para o turismo sustentável em municípios**. São Paulo: Roca, 2002.

MANZINI, E. J. A entrevista na pesquisa social. **Didática**, São Paulo, v. 26/27, p. 149-158, 1990/1991.

MARTINS, Cristiana. **Um framework para análise da contribuição conjunta dos clusters de tecnologia e turismo para a inovação e o desenvolvimento territorial**. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Administração, Florianópolis-SC, 2017.

MARUJO, M. N.; CARVALHO, P. Turismo, planejamento e desenvolvimento sustentável. **Turismo & Sociedade**, Curitiba, v. 3, n. 2, p. 147-161, out. 2010.

MASINA, R. **Introdução ao estudo do turismo**: conceitos básicos. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2002. 128p.

MATTIODA, Rosana Adami; CANGIOLIERI JÚNIOR, Osiris. Abordagem dos Conceitos do Triple Bottom Line no Desenvolvimento Integrado de Produtos. **Revista Sodebras**, Paraná, v. 7, n. 1, p. 1-9, maio 2013. Disponível em: <<https://www.researchgate.net/publication/281243882>>. Acesso em: 25 set. 2019.

MARTON, F. Phenomenography: A Research Approach to Investigating Different Understandings of Reality. **Journal of Thought**, p. 28-49, 1986.

MEDEIROS, L. C.; MORAES, P. E. S. Turismo e sustentabilidade ambiental: referências para o desenvolvimento de um turismo sustentável. **Revista Meio Ambiente e Sustentabilidade**, v. 3, n. 2, jan./jun. 2013.

MEDEIROS, Viviane Costa Fonseca de Almeida. **Turismo e Economia Solidária**: uma análise nas cooperativas e associações de artesanato do Roteiro Seridó norte-rio-grandense. Tese (Mestrado em Turismo) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Programa de Pós-Graduação em Turismo, Natal-RN, 2011.

MEDLIK, S. **Dictionary of travel, tourism and hospitality**. Oxford, Reino Unido: Butterworth-Heinemann, 1996.

MENEZES, V.; CUNHA, S.; CUNHA, J. Inovações para a proteção ambiental em cadeias hoteleiras: um estudo de caso da Slaviero Hotéis. In: **Anais do 15º Congresso Latino-Iberoamericano de Gestão de Tecnologia**, 2013, Porto. São Paulo, SP, 2013.

MINISTÉRIO DO TURISMO (MTUR). Coordenação Geral de Regionalização. Programa de Regionalização do Turismo. **Roteiros do Brasil**: Conteúdo Fundamental: Turismo e sustentabilidade. Brasília: Ministério do Turismo, Secretaria Nacional de Políticas de Turismo, 2007.

_____. **Turismo injetou US\$ 163 bilhões no Brasil em 2017**. 2018. Disponível em: <[http://www.turismo.gov.br/%C3%BAltimas-not%C3%ADcias/11037-turismo-injetou-us\\$-163-bilh%C3%B5es-no-brasil-em-2017.html](http://www.turismo.gov.br/%C3%BAltimas-not%C3%ADcias/11037-turismo-injetou-us$-163-bilh%C3%B5es-no-brasil-em-2017.html)>. Acesso em: 25 jan. 2019.

_____. **Conceito de turismo**. Disponível em: <<http://www.turismo.gov.br>>. Acesso em: 29 mar. 2019.

MORAES, R.; GALIAZZI, M. C. **Análise textual**: discursiva. 3. ed. Revisada e Ampliada. Ijuí: Editora Unijuí, 2016.

MUCCHIELLI, R. **Les Méthodes Qualitatives**. Paris: Presses Universitaires de France, 1991.

MUGA, H. E.; MIHELICIC, J. R. Sustainability of wastewater treatment technologies. **Journal of Environmental Management**. v. 88, p. 437-447, 2008.

MUNCK, L.; BANSI, A. C.; GALLELI-DIAS, B.; CELLA-DE-OLIVEIRA, F. A. Em busca da sustentabilidade organizacional: a proposição de um framework. **Revista Alcance**, v. 20, n. 4, p. 460-477, out./dez. 2013.

NAKATA, C.; VISWANATHN, M. From impactful research to sustainable innovations for subsistence marketplaces. **Journal of Business Research**, v. 65, n. 12, p. 1655-1657, 2012.

NIDUMOLU, R.; PRAHALAD, C. K.; RANGASWAMI, M. R. Why sustainability is now the key driver of innovation?. **Harvard Business Review**. v. 87, n. 9, p. 56-64, 2009.

NORTH, K. **Environmental business management: an introduction**. Genebra: International Labor Office (ILO), 1992.

OLIVEIRA, A. P. **Turismo e desenvolvimento**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2005.

OMT – ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO TURISMO. **Introdução ao Turismo**. São Paulo: Rocca, 2014.

_____. **Guia de desenvolvimento do turismo sustentável**. Tradução de Sandra Netz. Porto Alegre: Bookman, 2003.

ORGANIZAÇÃO PARA A COOPERAÇÃO E O DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO. **Manual de Oslo**: diretrizes para coleta e interpretação de dados sobre inovação. 3. ed. 2005.

PANOSSO NETTO, A. **O que é turismo**. São Paulo: Brasiliense, 2010.

PAZ, Fabio Josende; KIPPER, Liane Mahlmann. Sustentabilidade nas organizações: vantagens e desafios. **Revista GEPROS**, [s. l.], v. 11, n. 2, p. 85, jun. 2016. ISSN 1984-2430. Disponível em: <<https://revista.feb.unesp.br/index.php/gepros/article/view/1403>>. Acesso em: 28 mar. 2019. Doi: <<https://doi.org/10.15675/gepros.v11i2.1403>>.

PEROVANO, D. G. **Manual de metodologia científica para a segurança pública e defesa social**. Curitiba: Juruá, 2014.

PITA Fernández, S., e PÉRTEGAS Díaz, S. (2002). **Investigación cuantitativa y cualitativa**. Cad Aten Primaria, 9, 76-78.

PORTER, M.; VAN DER LINDE, C. **Verde competitivo: acabando com o impasse**. Competição: estratégias competitivas essenciais. Rio de Janeiro: Campus, 1995.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

REJOWSKI, Mirian. **Turismo no Percurso do Tempo**. São Paulo. Ed. Aleph, 2002.

RENNINGS, K. Redefining innovation-eco-innovation research and the contribution from ecological economics. **Ecological Economics**, v. 32, p. 319-332, 1998.

_____. Towards a theory and policy of eco-innovation neoclassical and (co)evolutionary perspectives. **ZEW Discussion Papers**, Mannheim, v. 98, n. 24, 1998.

RENNINGS, K.; ZIEGLER, A.; ANKELE, K.; HOFFMANN, E. The Influence of the EU Environmental Management and Auditing Scheme on Environmental Innovations and Competitiveness in Germany: An Analysis on the Basis of Case Studies and a Large-Scale Survey. **Discussion Paper**, Zentrum für Europäische Wirtschaftsforschung (ZEW), Mannheim, p. 03-14, 2003.

RENNINGS, K.; ZIEGLER, A.; ZWICK, T. The Effect of Environmental Innovations on Employment Changes: An Econometric Analysis. **Business Strategy and the Environment**, forthcoming. 2004.

RENNINGS, K.; ZWICK, T. The Employment Impact of Cleaner Production on the Firm Level – Empirical Evidence from a Survey in Five European Countries. **International Journal of Innovation Management**, v. 6, n. 3, p. 319-342, 2002.

RENNINGS, K. et al. The influence of different characteristics of the EU environmental management and auditing scheme on technical environmental innovations and economic performance. **Ecological Economics**, v. 57, n. 1, p. 45-59, 2006.

REXHÄUSER S.; HAMMER C. Environmental Innovation and Firm Profitability: Unmasking the Porter Hypothesis. **Environmental Resource Economics**, v. 57, p. 145-167, 2014.

RIBEIRO, L. C. S.; LOPES, T. H. C. R. Características e similaridades do setor cultural nos municípios e regiões metropolitanas brasileiras. **Revista de Economia Contemporânea**, v. 19, n. 2, p. 307-330, 2015.

RIBEIRO, L. C. S.; SILVA, E. O. V.; ANDRADE, J. R. L.; SOUZA, K. B. Tourism and regional development in the Brazilian Northeast. **Tourism Economics**, v. 23, n. 3, p. 717-772, 2017.

RICHARDS, G.; HALL, D. **Tourism and sustainable community development**. London: Routledge, 2000.

RODRIGUES, A. B. **Turismo: desenvolvimento local**. São Paulo: Hucitec, 1999.

RODRIGUES, A. P. et al. Apoio da comunidade residente ao desenvolvimento turístico sustentável: um modelo de equações estruturais aplicado a uma cidade histórica do Norte de Portugal. **Tourism & Management Studies**, v. 10, n. 2, 2014.

RUSCHMANN, Doris. **Marketing turístico: um enfoque promocional**. Campinas: Papirus, 2000.

SAARINEN, J. Traditions of sustainability in tourism studies. **Annals of Tourism Research**, v. 33, n. 4, p. 1121-1140, 2006.

SANTANA, Maria da Penha Lacerda de. **Instrumentos de avaliação da sustentabilidade do turismo: uma análise crítica de indicadores propostos para destinos turísticos de diferentes regiões do Brasil**. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do

Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Metrologia para a Qualidade e Inovação, 2015.

SANTOS, Jaqueline Guimarães. **Sistema de Indicadores de Sustentabilidade para o Turismo**: aplicação de uma abordagem participativa em Porto de Galinhas, PE. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco, CCSA, Administração, Recife-PE, 2013.

SAVITZ, A. W. **The Triple Bottom Line**: How Today's Best-Run Companies Are Achieving Economic, Social and Environmental Success - and How You Can Too. San Francisco: Editora John Willey & Sons, 2006.

SAVITZ, A. W.; WEBER, K. **A empresa sustentável**: o verdadeiro sucesso é lucro com responsabilidade social e ambiental. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.

SEABRA, Lícia. Turismo sustentável: planejamento e gestão. In: CUNHA, S. B. da; GUERRA, A. J. T. (Orgs.). **A questão ambiental**: diferentes abordagens. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

SELLTIZ, C.; JAHODA, M.; DEUTSCH, M. **Métodos de Pesquisa nas Relações Sociais**. São Paulo: EDUSP, 1974.

SCHALTEGGER, S.; WAGNER, M. Sustainable entrepreneurship and sustainability innovation: categories and interactions. **Business strategy and the environment**. v. 20, n. 4, p. 222-237, 2011.

SCHIEDERIG, T.; TIETZE, F.; HERSTATT, C. Green innovation in technology and innovation management – an exploratory literature review. **R&D Management**. v. 42, n. 2, p. 180-192, 2012.

SCHUMPETER, J. A. **Capitalism, Socialism and Democracy**. New York, NY: Harper and Row, 1950.

_____. **A Teoria do Desenvolvimento Econômico**: uma investigação sobre lucros, capital, crédito, juro e o ciclo Econômico. São Paulo: Ed. Abril S.A. Cultural e Industrial, 1982.

SCÓTOLO, D.; PANOSSO NETTO, A. Contribuições do turismo para o desenvolvimento local. **Revista de Cultura e Turismo** – CULTUR, Ano 09, n. 1, 2015.

SILVA, S. S.; REIS, R. P.; AMÂNCIO, R. Conceitos Atribuídos à Sustentabilidade em Organizações de Diferentes Setores. **Revista de Ciências da Administração**. v. 16, n. 40, p. 90-103, dez. 2014.

SILVEIRA, M. A. Strategic management of innovation towards sustainable development of brazilian electronic. **Journal Technologic Management & Innovation**, v. 8, s/n, p. 174-186, 2013.

SILVEIRA, D. T.; CÓRDOVA, F. P. A Pesquisa Científica. In: GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. (Orgs.). **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre, RS: Editora da UFRGS, 2009. p. 31-42.

SILVIUS, G.; RON, S.; PLANKO, J.; BRINK, J. van den; KOHLER, A. **Sustainability in Project Management**. 1. ed. Surrey: Gower, 2012.

STARIK, Mark; KANASHIRO, Patricia. Toward a Theory of Sustainability Management: Uncovering and Integrating the Nearly Obvious. **Organization Environment**, v. 26, n. 1, p. 7-30, 2013.

STAKE, R. E. **Multiple case study analysis**. New York: Guilford Press, 2005.

SWARBROOKE, J. **Turismo sustentável: conceitos e impacto ambiental**. v. 1. São Paulo: Aleph, 2000.

UNWTO. Organização Mundial do Turismo. **Tourism and the sustainable development goal: journey to 2030**. Disponível em: <<https://www.eunwto.org/doi/book/10.18111/9789284419401>>. Acesso em: 29 mar. 2019.

TIDD, J.; BESANT, J.; PAVITT, K. **Managing innovation**. Chichester: John Wiley & Sons Ltda., 2005.

TOMÉ, L. M. Turismo no Nordeste: aspectos gerais. **Caderno Setorial Etene**, Ano 2, n. 20, 2017.

TORRE, De La. **El turismo: fenómeno social**. México: Fondo de Cultura Económica, 1992.

TRIBE, J. **The economics of recreation, leisure and tourism**. Routledge, 2015.

TRIGO, L. G. G. **A sociedade pós-industrial e o profissional em turismo**. 4. ed. Campinas, SP: Papirus, 2000.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

ULIAN, E.; SANTOS, J. B.; GOBBO, J. A. Inovação verde como ferramenta estratégica para obter o desenvolvimento sustentável. In: Simpósio de Tecnologia em Meio Ambiente e Recursos Hídricos, 4, 2012, Jahu. **Anais...** São Paulo: FATEC, 2012. p. 310-319.

VAZ, Gil Nuno. **Marketing Turístico: receptivo e emissivo**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2001.

VENKATRAMAN, Sitalakshmi; NAYAK, Raveendranath Ravi. Relationships among triple bottom line elements. **Journal of Global Responsibility**, v. 6, n. 2, p. 195-214, 2015.

VENKATRAMAN, N.; RAMANUJAM, V. Medição do desempenho das empresas em investigação estratégica: Uma comparação de abordagens. **Acad. Manag**, v. 76.

VERZTMAN, J. S. Estudo psicanalítico de casos clínicos múltiplos. In: NICOLACI-DACOSTA, A. M.; ROMÃO-DIAS, D. R. (Orgs.). **Qualidade faz diferença: métodos qualitativos para a pesquisa em psicologia e áreas afins**. Rio de Janeiro, RJ: Loyola, 2013. p. 67-92.

VIEIRA, M. M. F. Por uma boa pesquisa (qualitativa) em administração. In: VIEIRA, M. M. F.; ZOUAIN, D. M. **Pesquisa qualitativa em Administração**. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2006.

WAGNER, M. **Sustainability-related innovation and sustainability management**. A quantitative analysis. Lüneburg: Centre for Sustainability Management, 2008.

WALS, A. E. J.; SCHWARZIN, L. Fostering organizational sustainability through dialogic interaction. **The Learning Organization**, v. 19, n. 1, p. 11-27, 2012.

WORLD TRAVEL AND TOURISM COUNCIL (WTTC). **Travel and tourism economic impact 2016**. 2016. Disponível em: <<https://www.wttc.org//media/files/reports/economic%20impact%20research/regions%202016/%20world2016.pdf>>. Acesso em: 20 jan. 2019.

XAVIER, A. F.; NAVEIRO, R. M.; AOUSSAT, A.; REYES, T. Systematic literature review of eco-innovation models: Opportunities and recommendations for future research. **Journal of Cleaner Production**, v. 149, p. 1278-1302, 2017.

YIN, R. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 5. ed. Porto Alegre: Bookman, 2015.

APÊNDICE A – Roteiro da entrevista semiestruturada realizada para caracterização das empresas instaladas no Riacho do Talhado e constatação da presença de turismo sustentável.

CARACTERIZAÇÃO DO EMPREENDIMENTO

1. Nome da empresa, responsável e contato: _____

2. Data de fundação? _____

3. Qual o porte da empresa (MEI, Pequeno Porte, Médio)? _____

4. Motivação para a criação do empreendimento? _____

5. Existem definidos missão, visão e valores da empresa? Se sim, quais são? _____

6. Quantidade de empregos gerados? (homens e mulheres) _____

7. Serviços ofertados? _____

DADOS DO EMPREENDEDOR

8. Naturalidade: _____

9. Gênero: () Masculino () Feminino

10. Idade:

() até 20 anos () de 21 a 30 anos () de 31 a 40 anos
 () de 41 a 50 anos () de 51 a 60 anos () mais de 61 anos

11. Escolaridade:

() Ensino Fundamental incompleto () Ensino Fundamental completo () Ensino
 Médio incompleto () Ensino Médio completo () Ensino Superior incompleto
 () Ensino Superior completo () Pós-graduação (especialização)
 () Pós-graduação (mestrado) () Pós-graduação (doutorado)

TURISMO SUSTENTÁVEL

12. O Conselho Brasileiro para o Turismo Sustentável (CBTS) elaborou sete 7 princípios técnicos que validam o turismo sustentável, que foram transformados em questionamentos, que são:

a. Quais as licenças ambientais foram necessárias para a funcionamento da empresa? Quais os órgãos de fiscalização que atuam na região? O que a empresa faz para atender as demandas apresentadas? (O turismo deve respeitar a legislação vigente no País, em todos os níveis, e as convenções internacionais de que o Brasil é signatário).

b. De que forma a empresa respeita os direitos das populações locais? Quais as medidas que empresa a adota para garantir a preservação do meio ambiente e sua diversidade?

(O turismo deve buscar promover mecanismos e ações de responsabilidade social, ambiental e de equidade econômica, inclusive a defesa dos direitos humanos de uso da terra, mantendo ou ampliando, a médio e longo prazos, a dignidade dos trabalhadores e comunidades envolvidas)

c. De que forma a empresa monitora os impactos ambientais da atividade turística na localidade? (Em todas as fases de implementação e operação, o turismo deve adotar práticas de mínimo impacto sobre o ambiente natural, monitorando e litigando efetivamente os impactos, de forma a contribuir para a manutenção das dinâmicas e processos naturais e seus aspectos paisagísticos, físicos e biológicos, considerando o contexto social e econômico existente)

d. A organização considera o patrimônio cultural e valores locais? Se sim, quais ações já foram realizadas nesse sentido? Houve algum planejamento e contato anterior com a comunidade local antes da implementação da atividade? (O turismo deve reconhecer e respeitar o patrimônio histórico e cultural das regiões e localidades receptoras a ser planejado, implementado e gerenciado em harmonia com as tradições e valores culturais, colaborando para o seu desenvolvimento)

e. Como a empresa estimula o desenvolvimento social e econômico do entorno do Riacho do Talhado? Quais as capacitações que empresa já forneceu para seus colaboradores? (O turismo deve contribuir para o fortalecimento das economias locais, a qualificação das pessoas, a geração crescente de trabalho, emprego e renda e o fomento da capacidade local de desenvolver empreendimentos turísticos)

f. Quais as ferramentas utilizadas para garantir a qualidade dos produtos, processos e atitudes? Como são divulgados os resultados gerados por essas ferramentas? O que a

empresa faz para cumprir as normas de higiene e segurança do trabalho? (O turismo deve avaliar a satisfação do turista e verificar a adoção de padrões de higiene, segurança, informação, educação ambiental e atendimento estabelecidos, documentados, divulgados e reconhecidos)

g. São estabelecidos o planejamento e a gestão responsáveis visando as questões referentes a sustentabilidade ambiental? São consideradas às questões ambientais na relação com os fornecedores? (O turismo deve estabelecer procedimentos éticos de negócios visando engajar a responsabilidade social, econômica e ambiental de todos os integrantes da atividade, incrementando o comprometimento do seu pessoal, fornecedores e turistas em assuntos de sustentabilidade, desde a elaboração de sua missão, objetivos, estratégias, metas, planos e processos de gestão.)

APÊNDICE B – Roteiro da entrevista semiestruturada para identificação das práticas de ecoinovação e dos seus determinantes nas empresas instaladas no entorno do Riacho do Talhado.

ECOINOVAÇÃO

A pesquisa adotou para fins orientação o modelo proposto pela OCDE (2009) no qual a ecoinovação representa uma inovação que resulta em uma redução do impacto ambiental, não importa se esse efeito é intencional ou não, considerando ainda que o âmbito da ecoinovação pode ir além dos limites convencionais das empresas em inovar e envolver um regime social mais amplo, que provoca alterações das normas socioculturais e estruturas institucionais.

1. Buscando identificar as práticas de ecoinovação nas empresas do entorno do riacho do talhado, foi adaptado um modelo proposto por Cândido e Brito (2019) para o *trade turístico*, conforme lista abaixo:

Checklist das principais ecoinovações adotadas nas empresas pesquisadas

Tipos de ecoinovações	Presentes na empresa pesquisada
Uso de economizadores de energia nas unidades habitacionais	() Sim () Não () Parcialmente
Trocas de lâmpadas por tecnologia LED	() Sim () Não () Parcialmente
Troca de aparelhos de Tv por modelos mais novos	() Sim () Não () Parcialmente
Substituição de frigobares e geladeiras com mais de 10 anos por modelos mais novos	() Sim () Não () Parcialmente
Lavagem de enxovais em lavanderias industriais	() Sim () Não () Parcialmente
Uso de torneiras automáticas	() Sim () Não () Parcialmente
Instalação de cisternas para armazenamento de água da chuva	() Sim () Não () Parcialmente
Substituição de válvulas por caixas acopladas em banheiros	() Sim () Não () Parcialmente
Construção ou reforma do prédio com a preocupação ambiental	() Sim () Não () Parcialmente
Uso de tijolos de jornal e gesso nas construções, ou outro material ecológico	() Sim () Não () Parcialmente
Utensílios fabricados com reaproveitamento de materiais que seriam descartados	() Sim () Não () Parcialmente
Aproveitamento da luz solar para aquecimento da água ou geração de energia	() Sim () Não () Parcialmente
Reaproveitamento de águas de limpeza e de maquinários para fins diversos	() Sim () Não () Parcialmente
Reaproveitamento do lixo orgânico para compostagem, produção de combustível ou outra aplicação	() Sim () Não () Parcialmente
Realização da coleta seletiva com destinação específica para os resíduos	() Sim () Não () Parcialmente
Planejamento de itinerários para redução de uso de transportes e deslocamentos pouco eficientes	() Sim () Não () Parcialmente
A empresa promove divulgação de suas ações sustentáveis para seus clientes	() Sim () Não () Parcialmente

Site institucional com opções de compra e reserva, check-in e check-out	() Sim () Não () Parcialmente
Alimentos de produção própria nos cardápios de restaurantes	() Sim () Não () Parcialmente
Aproveitamento da luz natural do sol para iluminação diurna	() Sim () Não () Parcialmente
Otimização dos fluxos de ar e dos sistemas de ventilação naturais em detrimento dos sistemas convencionais elétricos de climatização dos ambientes	() Sim () Não () Parcialmente
Conscientização dos hóspedes quanto à solicitação de que a lavagem de enxoval não seja diária	() Sim () Não () Parcialmente
Redução do desperdício de alimentos através da cobrança de taxa por desperdício	() Sim () Não () Parcialmente
Uso de garrafas e embalagens retornáveis	() Sim () Não () Parcialmente
Conscientização dos colaboradores a partir de campanhas, treinamentos e outros cursos de capacitação em gestão ambiental	() Sim () Não () Parcialmente
Preocupação constante com a manutenção das instalações do negócio, evitando desperdícios de recursos por mau funcionamento da estrutura física	() Sim () Não () Parcialmente
Acompanhamento e avaliação mensal do consumo energético	() Sim () Não () Parcialmente
Fornecimento de manuais e campanhas para ajudar parceiros a melhorar seu desempenho ambiental, divulgando suas iniciativas	() Sim () Não () Parcialmente
Preferência de consumo de insumos locais	() Sim () Não () Parcialmente
Decoração com obras de artistas locais	() Sim () Não () Parcialmente
Parcerias com fornecedores para práticas sustentáveis	() Sim () Não () Parcialmente
Parcerias com instituições educacionais para realização de cursos ou palestras sobre gestão ambiental e ecológica	() Sim () Não () Parcialmente

Fonte: Adaptado de Cândido e Brito (2019).

DETERMINANTES DA ECOINOVACÃO

2. De que forma os clientes valorizam as ações adotadas pelo empreendimento para redução dos impactos ambientais?

3. Algumas das ecoinovações adotadas foram motivadas para obter reconhecimento por parte dos clientes? Quais?

4. Quais as principais barreiras e dificuldades para adoção de ecoinovações?

5. Há uma legislação local que regule o funcionamento do empreendimento no que concerne às questões ambientais? De que forma ela afeta a adoção das ecoinovações?

6. Como a empresa interage com as Universidades, outras instituições ou empresas que podem auxiliar na adoção de ecoinovações?

7. Existe alguma política de governo ou subsídios que ajudem a empresa na adoção de práticas de ecoinovação?

8. Como você, enquanto empreendedor, incentiva a adoção de ecoinovação na sua empresa?

9. De que forma as questões ambientais são inseridas no planejamento estratégico da empresa?

10. De que forma ações de ecoinovações podem auxiliar o seu estabelecimento a ser reconhecido como operador de turismo sustentável?

11. Defina em três palavras o que é turismo sustentável para você?

ANEXO A – Checklist das principais ecoinovações adotadas nos empreendimentos.

Tipos de ecoinovações	Situação na Empresa Pesquisada		
	Pousada Mirante do Talhado	Pousada Verde Canyon de Luz	Pousada e Restaurante Ecológico Castanho
Uso de economizadores de energia nas unidades habitacionais	(X) Sim () Não () Parcialmente	(X) Sim () Não () Parcialmente	(X) Sim () Não () Parcialmente
Trocas de lâmpadas por tecnologia LED	(X) Sim () Não () Parcialmente	(X) Sim () Não () Parcialmente	(X) Sim () Não () Parcialmente
Troca de aparelhos de Tv por modelos mais novos	(X) Sim () Não () Parcialmente	() Sim (X) Não () Parcialmente	(X) Sim () Não () Parcialmente
Substituição de frigobares e geladeiras com mais de 10 anos por modelos mais novos	(X) Sim () Não () Parcialmente	(X) Sim () Não () Parcialmente	(X) Sim () Não () Parcialmente
Lavagem de enxovais em lavanderias industriais	(X) Sim () Não () Parcialmente	(X) Sim () Não () Parcialmente	(X) Sim () Não () Parcialmente
Uso de torneiras automáticas	() Sim (X) Não () Parcialmente	() Sim (X) Não () Parcialmente	() Sim () Não (X) Parcialmente
Instalação de cisternas para armazenamento de água da chuva	(X) Sim () Não () Parcialmente	(X) Sim () Não () Parcialmente	() Sim () Não (X) Parcialmente
Substituição de válvulas por caixas acopladas em banheiros	(X) Sim () Não () Parcialmente	(X) Sim () Não () Parcialmente	(X) Sim () Não () Parcialmente
Construção ou reforma do prédio com a preocupação ambiental	(X) Sim () Não () Parcialmente	(X) Sim () Não () Parcialmente	(X) Sim () Não () Parcialmente
Uso de tijolos de jornal e gesso nas construções, ou outro material ecológico	(X) Sim () Não () Parcialmente	(X) Sim () Não () Parcialmente	(X) Sim () Não () Parcialmente
Utensílios fabricados com reaproveitamento de materiais que seriam descartados	(X) Sim () Não () Parcialmente	(X) Sim () Não () Parcialmente	(X) Sim () Não () Parcialmente
Aproveitamento da luz solar para aquecimento da água ou geração de energia	(X) Sim () Não () Parcialmente	(X) Sim () Não () Parcialmente	(X) Sim () Não () Parcialmente

Reaproveitamento de águas de limpeza e de maquinários para fins diversos	(X) Sim () Não () Parcialmente	(X) Sim () Não () Parcialmente	(X) Sim () Não () Parcialmente
Reaproveitamento do lixo orgânico para compostagem, produção de combustível ou outra aplicação	(X) Sim () Não () Parcialmente	(X) Sim () Não () Parcialmente	(X) Sim () Não () Parcialmente
Realização da coleta seletiva com destinação específica para os resíduos	(X) Sim () Não () Parcialmente	(X) Sim () Não () Parcialmente	(X) Sim () Não () Parcialmente
Planejamento de itinerários para redução de uso de transportes e deslocamentos pouco eficientes	() Sim (X) Não () Parcialmente	() Sim (X) Não () Parcialmente	() Sim (X) Não () Parcialmente
A empresa promove divulgação de suas ações sustentáveis para seus clientes	(X) Sim () Não () Parcialmente	(X) Sim () Não () Parcialmente	(X) Sim () Não () Parcialmente
Site institucional com opções de compra e reserva, check-in e check-out	(X) Sim () Não () Parcialmente	(X) Sim () Não () Parcialmente	(X) Sim () Não () Parcialmente
Alimentos de produção própria nos cardápios de restaurantes	(X) Sim () Não () Parcialmente	(X) Sim () Não () Parcialmente	(X) Sim () Não () Parcialmente
Aproveitamento da luz natural do sol para iluminação diurna	(X) Sim () Não () Parcialmente	(X) Sim () Não () Parcialmente	(X) Sim () Não () Parcialmente
Otimização dos fluxos de ar e dos sistemas de ventilação naturais em detrimento dos sistemas convencionais elétricos de climatização dos ambientes	(X) Sim () Não () Parcialmente	(X) Sim () Não () Parcialmente	(X) Sim () Não () Parcialmente
Conscientização dos hóspedes quanto à solicitação de que a lavagem de enxoval não seja diária	() Sim (X) Não () Parcialmente	() Sim (X) Não () Parcialmente	() Sim (X) Não () Parcialmente
Redução do desperdício de alimentos através da cobrança de taxa por desperdício	() Sim (X) Não () Parcialmente	() Sim (X) Não () Parcialmente	() Sim (X) Não () Parcialmente
Uso de garrafas e embalagens retornáveis	() Sim (X) Não () Parcialmente	() Sim (X) Não () Parcialmente	() Sim (X) Não () Parcialmente

Conscientização dos colaboradores a partir de campanhas, treinamentos e outros cursos de capacitação em gestão ambiental	(X) Sim () Não () Parcialmente	(X) Sim () Não () Parcialmente	(X) Sim () Não () Parcialmente
Preocupação constante com a manutenção das instalações do negócio, evitando desperdícios de recursos por mau funcionamento da estrutura física	(X) Sim () Não () Parcialmente	(X) Sim () Não () Parcialmente	(X) Sim () Não () Parcialmente
Acompanhamento e avaliação mensal do consumo energético	(X) Sim () Não () Parcialmente	(X) Sim () Não () Parcialmente	(X) Sim () Não () Parcialmente
Fornecimento de manuais e campanhas para ajudar parceiros a melhorar seu desempenho ambiental, divulgando suas iniciativas	() Sim (X) Não () Parcialmente	() Sim (X) Não () Parcialmente	() Sim (X) Não () Parcialmente
Preferência de consumo de insumos locais	(X) Sim () Não () Parcialmente	(X) Sim () Não () Parcialmente	(X) Sim () Não () Parcialmente
Decoração com obras de artistas locais	(X) Sim () Não () Parcialmente	(X) Sim () Não () Parcialmente	(X) Sim () Não () Parcialmente
Parcerias com fornecedores para práticas sustentáveis	(X) Sim () Não () Parcialmente	(X) Sim () Não () Parcialmente	(X) Sim () Não () Parcialmente
Parcerias com instituições educacionais para realização de cursos ou palestras sobre gestão ambiental e ecológica	(X) Sim () Não () Parcialmente	(X) Sim () Não () Parcialmente	(X) Sim () Não () Parcialmente

Fonte: Adaptado de Cândido e Brito (2019) com dados da pesquisa.